Universidade de São Paulo

Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz"

Uso tradicional de "Potsotaroki" (*Trichilia pallida*) e a confecção de artesanato em uma Comunidade Indígena Asháninka, nas Áreas Protegidas de Vilcabamba, Peru.

Giselle Natividad Cruzado Melendez

Dissertação apresentada para obtenção do titulo de Mestre em Recursos Florestais, com opção em Conservação de Ecossistemas Florestais

Piracicaba
2007

Giselle Natividad Cruzado Melendez

Engenheiro Florestal

Uso tradicional de "Potsotaroki" (*Trichilia pallida*) e a confecção de artesanato em uma Comunidade Indígena Asháninka, nas Áreas Protegidas de Vilcabamba, Peru.

Orientadora:

Profª. Dra. TERESA CRISTINA MAGRO

Dissertação apresentada para obtenção de titulo de Mestre em Recursos Florestais, com opção em Conservação de Ecossistemas Florestais

Piracicaba
2007

DEDICATÓRIA

A todos meus amigos da Comunidade Indígena Camantavishi e Cutivireni em especial a Gladys, Ana, Túlio, César, e Jaime. Por me acolher como Noshaninka desde o primeiro momento em que cheguei a sua terra, me mostrar que nada é por acaso e tudo é relativo.

AGRADECIMENTOS

A Guillermo (in memoriam), Tarcila, Melina, Christiam, Rudy e Nataly, por serem minha razão para continuar na busca do entendimento e por simplesmente me amar como sou.

Ao Percy "Sábana" por me mostrar a magia que foi viver entre a floresta e o povo Asháninka e por ser meu exemplo para sair em busca de novas metas.

A todos meus amigos de ACPC, el Chato, Billy, David, Yeca, Giova, Diana, Suavecita, Michel, Hector, Alfredo e em especial ao meu filhinho Hans, Jorge, Lili e Adrian por me ajudarem com os dados para a dissertação.

Ao programa de bolsas locais e regionais da embaixada da Bélgica pela oportunidade e confiança.

À minha orientadora Profª Teresa Cristina Magro pela paciência em aceitar minhas idéias, seu apoio principalmente, nos últimos meses da escrita e me ajudar na fase de campo "salvando vidas na enchente".

Aos professores Maria Eliza de P.E Garavello, Carlos Diegues e Enrique Rojas, por suas preciosas contribuições no amadurecimento das idéias para começar o trabalho

A minha amiga astral Silvia "Oka" por seus sábios conselhos de irmã mais velha e por me mostrar as coisas doces da vida.

Ao bajito Mauricio "π-ru" que criou em mim o sonho Brasileiro, e me impulsionou a chegar até aqui.

Aos meninos da casa 3 e 4, Giovanna, Milena, Miriam, Claudia Irene, Heloiza, Claudio, Wiri, Dri, por esses momentos tão especiais de convivência que me fizeram esquecer as saudades de casa e me mostrar que o "futuro" também é previsível.

Ao viejito Bruninho, pelo valioso apoio nas traduções em Inglês e nossos relaxantes passeios de domingo.

Ao pessoal da salinha da Pós e agregados, Vânia, Joyce, Victor, che Carlitos, Dani Talora, Laurão, Camila, Biba, Henrique, por me agüentar todo esse tempo, em especial a Claudia Coelho por seus primeiros toques na revisão desse trabalho, e por seus cafezinhos da tarde, e ao Grelha por me salvar os finais de semana quando não dava mais para me concentrar na escrita.

A Pupunha, por me acompanhar na loucura e alegria, e por nossos "*perfect day*" à beira do mar.

Ao "Clube da Pamonha", André, Jesus, Teresa, Xell, Rê, Rosi, Douglash, P. Longón, Rogerinho, Fabiola, Renata, Maryellow, Luciana, Josie, Marisinha, Ciça, Milene, por essa primeira viagem ao Atlântico que marcou minha vida.

A meus visinhos, Triva, Cansado, Rogerinho, Raquel, pelos dias em que a mente precisava não pensar, só deixar rolar.

Às republicas "Buxa", "Brejão" e seus agregados, em especial a meu pupilo Xibongu, Tio João, Anta, Patolino, Lava-pé, Matheus, Ao-paço, Salim, pelos momentos de "inspiração" e "descontração" que fizeram mais alegre minha adaptação ao Brasil.

A Roger, Maria Elisa, Cristof e Cristian, minha família de Costa Rica, por me receber com o coração e portas abertas no seu Lar.

À minha irmã Maryellow, por sua acolhida e amizade na minha chegada a esse país, por ser minha enfermeira de coração e me levar a Ilha do Cardoso, onde fui muito feliz.

Á minha madrinha Renata pelos "empurrõnzinhos" dos quais nunca me arrependi, por nossas longas conversas com o Navarro e sobre todo por sua grande paciência para me escutar sempre.

À Tagarela Xell; por ter tempo e ouvidos para mim, e me mostrar que nossa vida também é "cor de rosa".

Ao meu amigo Rafa, por nossos altos papos na vila sobre os indígenas e os planos futuros, em companhia de nosso fiel "*pe-o-rrito*".

A Ciça, minha amiga da alma, por esses momentos em que não precisávamos falar, em que o pensamento e a intuição diziam tudo.

Ao Beija-flor que aparecia quando mais o precisava, salvando meus dias vazios.

À Cris "*la japinha*", que entendeu meu afastamento de casa nos últimos meses, por suas valiosas correções do *portunhol* e em especial por nossos inspiradores momentos entre "artes e musicas" que fizeram minha estadia mais amena.

À mãe Terra, meu pai Sol, ao misterioso mar e à inseparável Lua, por que me dão o prazer de ter mais um dia para amar.

A todo o povo Brasileiro que me adotou e cuidou durante esses anos, fazendo que a metade do meu coração seja *"Blanqui-roja*" e a outra metade "Verde-amarela"

O Primeiro encontro

"Era um domingo como outros em Camantavishi; não entanto diferente, no dia anterior, Gladys, a presidenta do clube de madres havia me contado que os "Asháninka de altura" chegariam até Camantavishi para nos visitar, curiosa por serem meus primeiros acercamentos com os indígenas, perguntei o que viriam fazer, ela me explicou que eles trazem coisas que não é possível encontrar nas partes baixas, mas não me falou o que; ainda a confiança não tinha atingido nossos corações. [...] chegou a hora, as crianças e adultos em grande alvoroço, quando saí de casa, ai estavam eles, em pé, ordenados em fila, sem sapatos, sem falar nada, só olhando, eram mais baixos que do normal, com os rostos sérios pintados de urucum, seus vestidos e bolsas (Cushmas e tzaratos) de algodão nativo de cor vermelhos, quase marrom. O tempo todo sem falar, falar o que? Um deles olhou minha roupa, coincidentemente tinha um short de banho cumprido, de esses que se usam para surf, falaram entre eles, e um assinalou o meu short, olhei para alguém me dizer algo, mas nada, sem saber o que fazer assinalei o seu Tzarato, totalmente diferente dos que tinha visto [...] quando entreguei o meu short e ele me deu o seu Tzarato só esboçamos um sorriso, nunca mais o vi. Era meu primeiro contato com o Potsotaroki e era o primeiro impacto que nos causávamos"

Primavera de 1999

SUMARIO

RESUMO....9
ABSTRACT....10
RESUMEN....11
LISTA DE ABREVIATURAS....12
1 INTRODUÇÃO....13
2 O POVO INDIGENA ASHANINKA E AS ÁREAS PROTEGIDAS....15
Resumo....15
Abstract....15
2.1 Introdução....16
2.1 Desenvolvimento....17
2.2.1 Revisão Bibliográfica....17
2.2.1.1 Definindo aos Povos Indígenas....17
2.2.1.2 O Povo Indígena Asháninka....18
A. Os Asháninka do Brasil....21
B. A violência como parte da história Asháninka....24
C. Influências sobre o Sistema Produtivo Tradicional....25
D. As representações artísticas....29
2.2.1.3 Áreas Protegidas no Âmbito Indígena....31
2.2.2 Metodologia....35
2.2.2.1 Seleção de área de estudo....35
2.2.2.2 Características da área de estudo....35
2.2.2.2.1 Aspectos biofísicos....36
2.2.2.2.2 Aspectos Sócio-econômicos....37
2.2.2.2.3 Potencial Florestal....37
2.2.2.2.4 Acesso ao mercado mais próximo....38
2.2.2.3 Coleta de dados....39
2.2.2.4 Análise dos dados....40
2.2.3 Resultados e Discussão....41
2.2.3.1 Participação dos Asháninka na gestão das ANP....41
2.2.3.2 A arte Indígena sobe a influência do mercado....47
I. Os artesanatos em números....48
II. Impactos na organização....50
III. Quando o utensílio vira artesanato....51
IV. Descaracterização das vestimentas....53
V. A troca como atributo cultural....55
2.3 Considerações Finais....56
Referências....58
3 OS USOS TRADICIONAIS DE POTSOTAROKI (*Trichilia pallida*) E SUAS MUDANÇAS....63
Resumo....63
Abstract....63
3.1 Introdução....64
3.2 Desenvolvimento....66
3.2.1 Revisão Bibliográfica....66
3.2.1.1Descrição da espécie *Trichilia pallida*....66

A. Biologia das flores.....66
B. Fenologia e sistema de reprodução.....68
C. Fuste.....69
D. Propriedades inseticidas.....70
3.2.1.2 Corantes Naturais 70
3.2.1.3 Mitologia indígena na classificação e uso das plantas 71
3.2.1.4 Importância da área de amortecimento de Vilcabamba 78
3.2.1.5 Turismo e Povos Tradicionais 83
3.2.1.6 O Turismo que levou a conhecer grandes segredos.....85
3.2.2 Metodologia.....86
3.2.2.1 Seleção de área de estudo.....86
3.2.2.2 Características da área de estudo.....86
3.2.2.2.1 Aspectos biofísicos.....87
3.2.2.2.2 Aspectos Socioeconômicos.....88
3.2.2.2.3 Potencial Florestal.....88
3.2.2.2.4 Acesso ao mercado mais próximo.....89
3.2.2.3 Coleta de dados 90
3.2.2.4 Análise dos dados 91
3.2.3 Resultados 93
3.2.3.1 Participação masculina no uso tradicional da espécie *Trichilia pallida*.....93
3.2.3.2 Técnicas de aproveitamento 94
A. Corte seletivo 94
B. Corte total 94
C. Derrubada.....95
3.2.3.3 Técnicas de tingimento.....97
Preparação de corantes 98
3.2.3.4Tecidos de algodão tingidos com *Trichilia pallida* 100
3.2.3.5 Mudanças no tingimento dos vestidos.....103
3.2.3.6 Possíveis fatores geradores do impacto.....105
A. Disponibilidade de recursos naturais 105
C. Visitação turística.....109
D. Contato com intermediários.....111
4 DISCUSSÃO 114
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS 118
Referências 120

RESUMO

Uso tradicional de "Potsotaroki" (*Trichilia pallida*) e a confecção de artesanato em uma Comunidade Indígena Asháninka, nas Áreas Protegidas de Vilcabamba, Peru.

No ano de 2003 formou-se na Amazônia peruana um sistema de Áreas Naturais Protegidas (ANP) constituído pelo Parque Nacional Otishi e as Reservas Comunais Indígenas Asháninka e Matsiguenga. A legalização desse sistema tem por finalidade tanto a conservação da diversidade de espécies de flora e fauna, quanto a conservação do patrimônio cultural presente no âmbito da Cordilheira de Vilcabamba. Selecionou-se para esse estudo a comunidade Camantavishi do grupo Asháninka pertencente à família etnolinguistica Arawak pré-andino, cuja terra localiza-se na parte baixa da Cordilheira, na área de amortecimento das ANP. Conseqüentemente as decisões tomadas nesta parte terão repercussão direta sobre as partes altas de Vilcabamba. Com a formação das ANP as Comunidades Indígenas encontram-se sobe a influência de inúmeros fatores que geram impactos que podem ser considerados positivos ou negativos. O primeiro capítulo descreve o nível de participação dos povos indígenas na gestão das ANP, verificando-se que existe o envolvimento por parte das autoridades representantes das comunidades. Como indicador dos impactos culturais que ocorrem no interior da unidade produtiva fez-se uso da caracterização das variações na produção artesanal decorrentes da inserção ao mercado. No segundo capítulo, aprofunda-se sobre as técnicas de aproveitamento e o manejo tradicional da espécie florestal *Trichilia pallida* e suas mudanças provenientes do contato com múltiplos fatores exógenos à cultura Asháninka. São apresentadas as principais características da espécie, obtidas através de dados secundários bem como de informações obtidas junto à Comunidade escolhida. Esse capítulo apresenta também resultados advindos do levantamento qualitativo com técnicas de observação participante e entrevistas parcialmente estruturadas realizadas junto a 30 mulheres e 11 homens que moram no núcleo de Camantavishi e 13 mulheres e 13 homens do centro Shima.

Palavras-chave: *Trichilia pallida;* Comunidade Camantavishi; Parque Nacional Otishi; Asháninka; Reservas Comunais Indígenas; Amazônia peruana

ABSTRACT

Traditional use of " Potsotaroki" and handcraft making in the Asháninka Indigenous Community within Protected Areas of Vilcabamba, Peru

In the year 2003, a system of Protected Natural Areas was formed in the Peruvian Amazon (ANP) constituted by the National Park Otishi and the Indigenous Communal Reserves of two ethnic groups, Asháninka and Matsiguenga. The beginning of this system had the purpose of conserving the diversity of flora and fauna species, as well as the conservation of the living cultural patrimony in the area of Vilcabamba Mountain. The Asháninka group was selected for this study belonging to the Preandino Arawak etnolinguistic family. The land of this group is situated in the low region of the Mountain forming the buffer zone of ANP; consequently the exploitation of resources in these areas will have direct effect on the high lands of the Mountain. As a result of ANP formation, the Indigenous Communities have now the influence of a variety of factors that generate impacts that can be considered positive or negative. The first chapter describes the participation level of the Indigenous people in the ANP management, trying to check if there is an involvement of the representative authorities of the communities. As an indicator of cultural impacts that occur in the core of the productive unit, it was used the characterization of the variations in the handcrafts from the new processes that come from the contact with the market. In the second chapter describes deeply in the techniques of exploitation and the traditional handling of the forest species, *Trichilia pallida* and its changes preceding the contact with multiple exogenous factors from Asháninka culture. The main characteristics of the species are presented here, from secondary data as well as information from the Camantavishi Community. This chapter also presents results from the qualitative survey with techniques of participatory observation and partially structured interviews done with 30 women and 11 men who live in the nucleus of Camantavishi Community and 13 women and 13 men of the Shima center.

Keywords: *Pallida Trichilia;* Otishi Park National; Asháninka; Communal Reserves; Peruvian Amazon; Handcrafts indigenous.

RESUMEN

Uso Tradicional de "Potsotaroki" (Trichilia pallida) y la confección de artesanías en una Comunidad Indígena Asháninka, en las Áreas Protegidas de Vilcabamba

En el año 2003 se formo en la amazonía peruana un sistema de Áreas Naturales Protegidas (ANP) constituido por el Parque Nacional Otishi y la Reservas Comunales Indígenas del grupo étnico Asháninka e Matsiguenga. La formalización de este sistema tiene por finalidad tanto la conservación de la diversidad de especies de flora y fauna, como la conservación de del patrimonio cultural presente en el ámbito de la Cordillera de Vilcabamba. Para el presente estudio se selecciono la comunidad Camantavishi del grupo Asháninka perteneciente a la familia etnolingüística Arawak pré Andino, cuyo territorio se localiza en la parte baja de la Cordillera formando las zonas de amortiguamiento de las ANP. Consecuentemente cualquier decisión tomada en estas áreas tendrá repercusión directa sobre las partes altas de la Cordillera. Como resultado de la creación de las ANP, las comunidades indígenas se encuentran bajo la influencia de un sinnúmero de factores que generan impactos que poden ser considerados a su vez positivos o negativos. El primer capítulo describe el nivel de participación de los pueblos indígenas en la gestión de las ANP, verificándose que os representantes de base se encuentran realmente involucrados con este proceso. Como indicador de los impactos culturales que pueden ocurrir al interior de la unidad productiva se caracterizan las variaciones en la producción artesanal proveniente de la inserción de nuevos procesos provenientes del contacto con el mercado. En el segundo capitulo, se profundiza sobre las técnicas de aprovechamiento y el manejo tradicional de la especie forestal *Trichilia pallida* y sus cambios provenientes del contacto con diversos factores exógenos a su cultura. Son mostradas las principales características de la especie, obtenidas a través de los datos segundarios así como de las informaciones levantadas junto a la comunidad Camantavishi. Este capítulo presenta también resultados derivados de las técnicas cualitativas como observación participante y entrevista parcialmente estructuradas realizadas junto a 30 mujeres y 11 hombres que moran en el núcleo de Camantavishi y 13 hombres y 13 mujeres del anexo Shima.

Palabras-clave: *Trichilia pallida*; Parque Nacional Otishi, Asháninka; Reservas Comunales Indígenas; Amazonía peruana; Artesanía indígena.

LISTA DE ABREVIATURAS

ACPC - Asociación Cutivireni

ANP - Áreas Naturais Protegidas

UICN - Unión Internacional para la Conservación de la Naturaleza

SINANPE - Sistema Nacional de Áreas Protegidas del Peru

INRENA - Instituto de Recursos Naturales

CI - Conservação Internacional

ISA - Instituto Sócio-ambiental

msnm - metros sobre o nível do mar

CVR – Comision de la Verdad y la Reconciliación

PCP-SL – Partido Comunista Peruano- Sendero Luminoso

MIR - Movimiento de Izquierda Revolucionario

MRTA – Movimiento Revolucionario Tupác Amaru

ELN – Ejercito de Liberación Nacional

1 INTRODUÇÃO

O Peru possui parte de seu território nacional resguardado em forma de Áreas Naturais protegidas (ANP) com um percentual de 13%, bem acima da média dos outros países da América Latina. As respectivas zonas de amortecimento abarcam cerca de 9% do território, tendo um total de quase 22% da superfície total destinada à conservação da natureza em seus diferentes níveis. No entanto, as zonas de amortecimento não se encontram dentro do sistema nacional de áreas naturais protegidas peruanas (SINANPE), tendo um regime legal diferente que o faz mais vulnerável.

As áreas de amortecimento cumprem um papel muito importante na proteção das ANP, e neste caso de estudo a responsabilidade recai diretamente sobre as comunidades indígenas Asháninka e Matsiguenga, as quais cumprem o papel de mitigar os impactos às Reservas Comunais e ao Parque Nacional Otishi.

Por tradição, as populações tradicionais possuem uma relação de dependência e até de simbiose com a natureza. A importância das simbologias; mitos e rituais associados à caça, à pesca e atividades extrativistas; a tecnologia utilizada relativamente simples, de impacto limitado sobre o meio ambiente e, a reduzida acumulação de capital, são algumas das características que foram selecionadas para eleger os territórios comunais indígenas como zona de proteção das ANP. Se estas características culturais forem modificadas intensamente, como acontece no contato com sociedades dominantes, corre-se o risco que os objetivos de conservação das ANP não sejam cumpridos, tendo consigo a perda dos rasgos culturais que fazem destes grupos étnicos sociedades com características marcantes.

O presente trabalho divide-se em dois capítulos, tentando abarcar e mostrar a maior informação possível sobre a situação atual do povo indígena Asháninka da selva central peruana, do conhecimento que eles possuem sobre os bens da natureza e como isso pode influir sobre a gestão das ANP circundantes.

No primeiro capitulo oferece-se um panorama geral sobre o envolvimento do povo indígena Asháninka com a gestão do sistema de áreas protegidas. Segundo a legislação peruana, os responsáveis pelo manejo de uma Reserva Comunal serão os próprios moradores adjacentes a estas áreas; já que são os principais beneficiários, em trabalho coordenado com as instituições governamentais e privadas.

No entanto, a formação deste sistema legal de proteção, pode gerar alterações ao interior das famílias indígenas, razão pela qual se avaliam aqui as modificações ocorridas nas características tradicionais do uso e manufatura dos artesanatos, como decorrência do contato com diferentes atores de cambio, sendo destacado o contato com o mercado como o que possui maior influencia sobre os povos. Se bem o contato com o mercado é um processo natural dado muito antes da formação das ANP, o desenvolvimento das atividades de conservação planejadas para estas áreas, origina um aumento das vias de comercialização, que se não forem levadas de forma organizada poderão por sua vez causar maiores impactos no modo de vida tradicional das comunidades.

No segundo capitulo, descrevem-se os usos tradicionais da espécie florestal Potsotaroki (*Trichilia pallida*) e suas mudanças. Detalham-se as técnicas de aproveitamento e sua forma de utilização, empregada ancestralmente como corante vegetal para o tingimento de prendas de vestir e acessórios feitos de algodão nativo. Esse capitulo tem como finalidade principal documentar os atributos dessa espécie, seu status atual, e as variações observadas durante os últimos quatro anos.

Mostram-se também os possíveis fatores responsáveis de cambio, que levaram às comunidades à escolha de outros tipos de indumentária, assim como a troca do corante vegetal por outros produtos sintéticos. Com a formação das ANP, poderia se acusar ao turismo como o principal fator gerador de impacto, mas como demonstrado neste estudo, existem ainda outros elementos que devem ser considerados e que podem ainda causar maiores variações negativas nas características tradicionais.

2 O POVO INDIGENA ASHANINKA E AS ÁREAS PROTEGIDAS

Resumo

A formação de um sistema de áreas protegidas em áreas adjacentes a terras ocupadas por povos indígenas, traz consigo possibilidades de divergências mas também de trabalho conjunto entre o governo e os povos tradicionais. Nesse caso de estudo, registra-se a modalidade de projetos integrados de Conservação e Desenvolvimento – PICD, no âmbito do Parque Nacional Otishi e da Reserva Comunal Asháninka na selva alta Peruana. Avalia-se o status da participação dos representantes indígenas nesse sistema e se identificam as inquietudes e preocupações provenientes dos moradores. Caracteriza-se também a produção artesanal como um aspecto cultural que pode agir como indicador dos impactos causados por fatores exógenos à comunidade, entre esses o mercado. Apresentam-se alguns aspectos culturais que foram modificados pelo contato com um sistema de comercialização diferente do tradicional. Os aspectos observados são: a) aumento na produtividade, b) tipo de organização para a comercialização, c) destino da produção, c) descaracterização das vestimentas tradicionais e d) a troca de produtos como característica fundamental de socialização.

Palavras chave: Áreas Naturais Protegidas; Projetos integrados de conservação e desenvolvimento; Povos Indígenas; Impactos culturais; Contato com o mercado.

Abstract

The creation of a protected areas system in an adjacent area used by indigenous people brings possibilities of divergences but also the possibility of mutual work between government and local people. In this study case, It was registered the form of integrated projects of Conservation and Development - IPCD, in the scope of the Otishi National Park and the Asháninka Communal Reserve in the Peruvian high forest. It is evaluated the participation status of indigenous representatives in this system and it is identified the concerns and problems from the inhabitants. The handcrafts production is also characterized as a cultural aspect that can act as an indicative of the impacts caused by exogenous factors from the community, like the market. There are some cultural aspects that have been modified by the contact with a way of commercialization that is different from the traditional one. They are: a) the increase of the production, b) type of commercial organization, c) destination of the production, c) local people are not using traditional clothes and d) changing products as the most important way of socialization

Key Words: Natural protected areas; Indigenous peoples; Cultural impacts; Contact with the market; Integrated projects of conservation and development

2.1 Introdução

No ano de 2003, na selva alta peruana, quando se formaram o Parque Nacional Otishi e duas Reservas Comunais, se teciam muitas ideais sobre as implicações que estas delimitações abstratas poderiam trazer às comunidades do entorno. Como é de esperar, as decorrências dessa ação teriam que ser o mais benéficas possíveis e minimamente prejudiciais, tanto para a população residente como para os recursos naturais.

Desde o ponto de vista do pesquisador imparcial e observador, pranteiam-se aqui perguntas que talvez não possam ser respondidas. Questões que gerem talvez mais dúvidas, mas que de alguma maneira, esperam contribuir com a tipificação de um caso em particular, criando com isso bases que ajudem em algum momento a encontrar uma melhor resposta, melhor para a natureza, melhor para o homem.

As áreas protegidas, significam na sua concepção literal, espaços que podem ser intervindos somente mediante autorização governamental, e em alguns casos, no sentido estrito do seu significado, são intocáveis para alguns. Mas, como esse tipo de "invento" humano, decorrente de uma sociedade em emergência, querendo proteger as últimas áreas naturais que servirão à suas futuras gerações é visto por aqueles que sempre viveram destas terras? Como é entendido e adotado o conceito de que seus limites, que antigamente não eram limites, são materializados no papel?. Cabe resgatar aqui o pensamento de Ricoeur (1975) que afirma que cada civilização percebe o mundo através dos sistemas que lhe são próprios, nesse caso como se pode julgar o que é bom, o que é melhor ou pior, para uma sociedade que pouco ou quase nada conhecemos?

O grupo em estudo, possui características pré-capitalistas e pré-mercantilistas, com uma maior dependência dos recursos da floresta e do campo, mas em certo grau inseridas num circuito comercial que dá saída aos seus produtos agrícolas. A relação com o seu território como em outras culturas desse tipo, inclui o espaço onde se desenvolvem as atividades produtivas e reprodutivas como grupo, e por tal, sua significância vai além da importância material.

Nesse capítulo, distinguem-se dois aspectos que objetivam visualizar de que forma as Áreas Naturais Protegidas - ANP e o contato com o mercado podem ter influência sobre a população indígena que mora no entorno. O primeiro tenta descobrir

de que modo as comunidades encontram-se envolvidas no processo de gestão das ANP e como o mesmo se desenvolve na atualidade. O segundo aspecto, é a caracterização da produção artesanal e sua relação com os processos de inserção nas atividades comerciais do entorno.

A cultura material é uma característica essencial dos povos da floresta que vincula sua pertença á terra e sua visão ideológica desta, por tanto, pode agir aqui como um indicador das mudanças que ocorrem ao interior dos seus sistemas produtivos.

Objetivos:

A. Caracterizar o envolvimento do povo Asháninka com o Sistema de Áreas Protegidas da Cordilheira de Vilcabamba.
B. Caracterizar a produção artesanal Asháninka e suas mudanças decorrentes do contato com o mercado.

2.1 Desenvolvimento

2.2.1 Revisão Bibliográfica

2.2.1.1 Definindo aos Povos Indígenas

Não existem definições inteiramente aceitas sobre quem são os povos indígenas e quais suas características específicas. Segundo a ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO - OIT (1989), o termo “Povos Indígenas” designa sociedades organizadas, com culturas e identidades próprias, destinadas a perdurar enfatizando a idéia de residência previa numa área, antes da conquista, da colonização ou da demarcação das atuais fronteiras. O Banco Mundial (2003) define como Indígenas, os grupos sociais cuja identidade é distinta da sociedade dominante, que os torna vulneráveis por serem desfavorecidos pelos processos de desenvolvimento.

Segundo Diegues (2000, 2001) ao longo do tempo as comunidades tradicionais foram englobadas no debate teórico, sob a denominação de sociedades parciais, por estarem inseridas numa sociedade mais ampla; sociedades camponesas, que dependem fundamentalmente do cultivo da terra, ou povos dos ecossistemas, aqueles

que se estabelecem em simbiose com os ecossistemas e conseguem viver por longo tempo mediante o uso sustentado de seus recursos naturais ou de recursos de ecossistemas contíguos.

Colchester (2000) também discorre sobre a definição de comunidades tradicionais e ressalta que não existe definição universalmente aceita de quem são as comunidades tradicionais ou nativas. O termo tradicional (*indigenous*) geralmente está relacionado a uma longa residência numa determinada área.

Ribeiro, (1957) apud Melatti, (1986, p 25) define o povo Indígena no Brasil como:

> *"Aquela parcela da população que apresenta problemas de inadaptação à sociedade brasileira, motivada pela conservação de costumes, hábitos ou meras lealdades que a vinculam a uma tradição pré-colombiana. Ou, ainda mais amplamente: índio é todo individuo reconhecido como membro por uma comunidade pré-colombiana que se identifica como etnicamente diversa da nacional e é considerada indígena pela população brasileira com que está em contato"*

De todos os intentos classificatórios, surgem inúmeras propostas e confusões. As tentativas são confusas devido à dificuldade de tentar dar uma definição para uma cultura que na verdade são várias culturas, para uma sociedade produto do intercambio com muitas sociedades, para povos que vivem do campo, mas que não evitam o contato com a cidade. A forma de tentar colocá-las dentro de somente uma nominação é a grande questão. No entanto, a maioria dos estudiosos no tema, concordam em selecionar e definir a auto-identificação e a identificação pelos outros membros do grupo, como um dos fatores essenciais para designar um indígena e com isso reconhecer seus direitos e deveres.

2.2.1.2 O Povo Indígena Asháninka

Segundo Rojas, (1994) os Asháninka surgiram do tronco étnico Proto-Arawak, os quais se encontravam concentrados no curso médio do Amazonas (perto da localização atual da cidade de Manaus, Brasil). Graças à alta fertilidade destas terras e a aquisição de mecanismos mais eficientes na produção agrícola, se gerou um crescimento populacional descontrolado entre os Proto-Arawak, sendo posteriormente

deslocados até diversos rios e afluentes, até chegarem às terras altas inundáveis e os limites dos Andes. Nessa mobilização, o tronco Proto-Arawak começa a separar-se em diversos grupos, dando formação ao grupo étnico Asháninka.

Dentro da classificação Etno-lingüística atual, os Asháninka pertencem à família Arawak pré-andinos, classificação dada para as línguas da floresta tropical do Peru e Brasil. Essa família é uma das mais extensas da América e inclui numerosos idiomas falados pelos Indígenas da América do Sul e Caribe até o período antes da conquista espanhola (ATLAS LINGUISTICO, 1988; VARESE, 1968). O nome “Asháninka” no dialeto local pode ser traduzido como “nossos parentes e afins" de forma que o conjunto de membros do grupo é entendido como uma totalidade de indivíduos relacionados por afinidade e consangüinidade (ROJAS, 1992).

Durante a maior parte da história o grupo étnico Asháninka recebeu distintas nominações, tais como: Kampa, Camba, Thampa, Komparira, Anti, Chuncho ou Chascoso. Esses apelativos foram dados como produto do encontro violento e confuso entre as missões franciscanas, as expedições militares e os clãs Asháninka, sendo todos eles de conotação pejorativa (ISA, 2006; SORIA; CASANTO, 2002; ATLAS LINGUISTICO, 1988).

Segundo Lehnerts (1974) apud Rojas (1994) entre os séculos XVII –XVIII, em plena época das missões cristãs, a população Asháninka peruana teve uma baixa considerável, devido às fortes epidemias e doenças para as quais eles não tinham o sistema imunológico adequado, dando-se uma decaída populacional na razão de 3,5 para 1. Ainda, o aumento das missões gerou um impacto considerável na vida dos povoadores, segundo o Instituto Sócio-ambiental - ISA (2006) desde o ponto de vista indígena, a vida nas missões é também associada à morte e ao terror, fundamentando as bases das revoltas indígenas.

Na época da extração da borracha durante os séculos XIX e início do XX, o crescente comércio desse produto foi mais uma das razões para evitar a recuperação demográfica produzindo a dizimação de vários povos indígenas em terras Peruanas e Brasileiras (ROJAS, 1994; ISA, 2006).

Como parte da recuperação demográfica, nos anos 1970 Denevan (1972) observou um aumento na população peruana, que foi entre 24.000 e 26.000

povoadores. Em 1976 a população chegou a 34.000 pessoas e em 1989 alcançou 45.000. Como bem menciona Rojas (1994) esse incremento acelerado da população, não corresponde a características das sociedades tribais, mas se acredita na hipótese de que esse câmbio corresponde a uma serie de fatores influentes como a medicina preventiva, introduzida nos anos 1970 pelas missões católicas e protestantes e pelas ações dos projetos públicos e privados de desenvolvimento.

Segundo o Instituto Nacional de Estatística e Informática - INEI (1993) e *Instituto Nacional de Recursos Naturales* - INRENA (2002) no ultimo censo populacional peruano de 1993 se registraram 51.063 Asháninka, que representa 21,89% da população indígena amostrada. Esse grupo encontra-se distribuído em 359 comunidades, localizadas nas áreas de floresta tropical dos departamentos[1] de Junín, Cerro de Pasço, Cuzco e Ucayali. Com esses dados o povo Asháninka se constitui no maior grupo étnico da Amazônia Peruana (ACPC, 2000; SORIA; CASANTO, 2002). No Brasil, segundo os dados do Instituto Sócio Ambiental - ISA (2006) a população chegaria a 869 pessoas em 2004, localizados no estado do Acre na região do Alto Juruá e na margem direita do Rio Envira.

Em Junín, na bacia do Rio Ene, região desse estudo, existem quinze comunidades Asháninka tituladas e reconhecidas legalmente, com uma extensão total maior que 200.000 ha e com uma população aproximada de 4.000 habitantes, sendo que a maior parte deles não fala o idioma espanhol. No distrito de Rio Tambo, existem 32 comunidades com uma população maior que 6.500 habitantes. Estas comunidades se encontram organizadas em "*bases centrais*" tendo um representante por bacia (ACPC, 2000)

A unidade organizativa na qual se desenvolvem as atividades produtivas de agricultura, caça, pesca e coleta está constituída pela família nuclear estendida, que envolve os parentes por afinidade, seguindo regras de cooperação em termos da divisão das tarefas entre homens e mulheres. O modelo de distribuição do tempo constitui um calendário anual de atividades baseados em princípios astronômicos e hidrológicos (ROJAS, 1992, PERALTA, 2004)

---

[1] Departamentos correspondem à delimitação física –política, equivalente a estados. Peru está formado por 24 departamentos mais uma província constitucional.

Entre os principais cultivos para consumo próprio encontram-se: mandioca "kaniri" (*Manihot esculenta*), milho "shinki" (*Zea mays*), batata doce "koriti" (*Ipomea batata*), Erva-picão, “uncucha’ (*Bidens cynapifolia*) e a banana "parianti" (*Musa spp*). A Mandioca além de ser a fonte da alimentação é também reconhecida por ser a base da bebida tradicional de socialização, conhecida como “Matsato” no Peru e “Caiçuma” no Brasil. Essa bebida é obtida pelo processo de fermentação da mandioca cozida com batata doce.

A preparação dessa bebida é função exclusiva das mulheres e serve como complemento da alimentação devido aos carboidratos proporcionados pela mandioca e pela batata doce. Numa panela são cozidas a mandioca e a batata doce roxa. Nesse processo a batata doce é mastigada e devolvida na panela para que continue fervendo e misturando-se. Quando o preparado está frio, o conteúdo e colocado em cabaças grandes que possuem o formato de garrafas, tampadas e deixados para fermentar. O “matsato fresco” ou recém preparado é ingerido pela população em geral, mas aquele “matsato forte” que tem pelo menos três dias de fermentação não é oferecido para as crianças. A coloração roxa que fica na boca das mulheres devido à batata doce, serve também como maquiagem.

Os cultivos mais comercializados são: café (*Coffea arábica*), cacao (*Theobroma cacao*), urucum, achiote ou "potsoti" (*Bixa orellana*) e gergelim (*Sesamum indicum*). Em menor quantidade se planta o arroz (*Orvza sativa*), o amendoim "inki (*Arachis hjpogea*), e o feijão ”mároro" (*Phaseolus vulgaris*). (PERALTA, 2001; ROSPIGLIOSI, 1983).

A. Os Asháninka do Brasil

Diferentes antropólogos físicos e arqueólogos, não conseguiram dar maior informação com respeito de qual foi a via de aceso pelo qual os índios entraram no território brasileiro nem como esses foram se desenvolvendo biológica e culturalmente no decorrer do tempo (MELATTI, 1986). No caso dos Indígenas Asháninka o conhecimento que se tem é menor ainda, mas não se exclui a teoria de que podem ter chegado do território Peruano possivelmente durante e época da extração de borracha (ISA, 2006).

No final do século XVII e no começo do XVIII já Castelo Branco documentou a presença dos Kampa no Estado de Acre. No século XX o padre francês Tastevin nas suas viagens ao Alto Juruá identificou grupos Asháninka na parte baixa das colinas de Contamana, nas cabeceiras do Rio Juruá-Mirim, afluente da margem esquerda do Alto Juruá. Além das migrações no sentido Peru-Brasil, no século XX também se observaram migrações internas no sentido Envira, Breu-Amônia (ISA, 2006; MENDES, 2002).

Os Asháninka, quando classificados desde o ponto de vista ecológico, podem ser diferenciados em ribeirinhos e montanheses. No Brasil se encontram espalhados em cinco Terras Indígenas (TI), todas situadas na região do alto Juruá: a)TI Kampa do Rio Amônia, no município de Marechal Thaumaturgo; b) TI Kampa do Igarapé Primavera, no município de Tarauacá; c) TI Kampa e Isolados do Rio Envira, no município de Feijó; d)TI Kashinawa/Ashaninka do Rio Breu, nos municípios de Marechal Thaumaturgo e Jordão; e) TI Jaminawá/ Envira nos municípios de Feijó e Santa Rosa do Purus. (ISA, 2006; MENDES, 2002).

No Rio Amônia, existe o caso particular da Associação Asháninka do Rio Amônia-Apiwtxa, criada nos primeiros anos da década de 1990. A aldeia está formada aproximadamente por 400 pessoas, distribuídas em 44 famílias. Nela conservam-se ainda as atividades de sustento baseadas na caça, pesca e coleta de frutos, assim como os costumes da vestimenta tradicional usando corantes naturais, e a característica particular da pintura facial vermelha (ISA, 2006; MENDES, 2002, CAVERO, 2005). Essa agrupação passou a se ocupar dos conflitos territoriais e concretizou a demarcação das terras indígenas do Rio Amônia em 1992 (MENDES, 2002). Segundo relatos dos próprios moradores essas famílias provêm da zona conhecida como "*Gran pajonal"* em território peruano, que migraram dessas regiões 130 anos atrás fugindo dos extratores de borracha, passando pelo Ucayali e se estabelecendo no Brasil faz 70 anos (Informação pessoal) [2]

No intuito de querer classificar os Índios pela diversidade de costumes Galvão (1960) apud Melatti (1986, p 43) propôs a divisão em áreas culturais, sendo definida como "Uma região que apresenta uma particular homogeneidade quanto à presença de

[2] CRUZADO, G. 2005. Visita na aldeia Asháninka Apiwtxa no alto Juruá, Acre-Brasil.

certos costumes e de certos artefatos que a caracterizam". No nível ideológico e da manufatura artesanal, podem se encontrar algumas semelhanças entre os diferentes grupos da família Arawak, principalmente na forma de produção e de uso dos instrumentos de trabalho e domésticos (ISA, 2006). No caso dos povos Asháninka do Peru e do Brasil observaram-se semelhanças nas representações culturais e de linguagem que ultrapassam as fronteiras físico políticas e as barreiras da linguagem oficial de cada pais (informação pessoal) [3].

De fato como menciona Melatti (1986) se dois povos falam uma língua do mesmo tronco; salvando as variações regionais, isso indica uma conexão histórica no passado, e ainda se existe essa conexão, podem talvez dispor de algumas instituições sociais em comum. Do mesmo modo, embora algumas famílias Asháninka permanecessem de maneira estável no Rio Amônia a partir da década de 1930, existem laços de parentesco que unem os Asháninka do Rio Amônia com aqueles localizados tanto em território peruano como em outras terras brasileiras (ISA, 2006).

Os povoadores de Amônia além de manter suas atividades tradicionais de pesca, coleta, caça e agricultura, comercializam diversos artefatos de sua cultura material, tendo como principal interesse a preservação do seu território e o cuidado do meio ambiente (MENDES, 2002). Essa preocupação vê-se refletida na organização das suas atividades inseridas no plano de manejo florestal da comunidade (informação pessoal) [4]

Atualmente em Apiwtxa, a venda de artesanato é considerada como a atividade mais rentável. Para isso organizam-se em uma Cooperativa que distribui os produtos em distintas cidades como São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Branco (ISA, 2006). Com o ingresso obtido se compram utensílios, tecidos e alimentos. Esses recursos econômicos garantem a independência financeira dos 450 moradores da aldeia, principalmente da população feminina (CAVERO, 2005). Como a venda de produtos agrícolas não mantém a escala desejável, o que garante as necessidades básicas da aldeia ainda é o artesanato. De origem andina, os utensílios e objetos Asháninka são bem diferentes dos produzidos pelos demais povos indígenas brasileiros (CAMPANILI, 2004)

---

[3] Ibid, 2005

Os tecidos se elaboram segundo os costumes tradicionais de tecelagem, com desenhos lineares, não se observaram outros tipos de desenhos como o losango ou *zig-zag*. O algodão usado é coletado da própria chácara, sendo algumas linhas tingidas com corantes artificiais e outras com plantas do lugar como Potsotaroki *(Trichilia pallida*); os colares, arcos, flechas, flautas e cocares são parte de um projeto de desenvolvimento sustentável que ainda inclui a criação de um santuário de fauna (CAVERO, 2005).

O povo desta comunidade tem mostrado incentivo à conservação, por isso é importante destacar que na coleta dos recursos da floresta não está contemplada a derrubada das árvores, para isso a comunidade dispõe de equipes de escalada para extrair frutos e outros, e de mapas do território mostrando a localização e disponibilidade dos insumos (CAVERO 2005).

B. A violência como parte da história Asháninka

A história dos povos Asháninka da selva central do Peru tem um sabor amargo de violência no seu relato. Além da incursão das missões cristãs, o *boom* da borracha e as forças militares que ocasionaram uma dizimação da população, a incursão terrorista foi talvez um dos mais assustadores e tristes fatos marcante na história peruana.

Os antecedentes remontam aos anos 60, com o aparecimento do *"Ejército de Liberación Nacional* (ELN)" e o "*Movimiento de Izquierda Revolucionaria* (MIR)", ambos inspirados na revolução cubana. O MIR, se organizou abrindo três frentes militares, com um frente central chamado "*Movimento revolucionário Tupác Amaru* (MRTA)" (*Comisión de la Verdad y la Reconciliación* - CVR, 2003).

No decorrer das ações terroristas, e tentando captar mais adeptos em favor da causa, alguns grupos Asháninka acabaram incorporados às tropas revolucionárias, mas a luta armada foi breve e os rebeldes foram rápida e severamente reprimidos pelos militares com uma violência extrema (ISA, 2006).

Fundado em 1969 por Abimael Guzmán, o "Partido Comunista Peruano - Sendero Luminoso (PCP-SL)" iniciou sua propaganda maoísta na Selva Central,

---

[4] CRUZADO, G. 2005. Visita na aldeia Asháninka Apiwtxa no alto Juruá, Acre-Brasil

competindo com o MRTA, lutando entre si pelo controle da população rural e o comércio de cocaína que sustenta suas ações. (CVR, 2003)

A situação de guerra que caracterizou a Amazônia peruana no final da década de 80 e início dos anos 90 teve conseqüências desastrosas para os Asháninka: assassinatos de lideranças, torturas, doutrinamento forçado das crianças, treinamento militar e execuções (PAJARES; BREHAUT, 2001). Nos finais de 1986, o PCP-SL ataca profundamente a economia e política da região central, com um avanço incessante de esforços por reivindicar e resolver mediante ação armada as demandas e problemas da população, provocando dessa maneira sua simpatia e adesão. Em 1990, o PCP-SL dispõe do controle absoluto da região do Ene e do Alto Tambo e, no ano seguinte, cerca de dez mil Asháninka passaram a viver sob o domínio da guerrilha (Espinosa (1993) apud ISA (2006), CVR 2003). O estado de tensão se mantém até 1992, data em que a cabeça do PCP- SL, Abimael Guzmán é capturado.

Como resposta aos atentados subversivos e por mandato presidencial, as forças armadas teriam a responsabilidade de frear o avanço destas incursões restabelecendo a segurança e ordem nacional, declarando estado de emergência em várias províncias do entorno. Após a declaração de emergência, e depois de que o exército assumira o controle político militar, incrementaram-se as ameaças, seqüestros, torturas dos detidos, assassinatos extrajudiciais, e desaparecimento de pessoas, entre estas de povoadores campesinos e Indígenas (CVR, 2003). As forças armadas viriam a cumprir um papel ainda mais devastador na população rural.

Não existem dados precisos, mas a maioria dos especialistas e instituições calcula que dos 55 mil Asháninka, perto de 10 mil foram deslocados forçosamente nos vales do Rio Ene, Tambo e Perené, onde seis mil pessoas faleceram e perto de cinco mil estiveram cativas por PCP-SL. Também se estima que durante os anos que durou o conflito desapareceram entre 30 e 40 comunidades Asháninka (CVR, 2003).

C. Influências sobre o Sistema Produtivo Tradicional

São múltiplos os fatores e etapas que influenciaram nas mudanças dos padrões culturais e históricos dos diferentes grupos étnicos, dando-se tanto pelo contato intenso

com uma sociedade distinta, quanto pela convivência com diversos grupos de costumes diferentes.

Esses contatos podem ser remontados até a época de existência dos incas, muitos antropólogos sugerem a origem amazônica do que seria mais tarde a matriz da imponente cultura Andina (SORIA; CASANTO, 2002). Foi na região do Urubamba – Ucayali onde ocorreu uma importante via comercial entre os Piros, Asháninka e os Incas, dando-se o intercambio de produtos mais apreciados pelos amazônicos como: tecidos, lã e, sobretudo, objetos de metal jóias de ouro e prata e machados. Em troca, eles entregavam produtos da floresta: animais, peles, penas, madeira, algodão, plantas medicinais, mel, e principalmente sal, o qual era extraído pelos Asháninka desde o "*Cerro de la Sal*". (SORIA; CASANTO, 2002; ROMAN, 1983; VARESE, 1968; ROJAS, 1990; INRENA, 2002; ISA, 2006). Além desses produtos, existiu o "pase" [5] de domésticos Asháninka para os Missioneiros e os clãs Piros, os que depois seriam assimilados dentro do grupo étnico novo através do casamento (ROMAN, 1983).

Como afirma Roman (1983) e Varese (1968) no período entre 1740 -1780 os primeiros intuitos de "civilização" das missões cristãs vinham se truncando devido à forte resistência indígena, no entanto pelos anos 1940 a imposição das crenças católicas sobre o sistema religioso nativo, conseguiu dominar o sistema de crenças tradicionais nas famílias que se viram devastadas pelas experiências da borracha e das fazendas.

Com o *boom* da borracha (1880-1920) Intensificaram-se as relações interétnicas, devido ao esquema de acampamentos multi-étnicos, onde os Indígenas eram mantidos para trabalhar na extração. Depois da desarticulação do sistema extrativo de borracha, veio a criação das fazendas nas quais o sistema era basicamente produtivo e onde grupos de diferentes etnias eram abrigados como mão de obra (ROMAN, 1983; VARESE, 1968).

A partir dos anos 1940 até os tempos atuais, ocorre uma variante no ritmo de vida na Amazônia, talvez uma das variantes de maior pressão: a migração das populações mestiças do litoral e da serra peruana. Esse fenômeno vê-se acrescentado devido às novas vias de acesso e comunicação e principalmente pela ilusão da

[5] Vocábulo local para identificar a entrega de um produto por outro de modo informal e clandestino

ampliação da fronteira agrícola impulsionada pelo governo em curso (ROMAN, 1983; PAJARES; BREHAUT, 2001).

Entre os anos 1950 e 1970 com a maior presença do Estado através dos programas de inserção social do Indígena, novas modalidades de intervenção e mudança apareceram. As ações centraram-se na educação bilíngüe, assistência técnica, criação de empresas de comercio local e a ocidentalização dos costumes nativos (ROMAN, 1983; PAJARES; BREHAUT, 2001). Os mesmos autores citam que basicamente o efeito negativo dessa incursão foi a introdução do espírito mercantil individual, deixando de lado a produção tradicional orientada ao autoconsumo e a distribuição comunal dos bens.

A selva central e principalmente as comunidades Asháninka do departamento Junín, foi caracterizada por ser exposta à maior pressão externa, devido a inúmeros fatores como a migração de colonos, o trafico de drogas, extração ilegal de madeira e a incursão terrorista. Com todos esses fatores de ameaça ao seu território e perante a falta de uma política de revalorização cultural os indígenas foram se tornando cada vez mais susceptíveis às mudanças.

No conjunto, a nova situação provoca o ingresso do indígena ao mercado local, e com isso a aparição de intermediários os quais se trasladam pelo rio trocando produtos da cidade por peles, animais, plantas e produtos manufaturados, em evidente situação de desigualdade (ROMAN, 1983). Também Soria e Casanto (2002) apontam que com esse contato se criam novas necessidades materiais, isolando suas expressões artísticas, desvalorizando-as e as substituindo por objetos de plástico.

Segundo Rojas, (comunicação pessoal)[6] neste tipo de sociedade de tipo tribal com uma dinâmica econômica sub-produtiva, pré-capitalista, pré-mercantil, a diferença da sociedade capitalista, a unidade de produção é a unidade de consumo, os produtos têm valor de uso e algumas vezes valor de câmbio. Anteriormente ao tipo de intercambio comercial existia a troca tradicional que se dava através dos Ayõpari, com os quais é estabelecida mais do que a simples relação comercial (MENDES, 2002; VARESE, 1968).

[6] ROJAS, E. mensagem recebida por erojazol@hotmail.com em 22 abril 2005

Como menciona Peralta (2004) e ISA (2006) em algumas comunidades Asháninka a maior parte das famílias foram integradas ao mercado. Os utensílios usados para trabalhos de produção que eram feitos de materiais encontrados no seu entorno como: ossos, pedras, argila, etc, foram substituídos praticamente por artigos de metal, ferro e outros materiais que só podem ser adquiridos do mercado mais próximo. Essa dependência do mercado, como aponta Rojas (1990), por sua vez origina mudanças ao nível da organização da produção com diversos efeitos no conjunto de organizações.

A integração ao mercado, tem afetado o sistema de subsistência tradicional, incrementando as atividades produtivas orientadas à comercialização, para ambos os gêneros, mas restringindo o acesso ao salário somente aos homens. Ainda essa integração dá poder a pessoas selecionadas, como homens mais novos e com maior educação, desmerecendo a participação de mulheres e pessoas mais idosas que preferem manter suas atividades orientadas à forma tradicional (PERALTA, 2004).

Ainda Rojas (1994) assinala que o tipo de produção tradicional correspondia à chamada “lei do mínimo esforço”. Alem dos requerimentos domésticos não existiam incentivos para um excesso na produção, sendo a intensidade de uso dos recursos e o trabalho aumentado só quando se participava de um novo nascimento

No entanto, esses câmbios não são produto do mero efeito de ações unidirecionais, surgidas na sociedade nacional. Muito pelo contrario, a sociedade Asháninka, longe de ser um elemento passivo, toma a iniciativa na aquisição de novos elementos culturais, como os elementos tecnológicos e a geração de novas formas organizativas perante situações transformadoras por fatores exógenos (ROJAS, 1994, BARBANCHO, 1986)

Como bem explica Rojas (1994, 1999) em cada sociedade as idéias e elementos materiais recebidos de outras sociedades nunca são assimilados na sua forma original, mas sim adaptadas à tradição tecnológica própria. Os atuais Asháninka, não são resultante de um simples impacto com uma cultura dominante, mas sim respondem a um processo dialético entre ambas as sociedades.

Neste sentido não deve considerar-se a cultura como um nível especifico da vida social, mas como uma dimensão própria, referente a todos os campos das suas

representações, e por tal seus aspectos e mudanças encontram-se vinculados um aos outros (MENESES, 1999). A cultura é aprendida, recriada, transformada, transmitida (SILVA, s.d), e por tal, está sujeito a câmbios e persistências dentro de um sistema de relações internas e externas (BARBANCHO, 1986).

D. As representações artísticas.

A cultura é a forma em que o ser humano se relaciona com os outros e com o entorno, essa pode ser dividida em cultura material e simbólica sendo manifestada nos produtos do homem como nos artesanatos, nas vestimentas, construções, comportamentos individuais ou grupais, sendo um de seus elementos mais importantes a linguagem (SILVA, sd).

A arte Asháninka, como a de qualquer outra sociedade humana, forma parte dos aspectos internos do grupo, manifestando-se como um produto cultural, que os caracteriza e diferencia de outras sociedades. Assim por exemplo, as formas de aproveitamento dos recursos para a produção desses bens, podem apresentar semelhanças com outras culturas, que dependem de igual forma do manejo adequado da floresta, como no caso da indumentária nos Shipibo-Conibo, Matsiguengas, Yaneshas, Asháninka do Brasil e Peru, que mesmo pertencendo a regiões diferentes, mantêm similaridades na forma de utilização (TOURNON; SERRANO, 1989; informação pessoal[7])

Esses grupos indígenas conservam uma indumentária própria, que os distingue de outros grupos étnicos, e que têm mantido gamas de representação simbólica e de experiência, muito particular, que fortalece a coesão e auto-integração dos seus assentamentos (BARBANCHO, 1986).

Cabe diferenciar que nem todos os artefatos que são criados com fins utilitários têm finalidade ritualística ou artística, e nem todo artefato artístico tem finalidade ritualística. Como menciona Melatti (1986) tanto o aspecto ritualístico como artístico de uma ação se definem como aqueles que não são puramente técnicos. A arte está baseada na técnica, mas a ultrapassa. Todas as atividades técnicas ou rituais podem

[7] CRUZADO, 2000. Visita nas aldeias Matsiguengas e Yaneshas na região amazônica peruana.

ser desenvolvidas com arte. Por isso faz-se a diferenciação entre utensílios de uso domésticos e artesanatos.

De acordo com as crenças na confecção e simbolismo da arte Asháninka, pode-se notar que a complexidade do objeto mesmo radica na raiz mítica no momento da concepção da idéia, e o manejo dos elementos que se constitui como uma bagagem de conhecimento tradicional pelo qual se articula a concepção da natureza com a força do trabalho que age sobre ela (SORIA; CASANTO, 2002).

No departamento de Junin, a produção de artesanatos é particularmente variada. São identificadas nove linhas artesanais, destacando-se os tecidos em geral, coros, trabalhos manuais, mates burilados, peleteria, bijuteria e cerâmica (MINCETUR, 2005).

Entre as confecções mais destacadas dos Asháninka encontram-se aquelas elaboradas com algodão nativo, para a confecção de vestimentas e acessórios. Existe outra variedade de insumos, como as sementes e dentes de animais para bijuteria, folhas de palmeira para cestaria, madeira e argila para vasilhas e panelas.

Sobre a aprendizagem do uso de algodão nas vestimentas relatam-se duas teorias, uma delas diz sobre a influência dos Incas durante o intercâmbio comercial na zona de Urubamba – Ucayali. A outra diz sobre a influência mais recente dos missionários na época colonial (SORIA; CASANTO, 2002; PAREDES, 1964). A influência incaica na época pré-colombina é verificada por que suas mitologias e versões cosmogônicas apresentam zonas de contacto, temas e personagens comuns. (SORIA; CASANTO, 2002; IZAGUIRRE, 2001).

Os artesanatos são confeccionados nos dias chuvosos, em que outras atividades produtivas não podem ser realizadas. As mulheres fazem a cestaria, tecidos de algodão, e bijuteria, os homens elaboram os arcos e flechas, assim como as coroas cerimoniais. As matérias primas provem do roçado, como o algodão nativo (*Gossipium sp*) ou são colhidas da floresta como as folhas da palmeira-barriguda, palmeira de “chonta” (*Iriartea deltoidea*) (PERALTA, 2004).

Nas Comunidades Asháninka do Acre, o cultivo de algodão (*Gossypium barbadense* L.,n.c) para a tecelagem vem tomando maior valor comercial. Esse é plantado pelas mulheres e filhas, tendo um trato especial no cuidado desde o plantio

até a obtenção do produto final (PANTOJA, 2002). A importância se justifica porque sendo uma atividade essencialmente feminina, as coloca num status social distinto ao original, uma vez que começam a ajudar com ingressos econômicos no círculo familiar, atividade que era considerada exclusiva dos homens (SANTOS, 2005; SANCHES, 1997)

2.2.1.3 Áreas Protegidas no Âmbito Indígena

Em 1963 entre os departamentos de Junín e Cuzco se criou a Floresta Nacional Apurímac, localizada sobre a cordilheira de Vilcabamba e entre os rios baixo Urubamba, Ene, Perene, Tambo e Apurímac. No seu conjunto a Floresta Nacional tinha uma extensão de 2.071.700 hectares. Essa região apresentava indícios de alta biodiversidade razão pela qual em 1988 a categorização foi substituída pela nova categoria de Zona Reservada com 1.669.300 hectares (INRENA, 2002). Segundo a definição do SINANPE[8] uma Zona reservada é definida como "uma área que se estabelece de forma transitória naquelas áreas que, reunindo as condições para serem consideradas como áreas naturais protegidas, requerem a realização de estudos complementares para determinar, entre outras coisas, sua extensão e categoria". (Figura 1.1)

Em 1963 a *National Geografic* descreve bondades e belezas dessa zona e o interesse internacional em conservar a área como parque nacional. Em 1987, a *Asociación Cutivireni* - ACPC completa um percurso terrestre até chegar a "Pavirontsi", a ponte natural mais cumprida do mundo, o que despertou mais ainda o interesse turístico e de pesquisadores (ACPC, 2005).

Em junho de 1997 e 1998 uma equipe do RAP (*Rapid Assessment Program*) da ONG Conservação Internacional (CI) realiza duas expedições à Cordilheira de Vilcabamba, confirmando o alto grau de endemismo e diversidade da zona, tendo razões suficientes para categorizar a área como uma das mais ricas em biodiversidade do país. Com estes fundamentos solicita-se a reavaliação da categoria de zona reservada com a tentativa de mudar-la para a categoria de parque nacional.

---

[8] SINANPE: Sistema Nacional de Áreas Protegidas del Perú

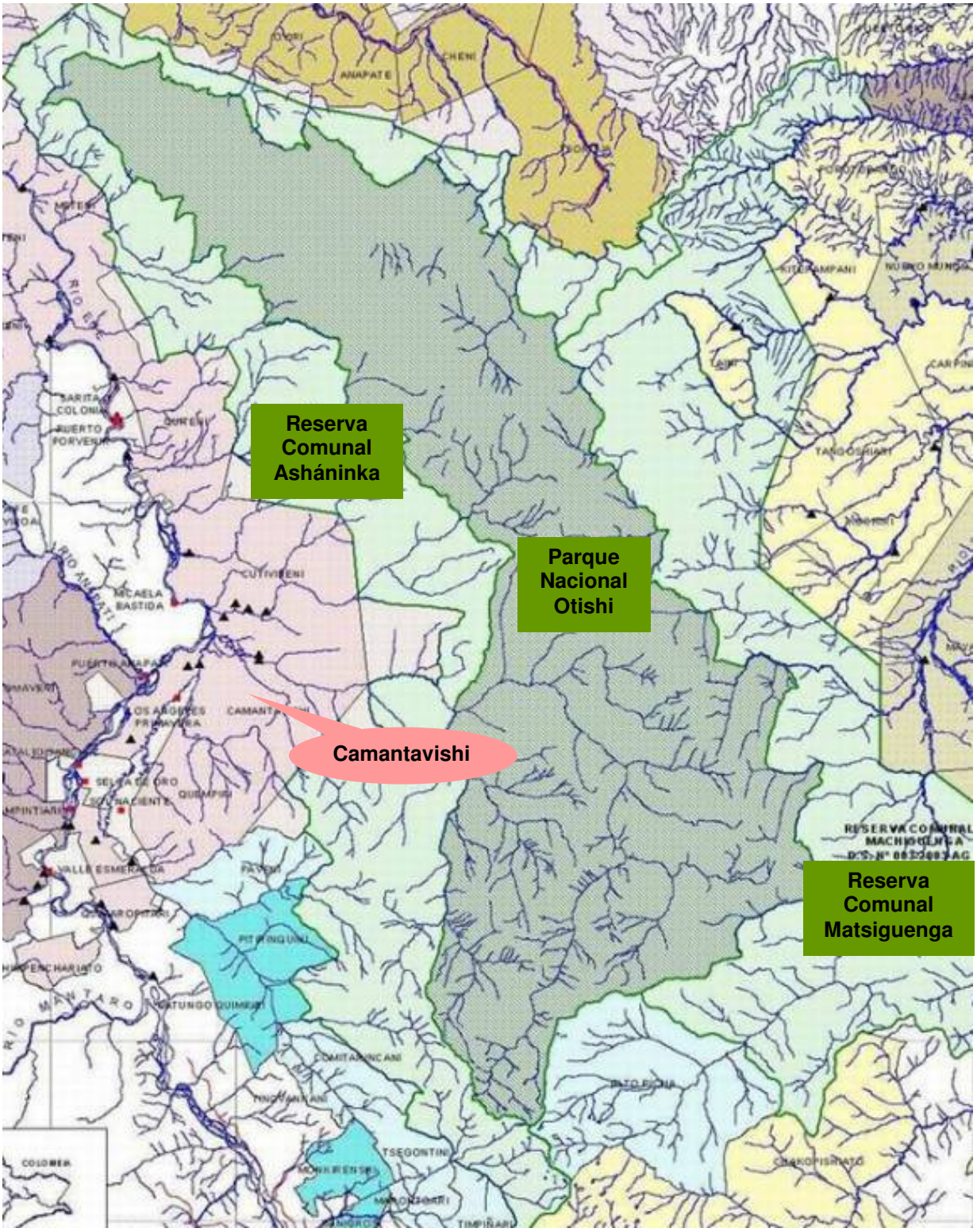

Figura 1.1- Parque Nacional Otishi, Reservas Comunais Asháninka e Matsiguenga e a Comunidade estudada Camantavishi

O grande conflito na re-categorização da zona reservada para parque nacional, deve-se a que circundantes a estas áreas encontram-se estabelecidas comunidades indígenas, atingindo tanto parte do território onde elas moram como os lugares tradicionalmente utilizados para extração de recursos. Estas áreas indígenas se acham nas ribeiras dos rios principais como Ene, Tambo, e Urubamba, criando um cinturão de ocupação das partes baixas das montanhas.

Em 1994, a UICN reviu seu sistema de categorias de áreas protegidas para permitir a os povos indígenas, entre outros, serem administradores das áreas protegidas; antigamente, o sistema da UICN exigia que as áreas protegidas fossem administradas somente por organismos governamentais. (ACPC, 2000)

Em 1999, a Comissão Mundial de Áreas Protegidas (WCPA) aprovou pautas para a aplicação dos novos princípios de conservação dados pela UICN. Essas pautas insistem no manejo conjunto das áreas protegidas, no estabelecimento de acordos entre os povos indígenas e os organismos de conservação, na participação indígena e no reconhecimento do direito dos povos indígenas ao "uso tradicional sustentável" de suas terras e territórios (KOMETTER, 2001).

É assim que depois de mais de 30 anos de pesquisas, de atividades participativas entre as populações locais e as organizações interessadas, tendo como principal propulsor a legalização destas áreas, finalmente em 15 de janeiro de 2003 declara-se o complexo de áreas protegidas de Vilcabamba, conformado pelo Parque Nacional Otishi com 305.973 hectares, a Reserva Comunal Asháninka com 184.468 hectares e a Reserva Comunal Matsiguenga com 218.905 hectares. Ao redor das reservas comunais encontra-se a área de amortecimento conformada pelas Comunidades Indígenas estabelecidas nas ribeiras dos Rios Ene, Tambo e Urubamba, principais beneficiários da conservação (ACPC, 2000).

Segundo Newing e Wahl (2001) no nível internacional, as reservas comunais peruanas têm sido citadas como modelos de áreas protegidas que vão de acordo com as políticas recomendadas pela IUCN e o CMPAS. Inicialmente as reservas comunais foram definidas legalmente na Lei de Bosques e Vida Silvestre de 1974 para permitir que as populações locais conservem a fauna. A regulamentação de 1977 sobre a Conservação da vida silvestre deu um critério mais específico; primeiro, que os únicos

beneficiários poderiam ser as comunidades nativas, e segundo, que “não haveriam centros povoados dentro das reservas ou nenhuma intervenção florestal ou agrícola”.

Na nova legislação da lei de áreas protegidas, as reservas comunais foram incorporadas como uma categoria diferenciada, definidas como áreas destinadas à conservação da vida silvestre para o benefício de populações rurais vizinhas mas que não podem assentar-se nelas. O uso e comercialização dos seus recursos poderão ser feitos de acordo com os planos de manejo, aprovados e supervisionados pelas autoridades, e administrados pelos próprios beneficiários (NEWING; WAHL, 2004, GARCIA; KJAERBY, 2003) Mas se aponta o fato de que sendo as reservas comunais fundamentalmente distintas de outras categorias de áreas protegidas, a responsabilidade pelo manejo, não é de responsabilidade do governo, mas sim das comunidades envolvidas, sendo estas Indígenas ou mestiças.

As reservas comunais além de cumprir com a função de mitigar os impactos sobre o Parque Nacional Otishi, contribuem com a manutenção e recuperação do estoque de espécies silvestres que irão satisfazer as necessidades das populações locais. Ainda, esse espaço é parte fundamental para o desenvolvimento cultural e social do grupo.

Muitos desses esforços provêm do trabalho das ONG locais e dos próprios Indígenas que procuravam a legalidade de seus territórios. Destaca-se principalmente o trabalho da ONG *Asociación Cutivireni*- ACPC, que junto com as federações indígenas buscaram financiamento para pesquisa e o desenvolvimento de projetos sociais, além de forçar a intervenção do governo na titulação das diferentes comunidades que seriam beneficiarias das ANP’s. Cabe mencionar que até então a preocupação por parte dos organismos internacionais e mesmo do estado foi principalmente a conservação dos recursos naturais, a presença de populações humanas era tema abordado por poucas Instituições.

Durante o processo de formação das áreas protegidas, a busca de documentação, registro de informações, pesquisas de campo, entre outros, basearam-se também no conhecimento dos moradores de ambos os lados do Parque. As comunidades participaram ativamente repassando informações sobre as espécies vegetais e animais e suas formas de usos. Na pesquisa “*Entre el Mito y la Ciencia: El*

Caso de los Grupos Étnicos Matsiguenka y Asháninka" (PAJARES; BREHAUT, 2001) da qual a autora dessa dissertação participou, consta a grande diversidade de espécies utilizadas e suas técnicas de uso tradicional para múltiplos fins, merecendo maior importância espécies utilizadas com fins medicinais, sendo muitas delas, desconhecidas (com exceção dos Indígenas) até o momento da formação das ANP's. Assim, o conhecimento dos dois grupos étnicos circundantes, serviu de base importantíssima para documentar a excepcional biodiversidade presente na região.

2.2.2 Metodologia

2.2.2.1 Seleção de área de estudo

Selecionou-se uma comunidade indígena dentre as 34 que formam a área de amortecimento da Reserva Comunal Asháninka e do Parque Nacional Otishi. A escolha se baseou principalmente pelo contato já estabelecido com os moradores dessa zona desde o ano 1999, o qual criou um ambiente de confiança, característica de muita importância na pesquisa social. A pesquisa de campo foi realizada durante a época chuvosa, no mês de fevereiro do ano 2006. Cabe mencionar que as comunidades assentadas nesta região apresentam menos variações nas representações culturais e modos de vida em comparação com as comunidades da bacia do Rio Tambo, onde o turismo e outras atividades antrópicas de sociedades modernas foram mais intensas. Segundo Heinrich (1997) apud Peralta (2004) essa pequena variação observada pode dever-se á menor integração ao mercado devido á distância em que elas se localizam.

2.2.2.2 Características da área de estudo

A Comunidade Camantavishi está localizada no departamento de Junín, Província de Satipo, distrito do Rio Tambo, na margem esquerda da bacia do Rio Ene, no lado ocidental da Cordilheira de Vilcabamba (Figura 1.1)[9]. possui uma extensão de 12.744 ha, dos quais 8.104 ha foram cedidos para uso direto (ACPC, 2000). Durante o ultimo estudo feito por ACPC (2001) se registraram um total de 57 famílias, não se conhecendo a quantidade discriminada entre homens e mulheres.

[9] A localização da comunidade Camantavishi também pode ser observada

No dialeto Indígena, Camantavishi significa “lugar do diabo”. A raiz da palavra Camantavishi é “Camari” o qual é utilizado para designar um espírito maligno que antigamente causava doenças e mortes nesse local. Camantavishi também é o nome do rio que atravessa a comunidade. Segundo os relatos, a nascente do rio não é conhecido por ninguém:

> *“Quando viviam os antigos, aqui em Camantavishi, havia uma época em que muitos dos moradores começaram a morrer, uns tinham doenças e depois morriam, outros somente morriam, isso era por culpa do Camari. Camari é o espírito maligno de aqui, ele fazia que eles morressem Também é o nome do rio que passa por lá, bem longe, se você quer saber onde começa, não pode, começa a segui-lo e se perde, dá muitas voltas e chega ao mesmo lugar, é o lugar do diabo, por isso se chama Camantavishi”.* (informação pessoal) [10]

2.2.2.2.1 Aspectos biofísicos

O clima é próprio da Floresta alta, com temperatura media anual de 23º C, sendo os meses de julho, agosto e setembro os mais quentes, podendo chegar até os 35º C. A precipitação pluvial media é de 1,800 mm, sendo os meses de maior pluviosidade janeiro, fevereiro e março. (KOMETTER, 2001)

A zona se caracteriza por apresentar inúmeras colinas, com declividade baixa, media e alta. A altitude compreende entre os 500 e 1.000 msnm. Por ela atravessam vários rios e riachos, sendo os mais importantes os Rios Sankatiaro, Onconashari, Camantavishi e Cutivireni (KOMETTER, 2001).

Com relação à vegetação, a região apresenta floresta mista de espécies latifoliadas, perenes e caducifólias, espécies arbóreas, arbustivas, herbáceas, lianas, epífitas e samambaias. Essa variedade de plantas tem diferentes usos para os moradores como: medicinais, artesanais, e madeiráveis, alimentação tanto para a população humana quanto para algumas espécies da fauna. A vegetação varia localmente quanto à densidade, altura e composição de espécies, sendo as árvores de porte alto e robusto escassas na zona de menor altitude. No entanto, nas partes de maior altitude podem ser encontrados indivíduos de ate 40 m de altura e 180 cm de diâmetro. Também é possível observar fragmentos de floresta secundária, localizadas

[10] CARLOS DELGADILLO, 2000. É um dos moradores mais antigos da comunidade Camantavishi.

perto das zonas povoadas devido ao tipo de agricultura de roça e queima que os nativos praticam. (ACPC, 2005).

A fauna local é diversa e inclui espécies da maioria dos taxa, entre os que se destacam: mamíferos como a anta (*Tapirus terrestris*), veado (*Mazama americana*), cateto (*Tayassu tajacu*), queixada (*Tayassu pecari*), tatuv (*Dasypus novemcinctus*), jaguatirica (*Felis pardalis*), onça pintada (*Felis onca*), entre outros. Existem também primatas como o bugio (*Alouatta seniculus*), macaco-aranha-preto (*Ateles paniscus*), macaco-de-cheiro (*Saimiri sciureus*) Entre os répteis ocorrem, entre outros o jacaré branco (*Caimán crocodilus*), iguanas (*Iguana sp*), sapos (*Bufo sp*), surucucus pico-de-jaca (*Lachesis muta*), jararaca (*Bothrops atrox*), jibóia (*Boa sp*). Ocorre aves como as jacu (*Penelope sp*), mutum (*Mitu*), perdizes (*Crypturellus sp*), araras (*Aratinga sp*), (*Ara sp.*), tucanos (*Ramphastos sp*), (*Andigena sp*).

A ictiofauna apresenta espécies como o jaú (*Zungaro sp*), pintado (*Pseudoplatystoma sp*), cascudo (*Plecostomus sp*), pacu prata (*Mylosoma sp)* e curimatá (*Prochilodus nigricans)* (ACPC, 2005).

2.2.2.2.2 Aspectos Sócio-econômicos

Os Indígenas Asháninka são agricultores migratórios, caçadores, pescadores e coletores, e por isso necessitam de grandes extensões de território. O cultivo da mandioca (*Manihot esculenta*) é o mais importante, considerada como a base da alimentação local para as comunidades. Seguem em importância o cultivo da banana, mamão e milho, todos eles para consumo próprio. Atualmente dedicam-se ao cultivo do cacau, café, amendoim e gergelim, e à produção de artesanatos e corte de madeira para comercialização (PERALTA, 2001; 2004).

2.2.2.2.3 Potencial Florestal

No local existem espécies arbóreas, arbustivas e herbáceas que são usadas para a produção de corantes como: (*Chloropora tinctorea*), kichapiki (*Trichillia quadrijuga*), Potsotaroqui (*Trichilla pallida*); plantas medicinais como sangue de grado (*Croton lechleri*), unha de gato (*Uncaria tomentosa e Uncaria guianensis*); e como fonte de preparação de inseticidas e icticidas encontram-se o barbasco, também conhecida

como timbó-de-macaco (*Lonchocarpus nicou), e o* bacashi (*Schistocarpa oppositifolia*) (ACPC, 2005).

Entre as espécies usadas para aproveitamento de madeira podem ser citados: a umburana (*Amburana cearensis*), canela amarela (*Nectandra sp*), louro-freijó ou louro branco (*Cordia alliodora*), Sapoti (*Matisia cordata*), juerana ou fava-pé-de-arara (*Parkia sp*), cedro (*Cedrela fissilis*), Bálsamo (Myroxylum balsamun), congona ou Manitê (*Brosimun alicastrun*), Munguba a (*Pachira aquatica*), Nogal ou noz (*Juglans neotropica*), Requia (*Trichilia sp.*), baga-de-morcego (*Guarea sp) (Trichilia pallida*), Guariúba-amarela (*Clarisia biflora*), guariúba (*Clarisia racemosa*), cumaru ou baru (*Dipterix alata*) e pau-mulato (*Calycophyllum spruceanum*) (ACPC, 2005).

2.2.2.2.4 Acesso ao mercado mais próximo

Existem basicamente duas formas para chegar até Camantavishi, por rio ou via aérea. A forma de traslado mais utilizada é a navegação fluvial, entre outras razões, pelos baixos custos desse tipo transporte. Para chegar até o porto de embarque, é preciso sair da cidade de Satipo, de automóvel, por uma estrada de terra, e a viagem dura perto de duas horas e meia. O porto de embarque está localizado nas imediações da Comunidade indígena Puerto Ocopa. Partindo desse local, se navega pelo Rio Ene, durante oito horas em barco motorizado.

Puerto Ocopa se caracteriza porque nela habitam em constante tensão, Indígenas e povoadores migrantes da Serra. Esse lugar é também o ponto de conexão dos principais rios navegáveis da zona (Rio Ene e Rio Tambo), o que gera uma grande movimentação mercantil, entre Indígenas, colonos, madeireiros, pesquisadores, etc.

De avião parte-se do aeroporto localizado no distrito de Mazamari, com uma duração de aproximadamente uma hora até a Comunidade Cutivireni. Desse ponto percorre-se a pé cerca de quatro horas pela margem direita do Rio Ene. Na época de chuvas pode-se pegar um barco no porto de Cutivireni viajando pelo rio do mesmo nome durante uma hora aproximadamente.

2.2.2.3 Coleta de dados

Dos métodos de pesquisa qualitativa usou-se o estudo de caso, onde a comunidade Camantavishi foi analisada profundamente (TRIVINHOS, 1987) se fazendo uso da observação participante e entrevistas parcialmente estruturadas ou semi estruturadas (HAGUETTE, 1992; VIERTLER, 2002). Usaram-se também os dados fornecidos pela ONG *Asociación Cutivireni* - ACPC. Esta ONG vem trabalhando em diversos projetos de desenvolvimento sócio-ambiental e mantém um programa de apoio às mulheres indígenas através do incentivo da produção e venda de manufaturas artesanais, inserindo-as no circuito comercial.

De acordo com Godoy (1995) apud Kataoka (2004) a pesquisa qualitativa envolve a obtenção de dados descritivos, no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatizando mais o processo do que o produto e se preocupando em retratar a perspectiva dos participantes.

Nesse estudo, foram entrevistados 30 mulheres e 11 homens que moram no núcleo de Camantavishi, e 13 mulheres e 13 homens do centro Shima, localizado aproximadamente a 5 km do núcleo. A aplicação das entrevistas neste lugar mais afastado tem por objetivo verificar se existem variações com respeito aos usos tradicionais em relação a distancia da zona núcleo.

Fez–se o contato inicial com o chefe da comunidade, apresentando os objetivos da pesquisa e tendo como intermediária a participação da ONG ACPC. O projeto de investigação foi posto em avaliação pelos moradores e aceito sob a condição de que fosse entregue uma copia dos resultados.

Analisaram-se os documentos fornecidos por ACPC, principalmente os cadernos de controle de produção, onde constavam a descrição dos artesanatos e sua quantidade produzida por anos. Esses artesanatos eram recolhidos de 8 comunidades onde o projeto de apojo à comercialização se desenvolvia.

As entrevistas semi-estruturadas e as perguntas são orientadas principalmente a conhecer as percepções e posturas dos moradores com relação às áreas protegidas, e sua vinculação com o mercado como atividade decorrente do processo de integração na sociedade nacional.

2.2.2.4 Análise dos dados

A presente pesquisa, pode ser categorizada como um entrecruzamento entre as ciências biológicas e as antropológicas, nas denominações atuais poderia se falar da etnoecologia, concretizada como parte da “Etnociência” na década de 1960 (MARQUES, 2002). Essa abordagem permite ter uma visão interdisciplinar dos assuntos em estudo, abarcando maior amplitude dos espectros envolvidos.

Os dados coletados não precisaram de analises estatística, a existência de alguma correlação entre as mudanças culturais e o estabelecimento das áreas protegidas implicaria a avaliação também de muitos outros fatores que entram em jogo. Aqui, avaliam-se apenas aqueles que se encontram estreitamente vinculados a um aspecto cultural manifestado pela produção material, e a representatividade como grupo organizado ante a sociedade nacional.

Também não existiu comparação entre mais de uma comunidade, pelo qual a generalização de que estão acontecendo mudanças culturais não correspondem ao grupo étnico como um todo, mas sim a um caso especifico. A apresentação dos resultados em forma de tabelas e gráficos, serve para mostrar didaticamente as tendências encontradas.

Existe uma exigência cada vez menor; afortunadamente, de considerar uma pesquisa qualitativa válida somente se essa apresenta dados estatísticos que respaldem as subjetividades provindas de uma conversação informal, por exemplo. No entanto é na mistura das abordagens qualitativas e quantitativas em que podem se encontrar melhores resultados. Cabe colocar aqui os pensamentos de Silva, (2000) apud Marques, (2002, p. 38):

> *“Ao começar pelas emoções, a metodologia transdisciplinar propõe e assume o emocionar como um recurso cognitivo legitimo para a construção de um conhecimento comprometido com o religare do homem com sua felicidade, com sua humanização. A disciplina cujo nível de eficácia não consiga justificar-se por essa finalidade, perde sua transcendência, perde sua ciência.”*

Ainda Margalef, (1974) apud Marques, (2002, p 39) nos deleita com essa frase que explica melhor o sentir do pesquisador na área social:

> *"É vã a pretensão de encerrar toda a natureza nos sistemas de equações diferenciais tão caras aos ecólogos, pois, no fim das contas, pode ser muito mais efetivo o sentar-se para ver correr as águas de um rio e para escutar o sussurro das folhas das árvores"*

Aponta-se aqui, que além dos resultados obtidos durante as entrevistas semi-estruturadas, conversações informais e a observação participante, o período de convivência com esse grupo em particular, foi de grande ajuda na interpretação dos resultados, tentando-se em todo momento ser o mais objetivo possível com as respostas, sendo simplesmente corroborado com a própria experiência aquilo que era dito pelos entrevistados. Como o mencionado por Viertler, (2002, p.19) ao estabelecermos contato com outros grupos humanos, mas com bagagem cultural diferente, devemos impedir conscientemente que nossas ideais venham projetar interpretações e significados próprios da nossa cultura, "é extremamente fácil incorrer em projeções e mal entendidos, já que superar nossos hábitos cotidianos de pensamento, julgamento e avaliação não constituem tarefa fácil".

2.2.3 Resultados e Discussão

2.2.3.1 Participação dos Asháninka na gestão das ANP

Os resultados aqui apresentados correspondem à análise de documentos, como Relatórios Técnico-científicos, documentos internos da ONG ACPC e principalmente com base na experiência de trabalho junto às comunidades estudadas.

O envolvimento da população local na formação das ANP's, viu-se materializado em dois níveis. O primeiro, o de chefes-representantes que acompanhavam as reuniões de coordenação, e um segundo, o de militantes que participavam das oficinas comunitárias de consulta.

Nesse processo de consulta; que foi desenvolvido pelo INRENA, em parceria com outras entidades governamentais e não governamentais, foi mostrado mediante oficinas e encontros, os benefícios, riscos, vantagens e limitações da legalização do Parque Nacional e as Reservas Comunais. Com a participação dos indígenas se

buscava basicamente sua aceitação para formar as ANP's, e o comprometimento dos mesmos em assumir parte da responsabilidade de proteção das áreas mencionadas.

Durante o trabalho de campo foram feitos vários questionamentos, como sua localização com respeito às áreas protegidas e sobre o conhecimento da regulamentação de uso. Uma das perguntas consiste em apontar a direção em que se encontram o Parque Nacional Otishi e a Reserva Comunal; sendo a direção no sentido Leste a resposta correta. O objetivo de conhecer o referencial espacial é tentar prever para onde poderia estar destinado o avanço da população e o aproveitamento dos recursos, no caso da diminuição dos mesmos.

Como observado na Tabela 1.1, não existe um mesmo padrão de resposta para ambos os gêneros. No caso das mulheres, a maior parte delas indicou uma direção contrária ao sentido correto ou responderam que não sabiam onde ficava. Somente 11 delas afirmaram conhecer a direção que devem seguir para chegar até o Parque Nacional Otishi.

O contrário foi observado em relação à população masculina, onde um pouco mais da metade dos entrevistados afirmou conhecer a localização da Reserva e o Parque, e a outra metade indicou outra direção ou não sabiam.

Tabela 1.1 Conhecimento da localização das Áreas Protegidas

Direção Indicada	Mulheres Freqüência		Homens Freqüência	
	Absoluta (n)	Relativa (%)	Absoluta (n)	Relativa (%)
Direção leste	11	25,58	13	54,17
Outra direção	20	46,51	4	16,17
Não sabe	12	27,91	7	29,17
Total	43	100,00	24	100,00

A representatividade masculina nas organizações formais é conhecida pela sua dominância em quase todos os tipos de sociedade. Principalmente nesse grupo indígena onde se prioriza a incursão dos homens na chefia da comunidade para sua representação perante outras autoridades externas. A oportunidade de pertencer a grêmios, dá a possibilidade de se aprofundar em diferentes conhecimentos e de manter-se informado sobre os acontecimentos que giram em torno das áreas, e que competem à vida de cada um dos moradores. Isto gera diferentes níveis de participação

e por tanto, o nível de conhecimento é desigual. Como pode ser observado na Tabela 1.1, que aqueles moradores; especificamente as mulheres, que permanecem dentro da comunidade, tendo o mínimo contato com pessoal alheio, possuem menor informação em vários aspectos, como foi corroborado também nas conversas com pessoas mais idosas do centro Shima.

Sobre o conhecimento das regulamentações e restrições referentes as Áreas Protegidas, os homens manifestaram algumas inquietudes com respeito à forma de aproveitamento dos recursos na Reserva Comunal e dentro da comunidade, principalmente referente à extração de madeira. Os moradores sabem que a extração só poderá ser autorizada mediante a apresentação de um Plano de Manejo, e é aqui que cabe a maior duvida: quem fará esses planos de manejo exigidos pelo governo? Como comenta o indígena de Camantavishi Julio Barbosa [11]:

> *"Nós não sabemos fazer esses planos de manejo que nos pedem, se não for ACPC que sempre vem, ou outra ONG que queira nos ajudar, não sei quem poderá ajudar para sacarmos nossa madeira, isso é justo? Pedem uns papeis que nem eles entendem, e o dinheiro, como vamos conseguir?Agora já temos alguns jovens capacitados em mensuração de madeira, isso é bom para nós, mas ainda não podemos fazer sozinhos"*

No caso das mulheres, elas não mostraram muito interesse nessas questões. Esse comportamento poderia refletir o baixo contato que elas mantêm com os agentes externos à comunidade. Talvez dentro das suas perspectivas não se encontra a de extrair mais do que precisam para as necessidades básicas ou para comprar artigos de uso pessoal. No entanto, observa-se a diferença existente entre a percepção dos desdobramentos relacionados com a questão econômica entre algumas mulheres que já formaram parte de um grêmio e as que não, como bem declara Gladys Delgadillo[12]:

> "*A venda de madeira é coisa dos homens, mas se eles querem sacar, devem deixá-los sacar, eu quero comprar sim minhas coisas, shampoo, pentes, calcinhas, e sobretudo meu tocuyo para fazer mais cushmas de cores, mas se eles tem dinheiro com a madeira, é bom para meus filhos, eles podem sair na cidade e conhecer como eu, quem sabe podem ir até Lima*"

[11] Julio Barbosa, é ex-presidente da Comunidade Camantavishi.

Um aumento natural da densidade populacional, pode forçar esses moradores a avançarem em diversos sentidos, questão que foi mencionada em várias ocasiões pelos homens durante as reuniões de consulta. Existem algumas comunidades que solicitaram antes da delimitação da Reserva Comunal, uma ampliação do seu território, baseando-se no número de habitantes.

A falta de capacidade técnica dos indígenas para elaborar um plano de manejo, segundo os termos de referencia do INRENA, seja para a própria comunidade ou ainda para a reserva comunal, é um dos exemplos mais claros da problemática que surge neste tipo de iniciativas. Como acertadamente menciona Dourojeanni (2002) o Problema da criação de áreas protegidas não é a criação propriamente dita e sim o manejo das mesmas.

O modelo implantado aqui corresponde aos "Projetos Integrados de Conservação e Desenvolvimento" chamados também PICDs. Esses modelos iniciados na década dos 80, têm como principal objetivo reduzir as ameaças externas aos parques promovendo o desenvolvimento sustentável nas áreas de entorno (VAN SCHAIK; RIJKSEN, 2002).

Desde a aplicação desse tipo de projetos até a atualidade, registraram-se tanto experiências de êxito como fracassos. Entre muitas razões porque atualmente na maior parte da América Latina e Caribe a Legislação Ambiental não leva em conta as implicações financeiras, "revelando uma vontade política limitada" (DOUROJEANNI, 2002, p. 348). Isto repercute diretamente na população local como bem aponta o mesmo autor que diz que além dos fatores econômicos, os fatores sociais imersos no estabelecimento de uma área, devem ser totalmente avaliados.

Assim, os PICDs são na maioria instalados nas florestas tropicais, em paises em desenvolvimento que precisam por um lado, de um contínuo financiamento para assegurar a manutenção e o monitoramento das atividades das áreas protegidas. Por outro lado representam financiamento para cobrir num primeiro momento, se não for durante todo o tempo, os custos de instalação dos projetos propriamente ditos (VAN SCHAIK; RIJKSEN, 2002).

---

[12] Gladys Delgadillo é ex-presidente do "*Clube de Madres e de artesãs*", também é filha de uma das

Mas esses diferentes passos, atores, ambigüidade de interesses, e os múltiplos fatores que intervêm na formação destas áreas complexas, trazem consigo vantagens e desvantagens que podem prejudicar e apressar os objetivos de conservação, e por tal colocar em risco a própria aceitação das comunidades do entorno para trabalhar em conjunto, como pode ser exemplificado na Tabela 1.2.

Tabela 1.2 - Aspectos impostos pelos doadores na estruturação ordinária do PICD[13] e as conseqüências para a conservação

Aspecto	Impacto
Longa preparação técnica	Alerta os exploradores ilegais dos recursos, que aceleram a exploração
Consultorias técnicas de curto prazo	Negligencia o componente político e a conseqüente falta de peritos
Impossibilidade de utilizar nas outras fases do projeto o grupo que prepara o Plano	Falta de conhecimento da situação social, política econômica do local.
Estagnações imprevisíveis no financiamento	Perda de credibilidade local
Suspensão de financiamentos em fases de instabilidade política	Falta de fundos quando as pressões sobre os parques se avolumam
Falta de monitoramento contínuo e ajustamentos no projeto	Inabilidade de enfrentar ameaças cambiantes
Horizonte de projeto pequeno e finito, apesar dos resultados	Normalmente termina antes que se possa conseguir a conservação sem financiamento externo
Grande escala e inflexibilidade para redefinição de dotações	Falta de proporcionalidade entre recursos e necessidade (geralmente é melhor crescer gradualmente)
Financiamento planejado no começo, para toda a duração do projeto	Sem flexibilidade para atender a novos desafios
Não há dotação para prover atividades no âmbito nacional	Inabilidade de controlar decisões de ações que afetem o parque
Autoridade sobre a libertação financeira fortemente centralizada	Administração verticalizada e lenta; perda de flexibilidade em negociações compensatórias

Fonte: VAN SHAIK; RIJKSEN H. Projetos integrados e conservação e desenvolvimento: problemas e Potenciais. 2002

lideranças mais antigas de Camantavishi.

[13] ICDP - Projetos Integrados de Conservação e Desenvolvimento

Como indica Colchester (2003), desde a criação dos primeiros parques no mundo, os quais encontrava-se em terras de povos tradicionais, houve desentendimentos devido aos múltiplos interesses que os dos frentes apresentavam. Em Camantavishi esse processo está desenvolvendo-se de modo pacifico, no entanto devem ser levadas em conta as inquietudes dos moradores, como as que se apresentam neste estudo.

Panorama atual da gestão integrada em Vilcabamba

Na atualidade, a gerência da Reserva Comunal, está conformada tanto por representantes do governo como por representantes Indígenas. No dia 4 de abril 2006, foi formada a ECA (Executor do Contrato de Administração Asháninka), tendo como chefe a um Indígena da Comunidade Otica, localizada no Rio Tambo e como chefa do Comitê de Gestão da Reserva a uma mulher da comunidade Cutivireni localizada no Rio Ene.

Essa distribuição de funções em representantes de diferentes comunidades, busca integrar e difundir ao mesmo tempo as decisões que são tomadas em favor da Reserva Comunal, assim os atuais diretivos cumprem papel importante como intermediários entre o governo e os povos.

Neste caso em particular, estamos frente a uma associação entre uma área protegida “branda” e uma área protegida “estrita” (DOUROJEANNI, 2002). No caso da ANP “estrita” estamos falando do Parque Nacional Otishi onde nenhum projeto de desenvolvimento sustentável de recursos pode ser instalado, e no caso da ANP “branda” falamos das Reservas Comunais Indígenas onde a extração de recursos pode ser aceita mediante a aprovação de planos de manejo.

Essa associação exige muito comprometimento e esforço por parte do governo, assim como das populações tradicionais, sendo observada até o momento a participação consensual de ambas as partes, tendo como intermediários o apojo das ONG’s locais.

Como iniciativa do governo, criou-se o projeto “*Participación Indígena en el Manejo de las Áreas Naturales Protegidas de la Amazonía Peruana -PIMA*”, o qual

espera contribuir com o cumprimento dos objetivos de conservação mediante o fortalecimento da participação indígena. Até o momento esse projeto está se desenvolvendo em duas reservas comunais como projeto piloto, para depois ser aplicada nas restantes ANP's onde se encontrem povos tradicionais envolvidos (INRENA, 2002).

2.2.3.2 A arte Indígena sobe a influência do mercado

A intensidade de comercialização dos produtos provenientes das comunidades Indígenas assentadas no Rio Ene, vem-se afetados por inúmeros fatores, como: a localização com respeito ao mercado, a presencia de intermediários, produção continua, e os meios de transporte.

No caso de Camantavishi, existem duas vias principais para a circulação dos seus produtos: os comerciantes e as ONG's locais (PERALTA, 2001). Esses intermediários asseguram de certo modo a venda dos seus produtos agrícolas assim como de alguns artesanatos[14] pois devido à localização afastada do mercado torna quase impossível destinar recursos próprios para essa atividade. Para o caso dos artesanatos, ACPC vinha realizando até os 2003, um projeto de desenvolvimento com a população feminina, que incluíam o incentivo da produção artesanal como alternativa econômica e ainda como a possibilidade de recuperação de praticas tradicionais que estavam deixando de ser observadas. Como declarado pela coordenadora do Projeto[15], o numero de visitas até a comunidade diminuiu nos últimos anos devido a que o foco do projeto estava-se reorientando a diferentes aspectos, como o resgate cultural através do conhecimento das plantas utilizadas para a reprodução familiar.

O estudo de Mercado (2004) feito por ACPC, mostra que os artesanatos Asháninka têm grande aceitação, em especial por parte dos turistas estrangeiros. Esses produtos são preferidos pela aparência natural e rústica, no entanto, espera-se uma melhoria no acabamento e qualidade. Os principais pontos de comercialização, encontram-se localizados em Satipo, La Merced, San Ramón e Lima. As temporadas de maior venda são durante as festas de Natal, Festas Pátrias, etc. A partir destas

[14] A relação dos indígenas sobre os intermediários é explicada no cap II dessa dissertação.
[15] Giovanna Cavero, coordenadora do "Projeto de apojo a comercialização de artesanatos e resgate cultural com mulheres Asháninka", ACPC

informações, e outros fatores vinculados, vem-se estudando a possibilidade de iniciar uma empresa multicomunal que tenha por objetivo a comercialização sustentável de produtos étnicos no entorno das ANP's

I. Os artesanatos em números

Ao respeito da produção artesanal, os dados apresentados na tabela 1.3 correspondem ao numero total de produtos que ACPC recolheu da comunidade durante o período 1999-2004. Existem três categorias de artesanato classificadas de acordo com a fonte da matéria prima: aqueles feitos de folhas de palmeira, os feitos com algodão tingido (o algodão pode ser nativo ou sintético) e os artesanatos feitos com sementes. A categoria "outros" corresponde a artesanatos feitos com diversos insumos, que se comercializam em mínima quantidade, entre estes: pentes e vasilhas de madeira, arcos e flechas e colares de dentes.

Tabela 1.3- produção anual dos principais artesanatos

Matéria prima	Produção anual absoluta					
	1999	2000	2001	2002	2003	2004
Folha de palmeira	87	35	72	21	22	11
Sementes	41	32	91	20	26	40
Algodão tingido	39	47	51	30	21	20
Outros	32	23	91	22	30	20
Total	199	137	305	93	99	91

Comparando as quantidades produzidas por ano, observa-se claramente um aumento durante o período 1999 – 2001, sendo o 2001 o ano com maior valor registrado.

Até o ano 2003, os responsáveis do projeto de comercialização, tinham uma visita por mês até Camantavishi, e encontrava-se em funcionamento o clube de artesãs, que era supervisado pela responsável do projeto e dirigido pelas representantes da comunidade. O ingresso de outros compradores (como pesquisadores), viu-se intensificado durante a época dos estudos de recategorização das áreas protegidas, principalmente entre os anos 1999 –2001.[16]

[16] A legalização das ANP's se deu no começo do 2003, para o 2002 os estudos já tinham acabado.

Cabe relembrar que essa produção corresponde só a aquela porção que é entregue a ACPC, não se tendo um registro de aqueles artesanatos que cada família individualmente confeccionou y vendeu a outras pessoas. Essa falta de registro não permite identificar quanto da produção total está destinada a outros intermediários.

Com os dados registrados e fazendo o cruzamento deles, poderia se inferir, que a produção durante o pico 1999-2001, deve-se: (i) a presencia do projeto de comercialização de ACPC, o qual assegurava que a produção chegasse até os distintos mercados e tivesse retorno econômico, (ii) o ingresso de pesquisadores na etapa de estudos das ANP's incentivava a produção, mesmo não tendo a venda confirmada, existia a possibilidade de que ACPC leve seus produtos, (iii) o funcionamento do clube de artesãs, que estimulava a produção organizada de artesanatos.

Dos cadernos de controle, observou-se que grande parte dos pagos que ACPC fazia pelos artesanatos, não consistia em soles[17], senão em produtos provindos da cidade, como: shampoo, panos brancos e coloridos (os panos brancos depois seriam tingidos com potsotaroki), pentes, calcinhas, linhas coloridas, entre outros. O valor que ACPC oferecia pagar pelos artesanatos não incluía os custos de transporte desde as comunidades até os centros de venda, sendo esse mesmo valor obtido pela venda entregue as mulheres.

O que é totalmente certeiro é a valida presencia dos intermediários no processo de comercialização. Como manifestaram a totalidade dos entrevistados, o principal problema para vender seus produtos era o alto custo de transporte, mesmo eles contando com a embarcação, o preço do combustível era tão alto que na maioria dos casos, o retorno não cobria os custos de transporte até o mercado mais próximo. Como corrobora Peralta, (2001) além desse fator, os preços que se pagam por seus produtos são muito baixos, não compensando o grande esforço da confecção nem o traslado até o mercado.

[17] Sol é a moeda nacional Peruana.

II. Impactos na organização

Em Camantavishi, a formalização da venda dos artesanatos viu-se concretizada através da formação de um "clube de artesãs" o qual esteve em funcionamento até finalizar o projeto de comercialização de ACPC. O primeiro passo para organizar o clube era escolher a 4 representantes, que cumpririam as funções de controle, recolhendo de cada mulher os produtos manufaturados, com posterior repartição dos ingressos obtidos pela venda. Na visita feita em 2005, registrou-se que esse clube não vinha funcionando desde finais do 2002 aproximadamente, as mulheres explicavam que não tinham mais incentivo para produzir devido a que ACPC não estava ingressando como antes à comunidade e por tal preferiam não se arriscar na confecção.

Assim também, as mulheres declararam que não gostavam de participar como autoridade, nem formar algum tipo de associação se não tivessem quem as orientasse. As lideranças eleitas por determinado período eram praticamente intimadas a continuar com as funções durante os anos posteriores, o que assustava outras mulheres, que não queriam para si a responsabilidade de dar continuidade à comercialização. Elas argumentavam que não tinham tempo para estas atividades, e que preferiam dedicar-se a outras tarefas, principalmente quando as vendas não tinham o retorno econômico que elas queriam.

Como mencionam Rojas, (1994, 1999), Viertler, (2002) e Varese, (1986) a estrutura social do grupo se baseia em diferentes aspectos como o parentesco, sexo, idade e a divisão do trabalho. Esses aspectos conferem aos participantes de um certo *status* social, que permite a convivência organizada ao interior do grupo. Como em outras sociedades indígenas, são os homens os que ocupam os cargos de lideranças, e com essa modalidade de representatividade feminina, as mulheres deparam-se ante situações como: a) devem destinar maior parte do seu tempo em tarefas que antes não formavam parte das suas atividades cotidianas, b) seu novo status vê-se refletido na organização social o que influi diretamente no seu relacionamento intrínseco ante elas e os outros, c) o ganho econômico na unidade produtiva se bem é benéfico para alguns gera também desentendimentos ao interior da família[18].

[18] A coordenadora do projeto explicava que algumas mulheres deixavam de participar por que os esposos não estavam contentes com a situação. Isto se reflete na quantidade de mulheres participantes no clube de artesãs, o 60% das mulheres estavam inscritas mas só o 40% participava ativamente.

Existem como em todos os casos, opiniões e experiência divergentes acerca do tipo de impacto que o ingresso ao mercado pode ter sobre a população intervinda. Como explica Silva (2004) no seu estudo com caiçaras da comunidade pesqueira de Canguaratema (RN), as atividades econômicas voltadas para o mercado, intensificaram o processo de afastamento dos aspectos tradicionais e culturais desses povos, resultando na perda de uma importante contribuição para o manejo dos recursos locais. De forma distinta mas não contraditória, no caso das mulheres artesãs do vale do Ribeira (SANTOS, 2005), o artesanato de fibra de bananeira na atualidade é considerado como uma alternativa de renda econômica que ajuda a complementar seus ingressos, e ainda esse tipo de trabalho conferiu uma identidade às mulheres e jovens da comunidade que passaram a serem vistos como profissionais.

III. Quando o utensílio vira artesanato

O utensílio produzido ao interior de uma unidade domestica, pode ser elaborado com fins utilitários, ou como um excedente de produção que depois terá valor de troca para a obtenção de outros produtos (ROJAS, 1994), ou ainda, passem a se constituir como artesanatos cuja importância se limite a renda econômica obtida nas vendas.

Como mostrado na tabela 1.4 em quase todas as categorias de produtos existe maior preferência na produção de utensílios fabricados para uso próprio do que para artesanatos, no entanto no caso dos artesanatos feitos de algodão tingido observa-se uma clara diferencia.

Os produtos feitos de algodão tingido, em todas suas modalidades de confecção, são os mais requeridos pelos turistas e compradores em geral. Ainda, são os artesanatos mais caros em comparação com as outras categorias. Cotejando com a tabela 1.3 (produção anual dos principais artesanatos) a elaboração de tecidos de algodão, não sofreu modificações marcantes nos últimos anos, mantendo uma produção de certa forma constante.

Tabela 1.4 - Produção de artesanatos segundo destino e matéria prima empregada

Destino de produção	Matéria prima	Freqüência Relativa (%)
Para comercialização	Folhas de palmeira	26,83
	Sementes	14,63
	Algodão tingido	41,46
	Outros	17,07
	Total [1]	100,00
Para uso próprio	Folhas de palmeira	43,64
	Sementes	29,09
	Algodão tingido	9,09
	Outros	18,18
	Total	100

[1] n: 30 mulheres

Os utensílios feitos com folhas de palmeira, são dificilmente substituídos por outros produtos dentro da comunidade, mas, embora o material apresente facilidade para o trabalho, não é duradouro se não for preservado por algum produto químico, o que não é atrativo para os compradores. Isto pode ser corroborado com a tabela 1.3, onde a produção desse tipo de artesanato teve uma decaída muito forte no último ano avaliado.

Por outro lado, o fácil acesso para a obtenção de sementes, a facilidade para seu trabalho manual, a existência de uma grande variedade de modelos de bijuterias, o baixo custo e tempo investido, convertem-nos nos artesanatos mais procurados pelos intermediários e turistas, tendo sua comercialização um incremento considerável durante os últimos anos. (Os dados de preferência indicam o contrario, mas os dados de ACPC se inclinam ao aumento da produção)

Os resultados apresentados até aqui indicam que existe evidentemente a preferência pela confecção só dos produtos que representam maior ganho econômico ou, menor dificuldade na sua elaboração, isso pode ser discutido com a afirmação de Soria e Casanto (2002) indicando que nas ultimas décadas devido aos inúmeros encontros com as sociedades diferentes e criação de novas necessidades, as comunidades indígenas passaram a produzir seus objetos mais como artesanato para a venda do que para o próprio autoconsumo.

Segundo Illius (1964) apud Soria e Casanto (2002) a nossa sociedade está atravessando por um fenômeno que ele chama de "*airport art*" (arte do aeroporto), no caso dos Asháninka pode se chamar de "arte da estrada" pois os artesanatos são

desviados do seu foco tradicional para dirigir-se aos centros de comercialização. Assinala também que neste tipo de fenômeno a partir da demanda no mercado turístico, os produtos passam por modificações no estilo, tendo como características: a) produção simultânea; b) entoscamento das formas; c) cambio de proporções; d) materiais não autênticos; e) trivialização do motivo; f) encarecimento; e g) transgressão dos limites locais para a comercialização.

IV. Descaracterização das vestimentas

Comparado com a documentação histórica desse grupo étnico, e pelas visitas feitas em anos anteriores, é facilmente palpável que em Camantavishi vem acontecendo modificações no tipo de vestimenta usado tanto pelas mulheres quanto pelos homens. Estas alterações são desvendadas no tipo de material de que estão feitos e na intensidade da sua utilização.

No caso das vestimentas masculinas, a indumentária original consistia em um vestido chamado "Cushma", o qual era tecido pelas mulheres com algodão nativo. Durante a tecelagem desse, iam colocando-se linhas de algodão previamente tingidas com corantes vegetais[19]. A Cushma era usada diariamente, tanto para o trabalho em campo como dentro do lar, principalmente durante as noites de frio. Na atualidade, os homens utilizam roupas provenientes da cidade, que consistem numa camiseta e um short ou calça. Durante a ultima visita (2006) observou-se que só os moradores de Shima e os mais velhos do núcleo Camantavishi usam a Cushma durante o dia, incluindo nas horas de trabalho. No caso da visita de alguma autoridade externa na comunidade alguns representantes Indígenas decidem vestir as Cushmas, ato que é motivo de muitas criticas na atualidade.

No caso das mulheres, a mudança veio com o tipo de material com que se confecciona a Cushma. Segundo relatos de Brehaut (comunicação pessoal)[20] as Cushmas originais femininas eram similares no tipo de confecção às Cushmas masculinas; isto é, tecidos feitos com algodão nativo, apresentando uma ligeira diferencia nas linhas decorativas, as quais se colocavam no sentido horizontal e no caso das Cushmas masculinas eram no sentido vertical. Na atualidade, o vestido é feito

[19] O uso de corantes naturais é explicado no Capitulo II de essa Dissertação

de um pano de algodão, o qual pode ser branco sendo tingido depois com Potsotaroki (Trichillia pallida), ou pode ser feito de pano de algodão sintético já colorido. O pano de algodão sintético chamado "Tocuyo" só pode única e exclusivamente ser adquirido na cidade.

Nas conversas mantidas com os moradores mais antigos e com o fundador de ACPC[21], comentavam que antigamente as Cushmas eram feitas com casca de "Potó" (*Cecropia sp*), essa casca também era usada para a fabricar outros utensílios como bolsas e fios para arcos e flechas. No caso das Cushmas dos homens, se estima que todo o processo de tecelagem, desde a coleta do algodão da chácara, até o tingimento dos fios de algodão, demora em media 6 meses (ACPC, 2001).

A escolha de novos insumos na vestimenta, pode dever-se a que os novos médios respondem com maior eficácia ante suas necessidades de proteção e de acomodação (ROJAS, 1994) e segundo as observações, a escolha poderia se basear em que: (i) há maior facilidade no aceso à matéria prima, desde que são os comerciantes que trazem as roupas prontas, (ii) os novos tecidos são mais confortáveis para suportar altas e baixas temperaturas, assim como para realizar os trabalhos de campo e, (iii) a exigência de tempo para a manufatura das roupas é ínfima.

De forma acertada Meneses (1999, p 92) indica que as mudanças ocorridas em qualquer tipo de sociedade devem ser entendidas como um processo de adaptação cultural de acordo com as circunstancias e o entorno em ação:

> "*Por tanto, a natureza das necessidades, nas sociedades humanas, não é dada integralmente pela natureza mas instituída segundo contextos específicos e como decorrência de escolhas e seleções. Deriva de ai a amplitude de formas e objetivos, produtos, conseqüências e mais ainda a possibilidade permanente de mudanças"*

---

[20] Ivam Brehaut, Janeiro 2002. informação pessoal. email: brehaut@terra.com
[21] Michel Saenz, 2001. Informação pessoal. Email: michashaninka@hotmail.com

V. A troca como atributo cultural

A troca de produtos entre os indivíduos do mesmo grupo étnico, se manifesta como uma característica própria dos Asháninka, sendo um indicativo das representações culturais que também deve ser avaliada. Como mencionam Varese (1968) e Rojas (1992), esse fenômeno cultural, representa muito mais do que o simples fator econômico e social, mostra-se também como um rasgo eminentemente religioso. Ainda, a troca de produtos elaborados como excedentes da unidade familiar, que podem ser: Cushmas e outros tecidos de algodão, sementes, frutos, e principalmente a sal, constituem-se como suporte material da renovação das relações sociais entre os Asháninka que se localizam em diferentes lugares, mantendo o sentimento de união como o mesmo grupo étnico (ROJAS , 1992).

Como o registrado nas entrevistas, a maior parte das mulheres (66,67 %) declarou que não realiza mais troca com outros moradores, o restante (33,33 %) ainda mantém esse comportamento como parte dos seus costumes.

Os produtos maiormente trocados eram: sementes por facas, panos brancos por dentes de macacos e colares de dentes por facas. Os panos brancos, com os quais se confeccionam as Cushmas femininas, são requeridos pelos moradores das partes mais altas, onde os comerciantes dificilmente podem chegar. Os Asháninka das partes baixas da cordilheira entregam panos de algodão e os da parte alta entregam dentes de animais, que na atualidade são mais difíceis de conseguir.

Aqui é importante anotar a dualidade do impacto que causa a presencia dos comerciantes e outros intermediários. Com o ingresso destes até a terra indígena, os bens materiais requeridos são agora accessíveis e formam parte do cotidiano, o que significa que a necessidade criada pode ser satisfeita pelos comerciantes, com isso claro gerando uma extrema dependência também. Na atualidade, os comerciantes têm acesso a quase todas as comunidades onde o rio o permite, pelo qual espera-se que a troca seja cada vez menor entre os indígenas.

2.3 Considerações Finais

A determinação das mudanças culturais de uma sociedade em particular significa ter em consideração todos os fatores que agem como causadores do impacto por um lado, e por outro a diferenciação dos aspectos próprios da cultura que se modificam com o tempo como um processo natural de adaptação. Como mencionou Rojas (1999) para entender essa relação de dominação de uma cultura sobre outra, é preciso estudar os diferentes comportamentos dentro de cada formação econômica - social considerando os elementos sociais e ideológicos que cabem a cada qual. Assim apresentam-se aqui aproximações do que podem significar as mudanças devido a dois fatores, o contato com o mercado e a delimitação das áreas protegidas.

O intervalo entre 2003 e 2006, é pouco para afirmar que estão se desenvolvendo com êxito os novos empreendimentos de aproveitamento sustentável no entorno das áreas protegidas (ICDPs). Talvez é impossível neste momento medir os resultados por comunidade, mas ao nível de representatividade como sociedade, parece estar tomando maior força. Como o observado na Reserva Comunal os cargos da chefia estão compostos por dois indígenas, uma mulher e um homem, ambos eleitos por unanimidade dentro das suas bases comunais.

O conhecimento específico sobre as responsabilidades e atributos que tem a criação das áreas protegidas é ainda pouco claro entre os moradores das áreas do entorno. Observa-se ainda a preocupação, principalmente por parte dos homens, acerca das limitações impostas pelo governo sobre o uso de espécies madeiráveis. Esse resultado reflete a necessidade de intensificar o trabalho de informação e conscientização com a população local, que se bem foi um trabalho já realizado, com o passar do tempo ao parecer não está sendo transmitido entre a população ou ainda há um desinteresse pelo tema.

A falta da presença da ACPC ou de outro organismo que vele pelos interesses dos produtos indígenas, pode ocasionar uma desvalorização dos seus artesanatos. Em vista de que os custos de transporte são altos, os comerciantes incluem esses gastos no preço final do produto, encarecendo-o.

As observações feitas em Camantavishi como nas outras comunidades da Bacia, demonstram uma grande vinculação com o mercado local, e mais forte ainda é o contato e dependência das sociedades tradicionais andinas, as quais evidenciam até os tempos atuais serem um tipo de sociedade dominante em vários aspectos como no comercio, musica, vestimenta, etc.

Produto do contato com o mercado, observou-se algumas modificações que se apresentam em diferentes níveis de intensidade:

(i) a comunidade Camantavishi sofreu variações na forma de uso de tecidos tradicionalmente empregados para satisfazer as necessidades de proteção e acomodação. Tanto a matéria prima quanto os vestidos masculinos e femininos, têm sido trocados por um tipo de tecido e vestimenta mais eficiente.

(ii) a fabricação de utensílios para uso próprio passou a ter importância econômica, observando-se a preferência pela produção em maior escala de artesanatos que possuem alto valor de renda e significam menos gasto de tempo e mínimo esforço.

(iii) o fato da troca, como manifestação cultural encontra-se em débil proporção na comunidade, só mantendo-se esse comportamento com os moradores que habitam nas partes altas da cordilheira, lugares aos quais os comerciantes ainda não têm acesso fácil.

(iv) o tipo de associação comercial como “clube de artesãs” teve certas divergências ao interior do grupo, principalmente ante as próprias mulheres, as quais deviam deixar as atividades do dia a dia para se dedicar a outras novas, além disso o cargo de líder supunha certos comportamentos hierárquicos que ocasionava desentendimentos entre as demais.

Referências

ATLAS LINGÜÍSTICO. Lima: Instituto Andino de Artes Populares del convenio Andrés Bello- Comisión del Perú. 1988. 100 p.

ACPC- ASOCIACIÓN CUTIVIRENI. **Áreas Protegidas em Vilcabamba**. Disponível em: <http://www.geocities.com/acpcweb/anpvilc.htm> Acessado em: 10 dez. 2000

ACPC- ASOCIACIÓN CUTIVIRENI. **Diagnostico de las capacidades productivas en las Comunidades Asháninka del río Ene**. Lima, 2001. 32 p.

ACPC- ASOCIACIÓN CUTIVIRENI. **Proyecto:** Producción y comercialización de artesanías de Comunidades Asháninka del Río Ene. Lima, 2004. 83 p.

ACPC- Asociación Cutivireni. **Inventario e Plan de Manejo forestal en la comunidad Indígena Camantavishi**. Lima, 2005. 50 p.

BANCO MUNDIAL. **Implementation of Operational Directive 4.20 on Indigenous Peoples**: An Independent Desk Review. January 10, 2003. 68 p. Operations Evaluation Department Country Evaluation and Regional Relations (OEDCR) (Report 25332**)**

BARBANCHO, C. F. **Identidad y etnicidad indígena histórica.** Lima: Universidad Mayor de San Marcos, [s.d], 4 p.

CAMPANILI, M. A conquista da autonomia: Os Asháninka do acre apostam na diversidade e caminham para a independência financeira. **Terra da gente**, São Paulo, v. 1, n. 2, p 10, jun 2004.

CAVERO, M. G. **Informe sobre el intercambio entre pueblos Ashaninka Peru-Brasil.** Lima: ACPC, 2005. 7 p. (Relatório de viagem- programa mulher)

COLCHESTER, M. **Resgatando a natureza: comunidades tradicionais e áreas protegidas**. In: Etnoconservação – novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos. Antônio Carlos Diegues (Org.) São Paulo: HUCTEC, NUPAUB-USP, 2000. p.225-256.

COLCHESTER, M. **Naturaleza cercada- Pueblos Indígenas, áreas protegidas e conservación de la biodiversidad**. Uruguay: Ed. Movimiento Mundial por los bosques tropicales-WRM, 2003. 155 p.

CVR- COMISION DE LA VERDAD Y RECONCILIACIÓN. **El despliegue Regional**. Lima, 2003, 75 p.

DENEVAN, W. Campa Subsistence in the gran pajonal, Estearn Perú. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE AMERICANISTAS, 39, 1972. Lima. Anais...., lima 1972. 23 p.

DIEGUES, A. **Etnoconservação:** Novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos. São Paulo: NUPAUB- USP, 2000. 290 p.

DIEGUES, A.C. **Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil**. In: DIEGUES, A.C e ARRUDA, R.S.V. (Org). Brasília: Ministério do Meio Ambiente; São Paulo:USP. 2001. 176p.

DOUROJEANNI, M. J. Vontade política para estabelecer e manejar parques. In: TERBORGH, J.; VAN SHAIK, C.; DAVENPORT, L.; RAO, M. **Tornando os parques Eficientes-** Estratégias para a conservação da natureza nos trópicos. Curitiba: Ed. UFPR/ Fundação O Boticário, 2002. p 347-362.

GARCIA, P. H; KJAERBY, C. **Las Reservas Comunales y el Territorio de los pueblos Indígenas. Una primera aproximación 2002-2003**. Lima. 120 p. 2003.

HAGUETTE, T. M. O objeto das metodologias qualitativas. In: _____. **Metodologias qualitativas na sociologia**. Rio de Janeiro: Vozes, 1992. p. 55-92.

INEI- Instituto Nacional de Estatística e Informática. Disponível em: <http://www.inei.gob.pe/home1.asp> Acessado em: fev 2000.

INRENA -INSTITUTO DE RECURSOS NATURALES. **Expediente técnico de Categorización de la zona reservada Vilcabamba. Parque Nacional Otishi**. Lima, 2002. 64 p.

ISA- INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. Disponível em <http://www.socioambiental.org/pib/epi/ashaninka/ashaninka.shtm> acessado em 20 jun. 2006.

IZAGUIRRE, B. Fray. **Historia de las misiones franciscanas y narración de los progresos de la geografía en el oriente del Perú:** relatos originales y producciones en lenguas Indígenas de varios misioneros. Lima: Ed. Convento de Santa Rosa de Ocopa. 2001. 125 p.

KATAOKA, S. Y. **Indicadores da Qualidade da experiência do visitante no parque estadual da Ilha Anchieta.** 2004. 97 p. Dissertação (Mestrado em Recursos Florestais) Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, Universidade de São Paulo, Piracicaba, 2006

KOMETTER, R**. Expedientes técnicos para la recategorización de la Zona Reservada Apurimac.** Lima: Conservación Internacional-Perú, 2001. 123 p. (Documento producido por el proyecto GEF/ Banco Mundial-CI-Perú)

MARQUES, J. G. O Olhar (des) multiplicado. O papel do interdisciplinar e do qualitativo na pesquisa etnobiologica e etnoecologica. In: AMOROZO, M.; MING, L. C.; SILVA, S. P. **Métodos de coleta e Análise de dados em etnobiologia, etnoecologia e disciplinas correlatas**. Rio Claro: UNESP /CNPQ, 2002. p.30-46.

MENDES, M. Os habitantes Asháninka in**:** CUNHA, M. C da; ALMEIDA, B. M. de (Org.) **Enciclopédia da floresta. O alto Juruá:** praticas e conhecimentos das populações. São Paulo: Companhia das letras 2002. cap. I, p. 161-168.

MELATTI, J. C. **Índios do Brasil**. 5ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1986. 222 p.

MENESES, U. B. Os usos culturais da cultura. In: YAZIGI; CRUZ, E.; CASSIA, R. de. (Org). Turismo: espaço, paisagem e cultura. São Paulo: Hucitec, 1999. p. 89-99.

MINCETUR. Ministério de Comerco Exterior yTurismo. Disponível em: <http://www.mincetur.gob.pe/index_f.asp?cont=1231136> Acessado em: jan. 2005

NEWING, H; WAHL, L.. Reservas comunales en el Perú. **Cultural Survival special edition on Indigenous Peoples and Protected Areas.** Canterbury: University Kent, 2004. 9 p.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO – OIT. C 69 **Convenio sobre Pueblos indígenas e tribales,** 1989. Disponível em: <http://www.ilo.org/ilolex/spanish/convdisp1.htm> Acesso em: fev. 2004

PAJARES, E. G; BREHAUT, I. L. **Entre el Mito y la Ciencia:** El Caso de los Grupos Étnicos Matsiguenka y Asháninka. El impacto de los conocimientos tradicionales de los pueblos indígenas amazónicos en la conservación de la diversidad biológica, Tendencias en el marco de la globalización. Lima: GEF BANCO MUNDIAL; CI-Perú, 2001. 265 p. Consultoría Asociada.

PANTOJA. **Enciclopédia da Floresta. O alto Juruá:** praticas e conhecimentos das populações. São Paulo: companhia das letras, 2002. p 249-283.

PAREDES, R. **Trajes y armas Indígenas**. La Paz: [s.n] 1964. 55 p.

PERALTA, P. **Análisis de los circuitos económicos en Vilcabamba**. Lima: ACPC; CI-Perú, 2001. 150 p. (Informe de evaluación para la recategorización de las Áreas Protegidas)

PERALTA, P. **Socioeconomic evaluation of indigenous communal carpentries in the Peruvian Amazon**. 2004. 100 p. Dissertação (M. S. in Tropical Conservation) – Natural Resources and Environment, University of Florida, Florida, 2004.

RICOEUR, P. **As culturas e o tempo:** estudos reunidos pela Unesco. Tradução de TITTON, G.; REIS O. dos; ALVES, E. F. São Paulo: Vozes, Universidade de São Paulo, 1975. 284 p.

ROJAS, Z. E . **Pachakama, Inka, y el origen de las herramientas de acero. Dones divinos y remplazo tecnológico en un contexto de subordinación económica e intercambio desigual:** El caso de los Campa Asháninka de la Selva Central. 1990. 2 v. Tesis (licenciatura en Antropología) Pontificia Universidad Católica del Perú. 1990.

ROJAS, Z. E. Acerca del "Saber cuando hacer": el calendario Campa Asháninka y el ciclo anual de actividades. **Revista Anthropologica**, Lima. n 10, p. 171-189, 1992.

ROJAS, Z. E . **Los Asháninka:** un pueblo tras el bosque, Contribución a la etnología de los campa de la selva central peruana. Lima: [s.n], 1994. 354 p.

ROJAS, Z. E. Aspectos Técnicos y simbólicos del hilado y el tejido entre los Asháninka**.** **Revista Anthropologica**, Lima. n 17, p. 117-134, 1999.

ROMAN, Z. Relaciones Intertribales en el bajo Urubamba y el alto Ucayali. Lima: CIPA-Andrômeda, n. 5, p 89-115, 1983.

ROSPIGLIOSI, J. I. **Diagnostico socioeconómico de las CCNN de los ríos Perené-Ene, y Tambo**. Lima, 1982. 74 p.

ROSPIGLIOSI, J. I. **Comunidades Nativas de Río Ene, diagnóstico y alternativas de desarrollo**. Lima, 1983. 1983. 175 p.

SANTOS, K. P. dos. **A atividade artesanal com fibra de bananeira em Comunidades Quilombolas do Vale do Ribeira (SP).** 2005. 99 p. Dissertação (Mestrado em Ecologia de Agroecossistemas)- Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz", Universidade de São Paulo, Piracicaba, 2005.

SANCHES, R. A. **Caiçaras e a estação ecológica de jureia-itatins litoral sul são Paulo. uma abordagem etnográfica e ecológica para o estudo da relação homem-meio ambiente**. 1997. 209 p. Dissertação (Mestrado em Ecologia)- Instituto de Biocenciencias, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

SINANPE –SISTEMA NACIONAL DE AREAS NATURAIS PROTEGIDAS. disponível em <http://www.inrena.gob.pe/ianp/ianp_sistema_sinanpe.htm> Acessado em: 3 nov. 2006.

SILVA, M. R. **Povos de terra e água**: a comunidade pesqueira canto do Mangue, Canguaretama (RN). 2004. 142 p. Dissertação (Ecologia de Agroecossistemas) Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz", Universidade de São Paulo, Piracicaba, 2004.

SILVA, R. D. da. Educação, cultura e meio ambiente: uma aproximação das concepções indígenas a partir do movimento dos professores indígenas da amazônia. Manaus: UFAM. **Educação Ambiental**. n.22. **19 p.**

SORIA, C. M; CASANTO, S. E; **Arte y cultura del monte:** Asháninka del Perené. Lima: Universidad Nacional Mayor de San Marcos, 2002. 98 p.

TOURNON, J.; SERRANO, G. Colorantes vegetales usados por los Shipibo-Conibo en la amazonia peruana. **Revista Forestal del Perú**. v. 16, n. 2, p 75-81, 1989

TRIVINHOS, A. N. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987. 175 p.

VAN SCHAIK, C.; RIJKSEN, H. D. Projetos integrados de conservaçao e desenvolvimento: problemas e potenciais. In: TERBORGH, J.; VAN SHAIK, C.; DAVENPORT, L.; RAO, M. **Tornando os parques Eficientes-** Estrategias para a conservação da natureza nos tropicos. Curitiba: Ed. UFPR/ Fundação O Boticario, 2002. p 37-51.

VARESE, S. **La sal de los cerros**. Notas Etnograficas e históricas sobre los campa de la selva central del Perú. Lima: Editora Retablo, 1968. 161 p.

VIERTLER, R. Métodos Antropológicos como ferramenta para estudos em Etnobiologia e Etnoecologia. In: AMOROZO, M.; MING, L. C.; SILVA, S. P. **Métodos de coleta e Análise de dados em etnobiologia, etnoecologia e disciplinas correlatas**.Rio Claro: UNESP /CNPQ, 2002. p. 11-29.

3 OS USOS TRADICIONAIS DE POTSOTAROKI (*Trichilia pallida*) E SUAS MUDANÇAS

Resumo

Os povos tradicionais que vivem dos recursos provindos da floresta mantiveram uma relação quase simbiotica com seu entorno, aproveitando os recursos mas assegurando sua conservação para a subsistência das futuras gerações. No entanto, o contato com fatores alheios a sua cultura, pode gerar variações na forma de manejo tradicional, causando por sua vez impactos no meio ambiente. Documenta-se as técnicas de aproveitamento e forma de uso tradicional da espécie florestal "Potsotaroki" (*Trichilia pallida*) usada como corante na produção de artesanatos de algodão. O estudo desenvolve-se numa comunidade Asháninka da floresta alta na Amazônia peruana, inserida no âmbito de um sistema de Áreas Protegidas constituído pelo Parque Nacional Otishi e as Reservas Comunais Indígenas Asháninka e Matsiguenga. Caracterizam-se também os possíveis fatores de impacto no tipo de uso e manejo tradicional da espécie. Os fatores avaliados são: (i) disponibilidade natural de Potsotaroki (ii) visitação turística no entorno das áreas protegidas e (iii) contato com intermediários do mercado. Os principais intermediários identificados pelos indígenas são: os comerciantes, as ONG's e Instituições Governamentais, agindo cada um de forma e intensidade diferente. Os impactos registrados são: a) mudança na técnica de corte da espécie b) variações no tipo de vestimenta e c) troca de corantes vegetais por insumos sintéticos na produção de artesanatos. Esses fatores avaliados têm por objetivo fundamental o registro do status da espécie florestal, e sua relação com o processo natural de inserção das comunidades Indígenas no sistema social dominante. Assim, as informações obtidas esperam servir para o planejamento das atividades de extração florestal e os planos de comercialização de artesanatos que usam a mencionada espécie.

Palavras-chave: Potsotaroki; *Trichilia pallida*; impactos do turismo; comunidade Asháninka; Artesanato indígena.

Abstract

The traditional people who live from the resources that come from the forest had kept an almost symbiotic relation with their surrounding land, using the resources but assuring its conservation for the subsistence of future generations. However, the contact with factors that are different from their culture can generate variations in the way of traditional handling, causing impacts in the environment. It's registered the techniques of exploitation and the traditional way of use the forest species "Potsotaroki" (Trichilia pallida) used as dye in the production of cotton handcrafts. The research was done in an Asháninka community, from the high forest in the Peruvian Amazon, in the scope of a Protected Areas System constituted by the Otishi National Park and the Indigenous Communal Reserves of the Asháninka and Matsiguenga ethnic groups. The possible factors of impact in the type of use and traditional handling of the species are also characterized. The evaluated factors are: (i) natural availability of Potsotaroki (II) tourist

visitation in the buffer zones of the protected areas and (III) contact with intermediate dealers of the market. The main intermediate dealers identified by the local people are: the traders, ONG' s and Governmental Institutions, acting each one of a different way and intensity. The registered impacts are: a) change in the technique of cutting the species b) variations in the type of clothes and c) changing the vegetal dyes for synthetic ones in the production of handcrafts. These evaluated factors have the goal of registering the status of this forest species, and its relation with the natural process of insertion of the indigenous communities in the dominant social system. Thus, this information is supposed to serve for the planning of the forest extraction activities and the plans of commercialization of handcrafts that use the mentioned species.

Keyword: Potsotaroki; Trichilia pallida; Factors of impact; Asháninka People; Indigenous handcraft.

3.1 Introdução

A idéia de que o valor da floresta se concentra somente na produção de madeira, tem sido modificada principalmente devido às propriedades demonstradas pelos povos tradicionais que dela usufruem e pelos produtos que estão sendo comercializados na atualidade. Entre os diversos produtos não madeireiros, podemos encontrar aqueles que têm fins medicinais e de alimentação, óleos essenciais, gomas, resinas, tinturas, fibras e outros produtos como mel e seda (GAHATI, 1995; SHIVA 1995).

O manejo de espécies silvestres com potencial não madeireiro não se encontra entre as prioridades dos grandes investidores, e para alguns autores como Shiva (1995) dentre as razões para essa desatenção podem ser citados a baixa rentabilidade econômica em comparação com o comercio de madeira, pouco conhecimento das espécies e seus usos, informações não comprovadas do conhecimento indígena e sua limitada transmissão, entre outros.

Na Amazônia a maior parte da informação e conhecimento que se tem sobre o uso de espécies animais e vegetais origina-se principalmente na bagagem cultural dos povos indígenas (GACHATI, 1995; PINEDO-VASQUEZ, 1990). No entanto, com as mudanças provenientes de um mundo cada vez mais globalizado, com os diversos interesses e necessidades das novas gerações, muito dos conhecimentos tradicionais estão se perdendo antes de serem documentados.

No contato com as sociedades modernas, as comunidades indígenas Asháninka têm passado por muitas mudanças, principalmente na utilização de recursos naturais, os quais foram sobre utilizados ou sub utilizados. No caso do Potsotaroki (*Trichilia pallida*) a forma como a espécie era utilizada tem passado por algumas modificações. Partindo da experiência pessoal, pode se observar que algumas técnicas de corte e uso foram se transformando com o passar dos anos.

Existe, portanto, uma forte necessidade de identificar, pesquisar e sobretudo, registrar aqueles saberes que foram passados de geração em geração pelos povos da floresta. Esse conhecimento sobre o domínio no uso das espécies poderá oferecer a outros pesquisadores, bases que ajudem no melhor entendimento dos complexos sistemas ecológicos (POSEY, 1986), tornando efetiva a sua própria conservação e possibilitando a geração de uma fonte de renda econômica no interior da unidade familiar.

Mesmo nos casos onde a informação existe, ela é inadequada e mal difundida, como no caso da espécie florestal *Trichilia pallida*, cujo uso na Amazônia peruana sempre foi limitado a suas propriedades como madeira para construção civil. Nesta pesquisa descrevem-se os aspectos tradicionais do seu uso como corante natural para vestimenta e acessórios, uso registrado pelos povos indígenas tanto nas florestas Peruanas quanto nas Brasileiras.

O presente estudo desenvolve-se na comunidade Indígena Camantavishi, da etnia Asháninka, localizada na Amazônia peruana dentro da área de amortecimento de um sistema de áreas protegidas. Esse sistema está composto pelo Parque Nacional Otishi e duas Reserva Comunais Indígenas. O sistema por sua vez forma parte do corredor biológico Binacional Vilcabamba (Peru) –Amboró (Bolívia)

Objetivos específicos

- Documentar o processo tradicional de tingimento e os produtos que utilizam a espécie *Trichilia pallida*.
- Avaliar a influencia do turismo e outros fatores externos sobre o uso tradicional da espécie *Trichilia pallida*.

3.2 Desenvolvimento

3.2.1 Revisão Bibliográfica

3.2.1.1Descrição da espécie *Trichilia pallida*

A espécie *Trichilia pallida* cuja etimologia provêm do latim *pallida*=pálida, provavelmente dado ao aspecto pouco visível das lenticelas nos ramos jovens (KLEIN, 1984, apud PATRÍCIO; CERVI, 2005) pertence à família das Meliáceas. As Meliáceas representam uma das maiores famílias botânicas existentes, e talvez uma das mais importantes sob o aspecto comercial. Dentre as espécies tropicais encontramos as chamadas madeiras duras onde se destacam o mogno americano ou mogno verdadeiro (*Swietenia spp.*), mogno africano (*Khaya spp.*) sapele (*Etandrophragma spp.*), cedro (*Cedrella odorata*) entre outras (STYLES, 1971; MORELLATO 2004).

Nesta grande família podemos encontrar cerca de 70 espécies distribuídas em toda a América tropical, África e região Indo-Malaia (SOUZA, 2001), das quais aproximadamente 43 espécies ocorrem no Brasil (PENNINGTON, STYLES & TAYLOR, 1981 apud PATRÍCIO; CERVI 2005). No Estado do Paraná, sul do Brasil, tem- se reportado populações remanescentes do gênero Trichilia, principalmente das espécies *T. catigua A*. Juss (catiguá), *T. elegans* A. Juss. (pau-de-ervilha) e *T. Pallida* Sw. (baga-de-morcego) sendo a espécie *Trichilia pallida* a mais dispersa em todo o País (PENNINGTON, 1981 apud MATHIAS et. al, 2001; ROEL 2000;). Ela é comumente encontrada nas matas de galerias ciliares da região sudeste (PENNINGTON, 1981 apud SOUZA, 2001). Na região de Minas Gerais alguns estudos demonstraram que *Trichilia pallida* Sw pode ser encontrada na parte baixa de encostas, em solos mais férteis, ácidos e de textura mais arenosa (MORELLATO, 2000; VENÂNCIO 2003).

A. Biologia das flores

Por causa da inacessibilidade das flores e a dificuldade para observá-las na copa de árvores altas o conhecimento sobre sua biologia floral é insuficiente. Elas são usualmente produzidas em grande quantidada, complexas e com muitas bifurcações, geralmente com bifurcações primarias, secundarias e até quaternárias (STYLE, 1971) (Figura 2.1)

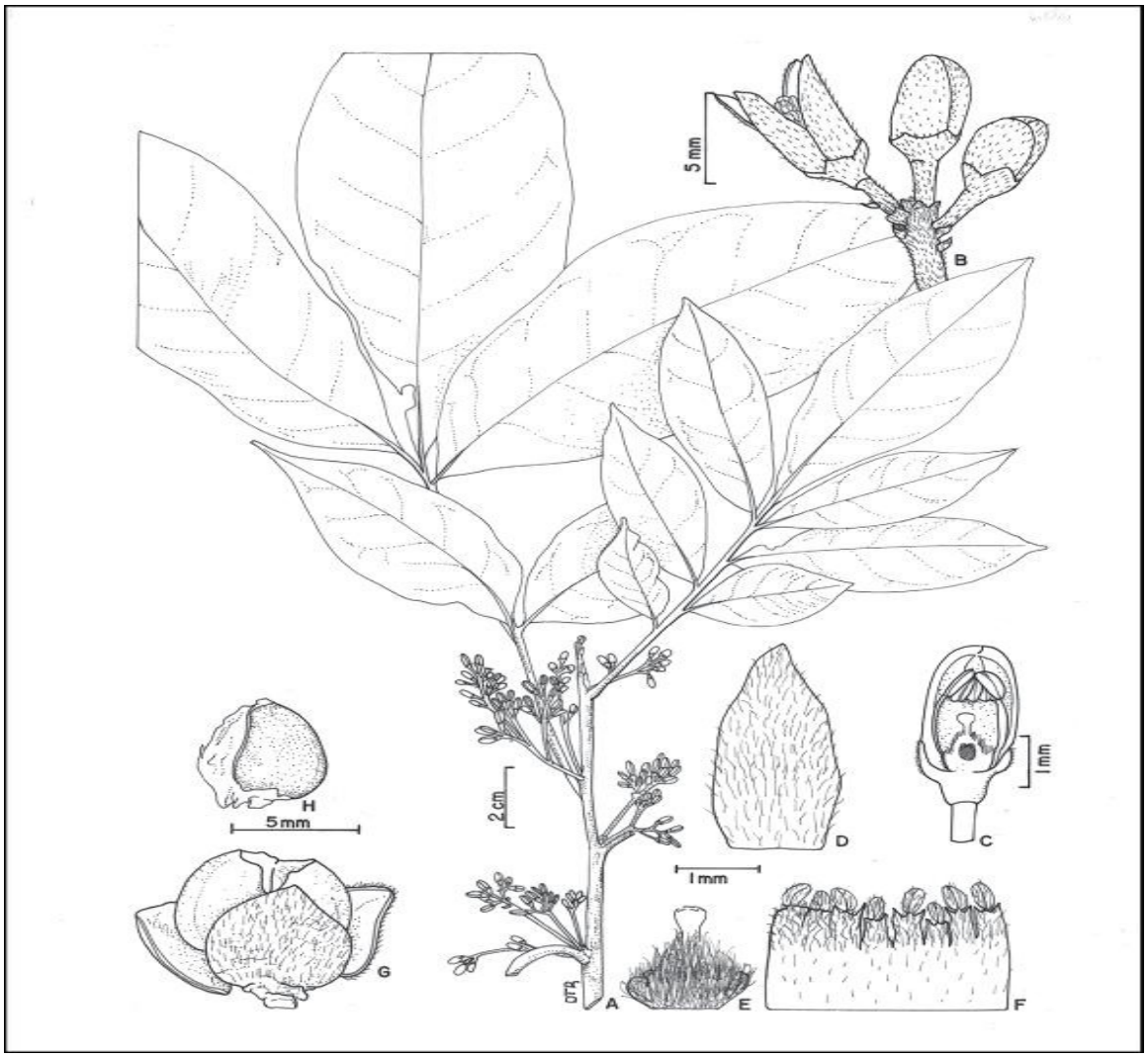

Figura 2.1- *Trichilia pallida* Sw. A, hábito. B, inflorescência. C, flor em corte longitudinal, mostrando androceu e gineceu. D, pétala. E, gineceu. F, tubo estaminal aberto – face dorsal. G, fruto. H, semente [(P. C. Patrício *et al*, 29 UPCB).]

Segundo Style, (1971) e Souza, (2001) Essas espécies apresentam quase sempre flores unissexuais (bissexuais em pequeno grau) em plantas dióicas. Mas existem também numerosos registros de plantas polígamas (PENNINGTON, 1981 apud SOUZA, 2001; MORELLATO, 2004). Numa pesquisa sobre silvicultura feita na Índia e Trinidad, Trump (1921) e Marshall (1939) apud Style (1971) defendem a posição de que as flores são sempre hermafroditas.

Na sub-família Melioideae, a maioria das espécies tem flores masculinas e femininas em diferentes indivíduos (dióicos) ou tem flores polígamas (flor masculina e hermafrodita na mesma planta). Embora em ambas, anteras e pistilos estão presentes

em qualquer flor. Nas flores funcionalmente masculinas as anteras são grandes, amarelas e cheias de pólem, o qual é liberado na forma normal. Mas no caso dos óvulos, esses são minúsculos e rudimentares, pardos e estéreis. As flores que são funcionalmente femininas, geralmente têm pétalas ligeiramente menores do que as flores masculinas e, mesmo os estames com anteras estão sempre presentes, elas permanecem pequenas, amarelas escuras e parecem não produzir pólen fértil. (STYLE, 1971; MORELLATO 1996 apud MORELLATO 2004)

B. Fenologia e sistema de reprodução

O florescimento entre as espécies de Meliáceas da floresta alta, parece ser estacional e simultaneamente na maioria das árvores em uma mesma população, embora o florescimento esporádico de árvores individuais em qualquer época do ano não seja inusitado. Mas o florescimento abundante não significa necessariamente que há produção de sementes viáveis (STYLE, 1971). Segundo Patrício e Cervi (2005) a época de floração observada no estado de Paraná se deu entre janeiro e junho, tendo frutos maduros a partir de maio (Figura 2.2).

A estrutura das flores das Meliáceas sugere que são entomófilas. A maioria das espécies possuem um perfume forte adocicado, o qual às vezes pode ser extremamente poderoso, permitindo sua detecção desde uma distancia considerável (STYLE, 1971). Morellato (1996) afirma que as flores de *Trichilia pallida* atraem um grande espectro de polinizadores incluindo vespas ou abelhas, mas principalmente são encontrados dípteros da família Syrphidae.

A aparente preponderância de árvores masculinas sobre as femininas nas espécies dióicas das Meliáceas é surpreendente. Isso poderia tornar a polinização mais provável, que pode ter sido estabelecida através da seleção. (STYLE, 1971)

Figura 2.2- Frutos de *Trichilia pallida.* Comunidade Camantavishi. Foto: T.C. Magro, Fevereiro 2006

C. Fuste

Os espécimes de *Trichilia pallida* observados no lugar de estudo apresentam fuste reto com pequenas estrias grossas; nos indivíduos maiores observam-se raízes tabulares que chegam até um metro de cumprimento; a casca morta é marrom escura, com tons vermelhos; a casca viva externa é avermelhada, a casca interna é de cor branca amarelada; não apresenta aroma. A altura total observada do fuste varia entre 10 até 30 metros, em árvores adultas. A altura do fuste antes das primeiras ramificações vai de 7 até 20 metros.

Figura 2.3- fuste de Trichilia pallida com presença de feridas. Foto: T.C. Magro, Fevereiro 2006

D. Propriedades inseticidas

Até o ano de 1996 nada se conhecia sobre a qualidade inseticida da família das Meliáceas. Pesquisas feitas por Rodriguez e Vendramim (1996) e Torrecillas (1997) apud Roel (2000) demonstraram que os extratos aquosos preparados com folhas de *Trichilia pallida* Swartz tinham efeito tóxico sobre a lagarta do cartucho do milho *Spodoptera frugiperda* (J.E. Smith) (Lepidoptera: Noctuidae). A partir dessa descoberta foram realizados testes com diversos extratos orgânicos (não aquosos) provenientes dos frutos e ramos dessa espécie sobre os mesmo insetos, demonstrando serem mais eficientes do que os extratos aquosos.

Entre as pesquisas desenvolvidas sobre essa espécie, alguns autores conseguiram isolar "limonoids" de diferentes espécies de *Trichilia*, obtendo efeitos biológicos contra os insetos, incluindo inibição do crescimento (KUBO and KLOCKE, 1982; MIKOLAJCZAK et al apud WHEELER 2001)

Ainda Wheeler (2001) menciona que os extratos etanólicos produzidos a partir da madeira e casca de outras espécies de *Trichilia* tiveram efeito redutor do crescimento larval de *Spodoptera litura*. A isso Xie, et al (1994) sugere que os extratos da casca e da madeira de *T. americana* apresentam maior concentração de compostos ativos do que nas folhas. Simmonds (2001) através de suas pesquisas demonstrou que esse gênero possui outros efeitos biológicos benéficos para a humanidade com propriedades antiviral e analgésica.

3.2.1.2 Corantes Naturais

Podemos encontrar dois grupos de substâncias corantes: aqueles naturais provenientes de plantas, animais e elementos da terra, e os corantes sintéticos produzidos quimicamente e mediante processos complexos feitos pelo homem.

As primeiras sustâncias corantes estiveram presentes nas algas marinhas unicelulares, mas com a evolução das espécies e a aparição das plantas terrestres, os processos fisiológicos permitiram que os metais presentes no solo (cobre, alumínio, ferro, etc) fossem absorvidos pelas raízes, permitindo as variedades de cores nas diferentes partes da planta (SITECURUPIRA, 2006) e tornando-as disponíveis para utilização na tintura de outros materiais.

Um corante é toda sustância que tenha capacidade de passar ou dar sua cor constitutiva a outros corpos que tenham por sua vez a propriedade ou facilidade de fixar ou receber uma cor diferente. (WIKIPEDIA, 2006; PROFESSORAMARA, 2006)

Na comunidade indígena Camantavishi foram registradas inúmeras plantas usadas com esse fim, mas destacam-se principalmente os usos de cinco espécies, provenientes de diversas famílias e tipos de vegetação (CRUZADO, 2000). O gênero das *Trichilias*, ao parecer é um dos mais usados como corantes pelos indígenas, como no caso da Argentina onde a maioria dos corantes é obtida das plantas nativas, como no caso da Catiguá (*Trichilia catigua*) cuja casca dá um corante vermelho quase marrom escuro. Os corantes são conseguidos especialmente das cascas e folhas, mas às vezes a planta só produz um antecessor da sustância, que por distintos processos ou manipulação (oxidação, fermentação, etc) se transforma em corantes (ABALOS, 2006)

O Uso dos corantes naturais no Brasil tem uma história muito antiga, talvez muito antes da época do seu descobrimento. Na época do descobrimento, foi dado o nome do país em referencia ao nome da árvore "Pau Brasil" fonte natural do corante avermelhado muito abundante no território. Até a metade do século XIX, todos os corantes eram derivados de folhas, ramos, raízes, frutos ou flores de várias plantas e de substâncias extraídas dos animais (GUARATINI, 2000).

3.2.1.3 Mitologia indígena na classificação e uso das plantas

Um dos aspectos mais atraentes que cercam os povos que vivem da floresta, é a mitologia associada á natureza em quase todos os aspectos de sua vida em grupo. Como em todas as sociedades simples pré-capitalistas, dependentes dos recursos naturais do entorno, a sociedade Asháninka manteve originalmente uma relação de misticismo entre os bens oferecidos pelas florestas e a sua produção material, seja na classificação das espécies ou na elaboração dos produtos (SORIA; CASANTO, 2002; ROJAS 1997).

Como menciona Rojas (1997) Essas concepções marcam um papel importante nas atividades produtivas já que a partir destas relações é possível manter a

continuidade das características identificáveis a cada grupo social. E por tal abarcam uma serie de complexidades ainda difíceis de serem totalmente descritas.

A confecção de telares usando tintura vegetal encontra-se intimamente ligada à tradição verbal, se integrando assim aos diferentes aspectos da vida social, contribuindo com as funções de memorização, entendimento coletivo, nominação e expressão estética (SORIA; CASANTO, 2002). Neste contexto a manufatura Asháninka não é considerada como simples objeto material, por incluir uma série de elementos ideológicos e estéticos que provêm da sua relação de respeito com a natureza, relembrando antigos acontecimentos ou personagens, cumprindo a função utilitária sem perda da mística expressiva do fabricante

Com o intuito de melhor entender o sistema indígena de classificação dos seres viventes, seres de cultura e seres de natura (o qual incluiria as plantas e animais) diversos antropólogos estabeleceram quatro posições (ROJAS, 2003):

(i) A posição chamada de relativista, desenvolvida pela escola de Antropologia Cognitiva, propõe que "O mundo natural é um caos que cada cultura põe em ordem de acordo com um sistema particular de categorias, a partir da qual segmentam conceitualmente a realidade para assim possuí-la" (ROJAS, 1997 p. 257).

(ii) A posição chamada de naturalismo universalista (Rojas, 1997) afirma que "as classificações já estariam na natureza e os homens das diferentes culturas as reconhecem ou não em cada sistema de classificação biológica popular" como bem menciona Berlin (1969) apud Rojas (1997 p 258) "[...] a simples curiosidade intelectual guia aos homens nas diferentes culturas para a construção dos seus sistemas de classificação".

(iii) A posição conhecida como a dos utilitários (Rojas, 1997, p 259), afirma que "as classificações como saber natural são essencialmente adaptativas, quer dizer que as pessoas classificam as entidades por que as utilizam". Essa posição é criticada por Lévi Strauss e Berlim segundo Rojas, (1997) por não considerar a dimensão histórica nem as influencias entre grupos vizinhos na definição das taxonomias concretas, o autor exemplifica que as crianças aprendem a palavra para "árvore" ou "liana" não por reconhecer nelas a qualidade funcional como madeira para fabricação de utensílios, mas sim pelas características morfológicas)

(iv) A posição intelectual tendo como defensor Lévi-Strauss (Rojas, 1997 p 260), mostra que “existe uma mitologia implícita às classificações em cada sociedade” acrescentando que o pensamento primitivo não faz o corte entre a sociedade e natureza como encontramos no pensamento moderno. Rojas (1997, p 260) menciona Philippe Descola, que diz que “nesses sistemas pré-modernos a sociedade não termina na fronteira da sociedade humana, se ampliando as relações de consangüinidade e afinidade às plantas e aos animais, os considerando como sujeitos sociais” .

Essas quatro posições tentam decifrar os códigos intrínsecos a esse tipo de sociedade Indígena, no entanto existem ainda muitas divergências de opiniões devidas também a que esses grupos se encontram em um *cambium continum* pelo contacto com outros modos de enxergar a natureza.

As vestimentas e acessórios são considerados bens necessários de proteção e conforto, assim a seleção de espécies vegetais, as técnicas empregadas na transformação dos recursos e as representações artísticas nos desenhos incluem parte das simbologias e rituais contempladas na produção de tecidos de algodão (ROJAS, 1994; VEBER, 1996).

Neste aspecto cabe mencionar que são as mulheres as que cumprem a função de produzir os tecidos de algodão, concebido como uma tarefa integramente restrita à população feminina, caracterizando-se por ser parte fundamental do status social da mulher no grupo (PERALTA, 2004). Ainda existem certos mitos e rituais associadas à não intervenção dos homens nestas tarefas (ROJAS 1997).

As plantas utilizadas na confecção desses bens vão desde espécies florestais, até espécies herbáceas e rasteiras, passando também pela utilização de “barros especiais” para a ajuda na fixação das cores. (Tabela 2.1).

Tabela 2.1 – Mitologias associadas ao uso de algumas plantas (continua)

N	Nome Indígena	Nome cientifico	Nome espanhol regional	Nome indígena de variedade cultivada	Nome indígena de variedade não cultivada	Usos e aplicações	Critério de classificação
1	Potsoti	Bixa orellana	Achiote da libélula	shiyentsivotsoti		Tintura vermelha para pele e algodão, usado contra a infidelidade.	"Como as libélulas quando copulam e ficam muito tempo juntas, é utilizado para que os infiéis fiquem atados ao unir-se"
			Árvore similar ao Achiote.		Potsotiniro[22]	Tintura amarela extraída da casca da planta silvestre parecida à cultivada	Árvore cujas folhas e frutos são parecidos ao achiote.
			Achiote verdadeiro	Potsotiperori[23]		Tintura vermelha para se pintar o rosto para a caça do veado.	Frutos grandes que produzem um pigmento vermelho escuro.
			Achiote do peixe	Shimavotsote[24]	Keshiroki	Tintura amarela para pintar o rosto e propiciar a pesca com arco e flecha.	Fruto redondo e plano casca e galho de cor amarela, parecida ao peixe.
2	Mayonko	*Curcuma sp.*	Palillo			Tintura para as linhas de algodão que serão usadas nos telares.	Rasteira de onde é usado o tubérculo.

[22] *Niro* significa igual, Potsotiniro: igual ao Potsoti.
[23] *Pero* significa verdadeiro, Potsotiniro: Achiote verdadeiro.

Tabela 2.1 – Mitologias associadas ao uso de algumas plantas (conclusão)

N	Nome Indígena	Nome cientifico	Nome espanhol regional	Nome indígena de variedade cultivada	Nome indígena de variedade não cultivada	Usos e aplicações	Critério de classificação
	Mayonkoma	*Curcuma sp.*	Palillo		Porenki		Árvore silvestre com galhos compridos e folhas e frutos parecidos ao palillo (pau comprido)
3	Ampeje	Gossipium sp.					
			Algodão	kityonkatyakeri[25]		Algodão vermelho para os telares.	Folha e galho roxos, flor vermelha.
			Algodão verdadeiro	Ampehiperori		Algodão branco para telares.	Folhas e galhos verdes, flores amarelas, copos redondos de fibras brancas e vermelhas.
		Ceiba pentandra	Lupuna		Manpe	Fibras brancas, mas não tem boa qualidade para o trabalho em telares.	Fruto de vaia oval que produz fibras parecidas ao algodão.

Fonte: ROJAS, 1999.

[24] Shima significa pez, Shimavotsote: Potsoti do pez.
[25] Kityonkari: vermelho, Oteyaki: flor

Na mitologia associada à produção de tecidos de algodão diz-se que *Pairani* (*Pairani* se refere a um tempo passado, mas que não tem referencia com nossa escala temporal) existia uma aranha chamada *Heto* ou *Ametyo*[26], que era uma anciã tecedora. Essa anciã comunica à filha do Pawa as técnicas para elaborar o tecido das primeiras faixas carregadoras de bebes. Como não podia faltar a mágica Lua, aparece a Deusa *Katsiri (*nome Asháninka*)* que ensina as técnicas de plantio do algodão, cuidar das crianças, fazer linhas e tingi-las e a forma de fazer a indumentária masculina e feminina. (ROJAS, 1997; SORIA; CASANTO, 2002). Segundo os relatos de Mendes (2002) para os Asháninka do Acre, a Lua representaria um personagem masculino.

> *" [...] um dia enquanto a Lua se banhava no rio e tinha deixado sua Cushma branca resplandecente do lado, passou por ai a formiga Coki que quis roubá-la, não podendo o fazer, deu várias mordidas na Cushma. A Lua [...] decidiu enterrar o resto do seu vestido rasgado para que dela brotasse algodão branco com o qual as mulheres nativas pudessem fazer suas próprias Cushmas. Antigamente não existia algodão branco, somente espécies de cor marrom claro e escuro. Com os outros pedaços da Cushma, a Lua fez crescer variedades de frutas e tubérculos de carne branca, como a mandioca, sachapapa, banana, dale dale e outros, e também povoou os céus com muitas aves de carne branca [...] para que daí em diante os Asháninka não padecessem de frio nem fome. (SORIA; CASANTO, 2002)"*[27]

Existem diversos tipos de algodão que são usados para a tecelagem, tanto na textura como nas cores, também diversos tipos de tinturas, e materiais para suporte e confecção, tendo em conta alguns rituais e mitos para escolher aqueles que apresentam melhor qualidade para a elaboração dos produtos. A tabela 2.2 detalha a indumentária confeccionada com algodão indígena e os usos segundo gêneros.

---

[26] Esses vocábulos correspondem ao mesmo personagem, mas foram encontrados com diferentes nomes, segundo Rojas (1997) e Soria (2002).

[27] Traduzido por G. Cruzado Melendez.

Tabela 2.2 - Indumentária confeccionada com algodão indígena e tinturas vegetais

N	Nome indígena	Uso	Deus ou personagem que ensinou fazer	Uso segundo gênero	Fabricação segundo gênero	Material de confecção	Tempo para fabricação	Durabilidade do produto
1	Kitsarentsi / Cushma	Vestido	Lua	M/H[(1)]	M	Algodão	6 meses para perder a cor	5 anos.
2	Tzarato	Bolsa	Lua	H	M	Algodão	5 dias	5 anos
3	Chovinarontsi	Capuz do chefe	Lua	H	M	Algodão e penas		5 anos
4	Chevatakirentsi	Cinto para carregar	Lua	M/H	M	Algodão		5 anos
5	Tsompirontsi	Carregador de bebe.	Lua	M	M	Algodão e enfeites de ossos.		5 anos
6	Omarentsi	Bracelete	Lua	M/H	M	Algodão com fios de cores	3 dias	5 anos
7	Shintamantsi	faixa	Lua	H	M	Algodão e enfeites de penas	3 dias	5 anos

Fonte: ROJAS, 1999

(1) M: Mulher, H: Homem

3.2.1.4 Importância da área de amortecimento de Vilcabamba

A Cordilheira de Vilcabamba (Figura 2.4), localiza-se na cadeia de montanhas dos Andes , no Sudeste do Peru. A parte mais alta está acima dos 4,300 metros e a parte mais baixa, na base do rio, está sobre os 400-500 metros (ALONSO et al, 2001). Os ecossistemas presentes na cordilheira encontram-se entre as zonas prioritárias de proteção mundiais conhecidas como *Hotspots*[28]. Esse *Hotspot* corresponde à classificação dos Andes tropicais, considerado como o de maior biodiversidade no mundo (CONSERVACION INTERNACIONAL-PERU, 2002)

28 São áreas onde mais de 50% da biodiversidade do planeta se concentra em aproximadamente 2% da sua superfície, sendo zonas geralmente mais ameaçadas. (CONSERVACION INTERNACIONAL, 2002)

Figura 2.4- Cordilheira Vilcabamba entre os departamentos de Junín e Cusco

Essa cordilheira se caracteriza por apresentar uma fisiografía abrupta, com montanhas escarpadas cortadas por inúmeros cânions e quedas de água de até 300 metros de altura. A vegetação presente corresponde a floresta de montanha, e pajonales[29], muito abundante aos 2.500 metros de altitude (ACPC, 2002).

Deve-se considerar que o Peru concentra 40% dos bosques andinos tropicais do mundo, o que aumenta a necessidade de atenção e o valor de estudos nesta área (YOUNG Y VALENCIA, 1992 apud INRENA, 2002).

[29] Tipo de Vegetação composta por arbustos e árvores de porte baixo de zonas nubladas.

Os solos presentes na cordilheira são reconhecidos como únicos na América, definidos como solos "*Karst Tropical*", fenômeno que só se repete na Ilha de Bornéo, dentro de um ambiente Tropical. Essa qualidade corresponde a territórios com horizontes edáficos cálcicos, predominantes e freqüentemente superficiais. Assim o Cálcio, elemento químico escasso na Amazônia e de vital importância para a fertilidade dos solos, se encontra de forma natural na cordilheira. Essa disponibilidade de cálcio além de contribuir com a fertilidade dos solos influi na quantidade de nutrientes que é transferida aos consumidores primários durante a ingestão (ACPC, 2002), assim como ajuda na regulação do "PH" das águas que confluem na Bacia do Amazonas, permitindo um equilíbrio entre a rede hidrográfica, a vegetação e o solo (INRENA, 2002; ACPC, 2002).

Pelas razões aqui expostas e por uma eminente ameaça de migração dos povos alto-andinos, principalmente do lado sul (INRENA, 2002), a necessidade de estudos e proteção das partes altas da cordilheira se encontra entre as prioridades da comunidade cientifica internacional, nacional, das Ong's, do governo e população circundante[30].

Como iniciativa de conservação e levando em conta a presença de povos tradicionais a Asociación Cutivireni (ACPC) de forma conjunta com a população local e apoio do governo, levou-se adiante o processo de formação de um sistema de Áreas Protegidas, o qual incluiria obrigatoriamente a proteção da diversidade natural da cordilheira quanto a proteção da diversidade cultural presente nas partes baixas dessa. Por sua vez, esse sistema constitui-se como parte de um dos mega-projetos de conservação biológica mais importantes da América do Sul, o referido Corredor Biológico Binacional Vilcabamba (Peru) – Amboró (Bolívia) com uma extensão de 30 milhões de hectares. (Figura 2.5)

[30] Interesse por parte dos povos Indígenas Amazônicos por proteger suas terras da invasão por povos Alto andinos.

Figura 2.5- Corredor Biológico Binacional. Vilcabamba (Peru) – Amboró (Bolívia)

O sistema de áreas protegidas de Vilcabamba é formado pelo Parque Nacional Otishi (vocábulo Indígena Asháninka que significa Montanha), pela Reserva Comunal Asháninka do lado ocidental, pela Reserva Comunal Matsiguenga do lado Oriental. A zona de amortecimento está constituída pelas terras das comunidades indígenas nas partes baixas da cordilheira (Figura 1.1). Em seu conjunto o sistema está rodeado por comunidades Indígenas pertencentes à família Arahuak, especificamente pelos grupos étnicos Asháninka, com uma população aproximada de 12.000 habitantes; Matsiguenga e Yine Yami (INRENA, 2002). As áreas destas comunidades se localizam de tal forma que agem como um cinturão de segurança das partes baixas da cordilheira, sendo o primeiro caso no Peru em que os territórios comunais atuam também como zona de amortecimento das Áreas Naturais Protegidas (ANP).

Os grupos étnicos peruanos possuem conhecimentos importantes sobre os usos e propriedades de variadas espécies; diversidade de recursos e técnicas de manejo (BRACK, 2004), sendo por isso indispensável a colaboração desses povos na gestão das áreas protegidas nesta zona, especificamente da gestão das reservas comunais que protegem o Parque Nacional.

O manejo conjunto entre povos tradicionais e a administração do INRENA nestas áreas, são de vital importância, como reivindicado na Convenção número 169 de Povos Indígenas e Tribais (ITO, 1989) onde o regulamento reconhece que esses povos têm o direito a decidir suas prioridades para o processo de desenvolvimento, enquanto afete suas vidas, crenças, instituições e bem estar espiritual, assim como nas terras que ocupam e usam. O gerenciamento das zonas de amortecimento e as Reservas Comunais neste sentido se constituem como uma vantagem legal que busca chegar a um ponto de equilíbrio entre os interesses de conservação das áreas naturais e os direitos dos povos indígenas.

Nesta região do Peru, chamada de "Selva Central" os próprios moradores Indígenas identificaram múltiplas ameaças para o cumprimento dos objetivos de conservação das ANP, entre Essas: agricultura migratória, corte ilegal de madeira, práticas insustentáveis na extração de recursos, titulação de territórios de colonos[31], presença de grupos narco-terroristas, pouca fiscalização por parte do Governo e turismo desorganizado (INRENA, 2002; ACPC, 2004a; CI, 2002).

No entanto, como bem assinala Newing e Wahl (2004), mesmo existindo um sistema de Áreas Naturais Protegidas, que visam assegurar a integridade cultural e natural das áreas silvestres, existe também uma forte tendência por parte dos governos, assim como da comunidade internacional a incentivar a maximização de utilidades ao curto prazo. Isto através da exploração de madeira e vida silvestre sem controle algum, tornando-se assim numa ameaça tanto para os povos indígenas como para a biodiversidade.

[31] Termo usado para as pessoas que migraram das serras peruanas, como resultado de políticas de re-povoamento durante o governo na década dos anos 70. (CAVERO, 2003).

3.2.1.5 Turismo e Povos Tradicionais

Para Lage & Milone (2000) o turismo é um mercado de bens e serviços que atende às necessidades das atividades de viagens e lazer, incluindo a hospedagem, o agenciamento, a alimentação, o entretenimento e outras manifestações de produção para atender aos requerimentos dos consumidores (neste caso os turistas).

O Ecoturismo, tal como o define a UICN e o "Movimento Mundial por los bosques tropicais" (2003, p. 3), é:

> *"Aquela modalidade turística ambientalmente responsável que consiste em viajar ou visitar áreas naturais relativamente não perturbadas, com o objetivo de desfrutar, apreciar ou estudar os atrativos naturais (paisagem, flora e fauna silvestre) de tais áreas, assim como qualquer manifestação cultural do presente ou do passado que possa se encontrar ali, através de um processo que promove a conservação; tem baixo impacto ambiental e cultural, e propicia um envolvimento ativo e sócio -economicamente benéfico das populações locais".*

Dessa forma, tal conceito inclui o Etnoturismo, ou ecoturismo étnico que prevê como atividade o contato e integração cultural do turista com populações autóctones que vivem em localidades remotas em estreita relação com a natureza (PIRES, 1996 apud BARROS, 1999)

Alguns autores também tratam o Etnoturismo como uma modalidade específica de turismo, que se constitui na exploração turística da cultura de uma determinada etnia, suas danças, artesanato, comidas, festas, cerimônias religiosas. Ou seja, todas as manifestações culturais que possam ser utilizadas como atrativos (CABREIRA; MORETTI [s.d] apud SANTIAGO; PIMENTEL, CRUZADO, 2004).

Barros (1999) aponta como impactos culturais favoráveis, a valorização do artesanato e da herança cultural, o orgulho étnico e a preservação do patrimônio histórico. Como impactos negativos, a destruição do patrimônio histórico (depredação e circulação excessiva), a descaracterização do artesanato, a vulgarização das manifestações tradicionais e arrogância cultural. Os três últimos devido a transformação de objetos e manifestações culturais em mercadorias para satisfazer o turista visitante.

Sobre o estímulo às manifestações culturais tradicionais, provocadas pelo turismo, Lickorish & Jenkins (2000) apud Santiago; Pimentel; Cruzado, (2004),

comentam que a comercialização de eventos da cultura tradicional pode levar a criação de uma “Pseudocultura“, sem valor cultural algum para a população local ou para os visitantes.

Lindberg & Huber Jr (1999) apontam que um impacto positivo do turismo sobre as comunidades tradicionais é o desenvolvimento do artesanato local e outros *souvenires*. Em geral, as vendas de *souvenires* são o meio mais fácil dos habitantes locais se beneficiarem com a presença de turistas. Entretanto, é muito comum a venda de produtos vindos de outras regiões ou até mesmo de outros países. Os autores ressaltam que é preciso cautela para evitar o prejuízo indireto ao meio ambiente, à cultura ou à economia local. O artesanato não deve basear-se na utilização da flora ou da fauna quando isso colocar em risco as espécies ou os costumes locais.

No turismo, comumente, as culturas receptoras (comunidades tradicionais), sentem-se inferiorizadas em relação aos visitantes e tendem a absorver suas características culturais, mais facilmente que o oposto (SOLDATELI, 2002), já que a cultura não dominante empresta valores mais intensivamente da cultura dominante (LAGE; MILONE, 2000).

De acordo com Horwich et al., (1999), o turismo de massa pode ter conseqüências negativas e de longo alcance para os povos nativos e o ambiente. Ele pode degradar o meio natural pela visitação excessiva, provocar inflação na economia local e salientar as diferenças culturais e econômicas entre os habitantes locais e os viajantes de classes econômicas mais ricas. Dessa forma, o ecoturismo genuíno deveria basear-se em uma perspectiva de sistemas que inclua a sustentabilidade e a participação da população rural local, envolvendo um esforço cooperativo entre essa e os visitantes.

A presença dos turistas pode trazer uma série de influências para as comunidades locais e, embora teoricamente, as populações residentes nas áreas de amortecimento estejam protegidas dos efeitos mais nocivos resultantes da atividade turística, elas estão submetidas a outros impactos decorrentes da presença do visitante que as tornam suscetíveis a uma gradativa alteração de sua cultura e modo de vida. Destaca-se ainda que as populações tradicionais que estão nas áreas próximas as ANP mesmo com uma lei de proteção diferente, também podem sofrer esses efeitos

deletérios maiores. Logo, o planejamento e monitoramento das atividades turísticas nessas áreas são importantes instrumentos para potencializar os impactos positivos e minimizar as conseqüências negativas sobre as comunidades (SANTIAGO; PIMENTEL, CRUZADO, 2004)

3.2.1.6 O Turismo que levou a conhecer grandes segredos

O turismo desenvolvido na região tem um histórico carregado de aventuras e experiências pessoais muito ricas envolvidas entre as riquezas naturais e culturais da terra Asháninka, desde o ano 1982, em que o fundador de ACPC, juntamente com outros excursionistas aventuraram-se em viagens pelos domínios da selva alta, sem conhecimento sobre as dificuldades e descobertas que iriam experimentar.

Uma das maiores atrações naturais era a catarata de "*Parijaro"*, com uma queda de 259 metros, a mais alta localizada nesta região. Politicamente encontra-se nos limites da comunidade Camantavishi, na fronteira com a comunidade Cutivireni. O acesso a essa beleza natural determina sua passagem pela comunidade Cutivireni, no entanto, é dever dos visitantes, solicitar permissão para ingressar em território Camantavishi, o que, nos últimos anos criou desentendimentos entre ambos as comunidades. Pode se dizer que o turismo principal na zona é o turismo cultural e cientifico, desde uma vez que a logística necessária para chegar até "*Parijaro"*, faz dessa uma viagem que envolve grandes gastos monetários e de tempo.

A primeira tentativa para implantar um turismo organizado, foi concretizada com a formação da empresa *Cutitour* em 1985, liderada por Diego de Almenara[32] e Michel Saenz[33]. Os roteiros principais eram as cataratas e belezas cênicas da cordilheira de Vilcabamba, passando pelas terras Asháninka (ACPC, 2003).

Foi através dos ingressos turísticos que os fundadores de *Cutitour* conheceram mais de perto à população indígena das partes altas, traspassando a informação da existência de "*el puente de oro*" na Cordilheira de Vilcabamba, ou "Pavirontsi" em Arawak pré-andino. Essa ponte natural foi considerada a mais comprida do mundo, verificadas por fotos landsat obtidas pelo ministro de fomento desses anos.[34] Devido às

[32] Diego de Almenara (1954-1989) faleceu numa viagem de avião quando saia das comunidades.
[33] Michel Saenz, Explorador e Etnologo Francés radicado em Perú .
[34] Historia de ACPC. Disponivel em: <http://www.geocities.com/acpcweb/historia.htm>

riquezas naturais presentes na Cordilheira e os conhecimentos que os povos Indígenas guardavam cuidadosamente, os fundadores de *Cutitour* decidem formar a ONG ACPC, com o objetivo principal de ajudar na proteção da diversidade natural e cultural de Vilcabamba.

Depois do descobrimento turístico dessa região, percebem que estas áreas merecem ser cuidadas, trocando a categoria de Floresta Nacional, onde os recursos poderiam ser extraídos facilmente, a uma categoria mais restritiva. Iniciaram-se assim as atividades de conscientização para a re-classificar as áreas em Parque Nacional e as respectivas Reservas Comunais.

3.2.2 Metodologia

3.2.2.1 Seleção de área de estudo

Selecionou-se uma comunidade indígena dentre as 34 que formam a área de amortecimento da Reserva Comunal Asháninka e do Parque Nacional Otishi. A escolha se baseou principalmente pelo contato já estabelecido com os moradores dessa zona o qual criou um ambiente de confiança, característica de muita importância na pesquisa social. Cabe mencionar que as comunidades assentadas nesta região apresentam menos variações nas representações culturais e modos de vida em comparação com as comunidades da bacia do Rio Tambo, onde o turismo e outras atividades antrópicas de sociedades modernas foram mais intensas. Segundo Heinrich (1997) apud Peralta (2004) essa pequena variação observada pode se dever á menor integração ao mercado devido á distancia em que elas se localizam.

3.2.2.2 Características da área de estudo

A Comunidade Camantavishi está localizada no departamento de Junín, Província de Satipo, distrito do Rio Tambo, na margem esquerda da bacia do Rio Ene, no lado ocidental da Cordilheira de Vilcabamba (Figura 1.). possui uma extensão de 12,744 ha, dos quais 8,104 ha foram cedidos para uso direto (ACPC, 2003). Durante o ultimo estudo feito por ACPC (2003) se registraram um total de 57 famílias, não se conhecendo a quantidade discriminada entre homens e mulheres.

No dialeto Indígena, Camantavishi significa “lugar do diabo”. A raiz da palavra Camantavishi é “Camari” o qual é utilizado para designar um espírito maligno que antigamente causava doenças e mortes nesse local. Camantavishi também é o nome do rio que atravessa a comunidade. Segundo os relatos, a nascente do rio não é conhecido por ninguém:

> *“Quando viviam os antigos, aqui em Camantavishi, havia uma época em que muitos dos moradores começaram a morrer, uns tinham doenças e depois morriam, outros somente morriam, isso era por culpa do Camari. Camari é o espírito maligno de aqui, ele fazia que eles morressem Também é o nome do rio que passa por lá, bem longe, se você quer saber onde começa, não pode, começa a segui-lo e se perde, dá muitas voltas e chega ao mesmo lugar, é o lugar do diabo, por isso se chama Camantavishi”.* (informação pessoal) [35]

3.2.2.2.1 Aspectos biofísicos

A climatologia é própria da Floresta alta, com temperatura media anual de 23º C, sendo os meses de julho, agosto e setembro os mais quentes, podendo chegar até os 35º C. A precipitação pluvial media é de 1,800 mm, sendo os meses de maior pluviosidade janeiro, fevereiro e março. (KOMETTER, 2001)

A zona se caracteriza por apresentar inúmeras colinas, com declividade baixa, media e alta. A altitude compreende entre os 500 e 1 000 msnm. Por ela atravessam vários rios e riachos, sendo os mais importantes os rios Sankatiaro, Onconashari, Camantavishi e Cutivireni. (KOMETTER, 2001)

Com relação à vegetação, a região apresenta floresta mista de espécies latifoliadas, perenes e caducifólias, espécies arbóreas, arbustivas, herbáceas, lianas, epífitas e samambaias. Essa variedade de plantas tem diferentes usos para os moradores como: medicinais, artesanais, e madeiráveis, alimentação tanto para a população humana quanto para algumas espécies da fauna. A vegetação varia localmente quanto à densidade, altura e composição de espécies, sendo as árvores de porte alto e robusto escassas na zona de menor altitude. No entanto, nas partes de maior altitude podem ser encontrados indivíduos de ate 40 m de altura e 180 cm de

[35] CARLOS DELGADILLO, 2000. É um dos moradores mais antigos da comunidade Camantavishi.

diâmetro. Também é possível observar fragmentos de floresta secundaria, localizadas perto das zonas povoadas devido ao tipo de agricultura de roça e queima que os nativos praticam. (ACPC, 2005)

A fauna local é diversa e inclui espécies da maioria dos taxa, entre os que se destacam: mamíferos como a anta (*Tapirus terrestris*), veado (*Mazama americana*), cateto (*Tayassu tajacu*), queixada (*Tayassu pecari*), tatuv (*Dasypus novemcinctus*), jaguatirica (*Felis pardalis*), onça pintada (*Felis onca*), entre outros. Existem também primatas como o bugio (*Alouatta seniculus*), macaco-aranha-preto (*Ateles paniscus*), macaco-de-cheiro (*Saimiri sciureus*) Entre os répteis ocorrem, entre outros o jacaré branco (*Caimán crocodilus*), iguanas (*Iguana sp*), sapos (*Bufo sp*), surucucus pico-de-jaca (*Lachesis muta*), jararaca (*Bothrops atrox*), jibóia (*Boa sp*). Ocorre aves como as jacu (*Penelope sp*), mutum (*Mitu*), perdizes (*Crypturellus sp*), araras (*Aratinga sp*), (*Ara sp.*), tucanos (*Ramphastos sp*), (*Andigena sp*).

A ictiofauna apresenta espécies como o jaú (*Zungaro sp*), pintado (*Pseudoplatystoma sp*), cascudo (*Plecostomus sp*), pacu prata (*Mylosoma sp)* e curimatá (*Prochilodus nigricans)* (ACPC, 2005)

3.2.2.2.2 Aspectos Socioeconômicos

Os Indígenas Asháninka são agricultores migratórios, caçadores, pescadores e coletores, e por isso necessitam de grandes extensões de território. O cultivo da mandioca (*Manihot esculenta*) é o mais importante, considerada como a base da alimentação local para as comunidades. Seguem em importância o cultivo da banana, mamão e milho, todos eles para consumo próprio. Atualmente dedicam-se ao cultivo do cacau, café, amendoim e gergelim, e à produção de artesanatos e corte de madeira para comercialização (PERALTA, 2001, 2004).

3.2.2.2.3 Potencial Florestal

No local existem espécies arbóreas, arbustivas e herbáceas que são usadas para a produção de corantes como: (*Chloropora tinctorea*), kichapiki (*Trichillia quadrijuga*), Potsotaroqui (*Trichilla pallida*).; plantas medicinais como sangue de grado (*Croton lechleri*), unha de gato (*Uncaria tomentosa e Uncaria guianensis*); e como fonte

de preparação de inseticidas e icticidas encontram-se o barbasco, também conhecida como timbó-de-macaco (*Lonchocarpus nicou), e o* bacashi (*Schistocarpa oppositifolia*) (ACPC, 2005).

Entre as espécies usadas para aproveitamento de madeira podem ser citados: a umburana (*Amburana cearensis*), canela amarela (*Nectandra sp*), louro-freijó ou louro branco (*Cordia alliodora*), Sapoti (*Matisia cordata*), juerana ou fava-pé-de-arara (*Parkia sp*), cedro (*Cedrela fissilis*), Bálsamo (Myroxylum balsamun), congona ou Manitê (*Brosimun alicastrun*), Munguba a (*Pachira aquatica*), Nogal ou noz (*Juglans neotropica*), Requia (*Trichilia sp.*), baga-de-morcego (*Guarea sp) (Trichilia pallida*), Guariúba-amarela (*Clarisia biflora*), guariúba (*Clarisia racemosa*), cumaru ou baru (*Dipterix alata*) e pau-mulato (*Calycophyllum spruceanum*) (ACPC, 2005).

3.2.2.2.4 Acesso ao mercado mais próximo

Existem basicamente duas formas para chegar até Camantavishi, por rio ou via aérea. A forma de traslado mais utilizada é a navegação fluvial, entre outras razões, pelos baixos custos desse tipo transporte. Para chegar até o porto de embarque, é preciso sair da cidade de Satipo, de automóvel, por uma estrada de terra, e a viagem dura perto de duas horas e meia. O porto de embarque está localizado nas imediações da Comunidade indígena Puerto Ocopa. Partindo desse local, se navega pelo Rio Ene, durante oito horas em barco motorizado.

Puerto Ocopa se caracteriza porque nela habitam em constante tensão, Indígenas e povoadores migrantes da Serra. Esse lugar é também o ponto de conexão dos principais rios navegáveis da zona (Rio Ene e Rio Tambo), o que gera uma grande movimentação mercantil, entre Indígenas, colonos, madeireiros, pesquisadores, etc.

De avião parte-se do aeroporto localizado no distrito de Mazamari, com uma duração de aproximadamente 1 hora até a Comunidade Cutivireni. Desse ponto percorre-se a pé cerca de quatro horas pela margem direita do Rio Ene. Na época de chuvas pode-se pegar um barco no porto de Cutivireni viajando pelo rio do mesmo nome durante uma hora aproximadamente.

3.2.2.3 Coleta de dados

Dos métodos de pesquisa qualitativa usou-se o estudo de caso, onde a comunidade Camantavishi foi analisada profundamente (TRIVINHOS, 1987) se fazendo uso da observação participante e entrevistas parcialmente estruturadas ou semi estruturadas (HAGUETTE, 1992; VIERTLER, 2002). Usaram-se também os dados fornecidos pela ONG *Asociación Cutivireni* - ACPC. Esta ONG vem trabalhando em diversos projetos de desenvolvimento sócio-ambiental e mantém um programa de apoio às mulheres indígenas através do incentivo da produção e venda de manufaturas artesanais, inserindo-as no circuito comercial.

De acordo com Godoy (1995) apud Kataoka (2004) a pesquisa qualitativa envolve a obtenção de dados descritivos, no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatizando mais o processo do que o produto e se preocupando em retratar a perspectiva dos participantes.

É importante ressalvar, que a maior parte dos homens falam um pouco de espanhol, mas no caso dos mais velhos e algumas mulheres, o dialeto Asháninka ainda permanece, ou se negam a usar outra língua. Neste caso, as autoridades comunais designaram a dois guias homens para o acompanhamento no campo, e duas mulheres para o acompanhamento nas entrevistas. Uma delas, acompanhou por um tempo à equipe de ACPC nas oficinas e reuniões de trabalho.

Neste estudo, foram entrevistados 30 mulheres e 11 homens que moram no núcleo de Camantavishi, e 13 mulheres e 13 homens do centro Shima, localizado aproximadamente a 5km do núcleo. A aplicação das entrevistas neste lugar mais afastado tem por objetivo verificar se existem variações com respeito aos usos tradicionais em relação à distancia da zona núcleo.

Na observação participante, se realizou o acompanhamento das pessoas responsáveis pela extração e confecção do artesanato onde foi registrado o procedimento desde a coleta das tinturas vegetais até a confecção do produto final. Para isso se elaborou um diário de campo, onde foram detalhadas todas as atividades. É importante mencionar que as informações também provêm da experiência anterior da autora desse trabalho na comunidade estudada, assim como do intercâmbio pessoal e colaboração com os profissionais da ONG ACPC.

Fez–se o contato inicial com o chefe da comunidade, apresentando os objetivos da pesquisa e tendo como intermediária a participação da ONG ACPC. O projeto de investigação foi posto em avaliação pelos moradores, sendo aceito e colocado à disposição da pesquisa dois guias experientes no tema. O fundamento se baseia no conhecimento que os moradores possuem da extensão da comunidade e dos pontos estratégicos que utilizam quando extraem determinadas plantas. Os dois guias designados pelos moradores foram homens.

Foram registradas as coordenadas do caminho percorrido até os indivíduos de *Trichilia pallida*, assim também como foi realizado o Geo-referenciamento com a localização das espécies aproveitáveis e a regeneração da mesma. O levantamento desses dados serviu para desenhar o mapa de concentração das espécies tingidoras nas áreas mais accessíveis para a comunidade estudada. Posteriormente os dados serviram para compará-los com o mapa obtido dos inventários florestais realizados pela equipe da ACPC no ano de 2005.

3.2.2.4 Análise dos dados

A presente pesquisa, pode ser categorizada como um entrecruzamento entre as ciências biológicas e as antropológicas, nas denominações atuais poderia se falar da etnoecologia, concretizada como parte da “Etnociência” na década de 1960 (MARQUES, 2002). Essa abordagem permite ter uma visão interdisciplinar dos assuntos em estudo, abarcando maior amplitude dos espectros envolvidos.

Como pesquisa qualitativa, os dados coletados não precisaram de analises estatísticos por quanto nosso objetivo não foi identificar um fator único influente. A existência de alguma correlação entre as mudanças culturais e o estabelecimento das áreas protegidas implicaria avaliarem-se ainda muitos outros fatores que entram em jogo. Aqui, avaliam-se apenas aqueles que se encontram estreitamente vinculados um aspecto cultural representado pela cultura material e sua representatividade como grupo organizado ante a sociedade nacional.

Também não existiu comparação entre mais de uma comunidade, pelo qual a generalização de que estão acontecendo mudanças culturais não correspondem ao grupo étnico como todo, mas sim a um caso especifico. Em todo caso, a apresentação

dos resultados em forma de tabelas e gráficos, serve para mostrar didaticamente as tendências encontradas.

Existe uma exigência cada vez menor; afortunadamente, de considerar uma pesquisa qualitativa valida só se nela contem dados quantitativos que respaldem as subjetividades provindas de uma conversação informal por exemplo. No entanto é na mistura das abordagens qualitativas e quantitativas em que podem se encontrar melhores resultados. Cabe colocar aqui os pensamentos de Silva, (2000) apud Marques, (2002, p. 38):

> *"Ao começar pelas emoções, a metodologia transdisciplinar propõe e assume o emocionar como um recurso cognitivo legitimo para a construção de um conhecimento comprometido com o religare do homem com sua felicidade, com sua humanização. A disciplina cujo nível de eficácia não consiga justificar-se por essa finalidade, perde sua transcendência, perde sua ciência."*

Ainda Margalef, (1974) apud Marques, (2002, p 39) nos deleita com essa frase que explica melhor o sentir do pesquisador na área social:

> *"É vã a pretensão de encerrar toda a natureza nos sistemas de equações diferenciais tão caras aos ecólogos, pois, no fim das contas, pode ser muito mais efetivo o sentar-se para ver correr as águas de um rio e para escutar o sussurro das folhas das árvores"*

Aponta-se aqui, que além dos resultados obtidos durante as entrevistas semi-estruturadas, conversações informais e a observação participante, o período de convivência com esse grupo em particular, foi de grande ajuda na interpretação dos resultados, tentando-se em todo momento ser o mais objetivo possível com as respostas, sendo simplesmente corroborado com a própria experiência aquilo que era dito pelos entrevistados. Como o mencionado por Viertler, (2002, p.19) ao estabelecermos contato com outros grupos humanos, mas com bagagem cultural diferente, devemos impedir conscientemente que nossas ideais venham projetar interpretações e significados próprios da nossa cultura, "é extremamente fácil incorrer em projeções e mal entendidos, já que superar nossos hábitos cotidianos de pensamento, julgamento e avaliação não constituem tarefa fácil".

3.2.3 Resultados

3.2.3.1 Participação masculina no uso tradicional da espécie *Trichilia pallida*

A confecção de indumentária de algodão tanto masculina como feminina sempre foi concebida como uma atividade da população feminina. Apesar de todo o processo de tecelagem e tingimento corresponde exclusivamente às mulheres, durante o transcorrer da pesquisa, foi observada a participação dos homens na coleta da casca de Potsotaroki assim como de outros corantes vegetais. Como apresentado na Figura 2.6, a maior parte dos 54 entrevistados afirmaram que os homens ajudam efetivamente na coleta da matéria prima e a mínima parte declarou que não participam do processo. Os homens extraem a casca quando uma árvore de Potsotaroki é encontrada no meio do que será uma nova chácara (termo utilizado para designar a área de plantio no meio da floresta), quando vão coletar outros produtos, assim como na busca dos pontos de caça.

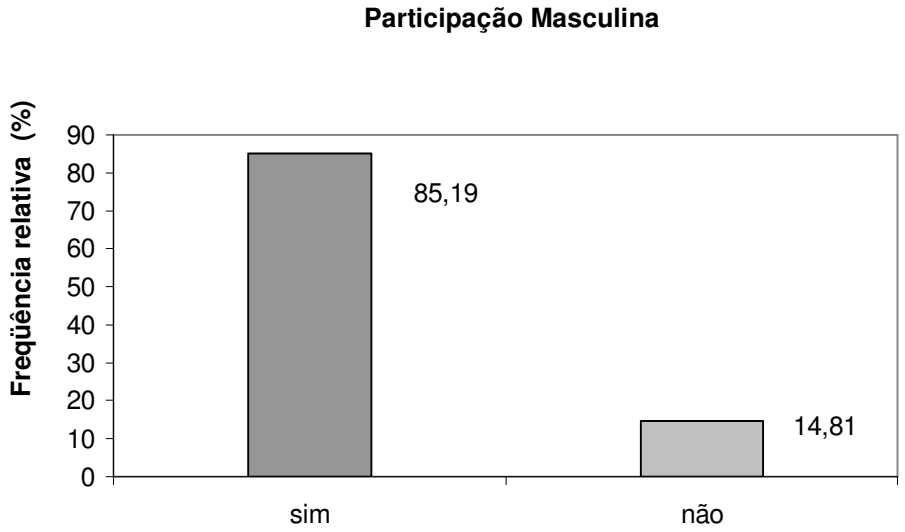

Figura 2.6 – Participação masculina na fase de coleta da casca de Potsotaroki na Comunidade Camantavishi

3.2.3.2 Técnicas de aproveitamento

Foram registradas três técnicas de corte para a obtenção de casca (Figura 2.7), podendo ser tanto as mulheres quanto os homens a realizar essa atividade:

A. Corte seletivo

De acordo com as descrições do Senhor Agustin Pereira (Guia), faz-se um corte tirando uma parte de casca ao redor do fuste, deixando uma pequena borda, que varia entre 20 ate 55cm de largura, como faixa de segurança, o que vai permitir que os nutrientes continuem circulando até o topo da árvore . Utilizam-se facas pequenas e em algumas oportunidades facões, cuidando para não fazer incisões profundas. O morador que venha a aproveitar mais casca da mesma árvore pode manter essa margem ou não, mas nas observações feitas essa se manteve até cerca de sete metros, medidos a partir do primeiro corte. Os sete metros de altura correspondem ao nível máximo que é alcançado pelo extrator, quando esse nível é atingido passam a procurar outras árvores.

B. Corte total

Neste caso aproveita-se a maior quantidade de casca presente, fazendo um corte em anel, sem manter uma margem de segurança. Os indivíduos são aproveitados utilizando-se para isso facões e pedras. Os cortes chegam até um nível onde não se pode subir só com ajuda dos pés e mãos, muitas vezes se utilizam como apoio outras árvores que se encontram ao lado para chegar a pontos mais altos. Com essa técnica foram observados muitos indivíduos descascados e em processo de apodrecimento

(A)

(B)

Figura 2.7– (A): Tipo de corte seletivo. (B): tipo de corte total. Foto: T.C Magro

C. Derrubada

Com essa técnica a casca presente em uma árvore pode ser colhida e aproveitada ao máximo. Segundo relatos dos moradores, esse tipo de corte, geralmente é utilizado quando precisam de maior quantidade de matéria prima ou quando foram efetuados muitos cortes em uma mesma árvore e a quantidade de casca é pouca. Nesse caso o mais conveniente, para otimizar o tempo, é derrubar a árvore e tirar o restante de casca. Durante algumas entrevistas abertas, os moradores explicaram que ao acharem uma árvore de Potsotaroki na área que estava destinada para estabelecer seus plantios, essa era derrubada, guardando só um pouco de casca para que fosse utilizado por sua mulher no futuro. Posteriormente o resto da árvore seria queimado junto com as outras árvores tombadas. Se a árvore estiver nos limite da chácara ela é tombada mas deixada na área para que outras famílias possam

aproveitá-la. Nas conversas com o ex-chefe da comunidade, ele informou que na sua época (pelo menos uma década passada) os homens não tombavam a árvore :

> *"Quando minha mulher fazia Cushmas para vender e para nós, cortávamos um pedaço só para tingir uma Cushma, e deixávamos um pedaço de casca para que a água siga subindo até as folhas, assim ela não morre e segue dando mais cascas para nós". (Informação pessoal, 2005)*[36] *trad. por: G. Cruzado.*

Não se conseguiu determinar a idade média em que uma árvore começa a ser aproveitada, mas nas entrevistas os moradores declararam fazer os primeiros cortes quando observavam algumas características referenciais, por exemplo quando a árvore se apresenta com mais de 10 m de altura ou pelo menos 30-40 cm de diâmetro, isso é corroborado pelo estudo de mercado realizado pela ACPC (2004b). É comum entre os moradores começar a difundir a informação sobre a localização da árvore entre as outras famílias, principalmente entre as mulheres da comunidade, pois serão elas as que pedirão aos esposos para trazer a casca quando forem trabalhar na chácara.

Segundo ACPC (2004b) o rendimento de casca extraída varia entre 1–2 kg, quantidade suficiente para tingir entre 5-8 peças de algodão sintético (o tamanho da peça corresponde a uma Cushma feminina). Em total pode-se obter entre 18-20 kg de casca por planta.

Essas técnicas de corte parecem depender do perfil da família que vai aproveitar a casca. Um casal de mais idade optará pelo corte seletivo, tentando manter uma margem de segurança. Um casal novo tentará aproveitar o tempo e a maior quantidade de casca quando for no mato para procurar a planta, optando pelo corte total ou derrubada quando for o caso. Como observado na tabela 2.3, existe uma grande diferencia entre os moradores do Núcleo de Camanatvavishi e do anexo Shima, cuja idade varia entre 30-40 anos. Os mais velhos declaram fazer um corte seletivo, em contraposição com os moradores do Núcleo de Camantavishi onde uma proporção media opta por essa técnica, o resto prefere o corte total ou o tombamento da árvore.

Tabela 2.3- Tipos de corte por centro povoado entrevistado

Tipo de corte	Núcleo de Camantavishi [1]		Shima [2]	
	Freqüência		Freqüência	
	Absoluta (n)	Relativa (%)	Absoluta (n)	Relativa (%)
Corte seletivo	24	58,5	13	100,00
Corte total	4	9,8	-	-
Tombamento	13	31,7	-	-
Total de entrevistados	41	100,0	13	100,00

[1] n:41
[2] n:13

Perante a pergunta sobre o tempo de espera para a cicatrização da ferida feita na árvore 24,39 % dos 41 entrevistados no núcleo responderam que eles deixam a árvore ferida sarar e buscam outra planta para aproveitar. Por outro lado o 75,61% do mesmo grupo entrevistado declarou que enquanto a árvore tiver casca disponível, preferem realizar mais cortes até obter a quantidade que precisam.

Esse fato pode ser um indício de que a maioria dos moradores não demonstra uma atitude para assegurar um fornecimento gradual de casca, juntando-se a esse resultado que 100% dos entrevistados declaram não usar nenhum tipo de fungicida ou outro produto natural ou artificial para prevenir as doenças das árvores feridas. Como observado no campo, das árvores adultas cortadas 41,66% se encontrava com presencia de cupins numa escala de moderado a abundante.

3.2.3.3 Técnicas de tingimento

Nem todas as plantas usadas como corantes encontram-se sempre a disposição dos coletores, portanto a confecção de uma peça significa a necessidade de se deslocar até o mato, chácara ou onde a planta tingidora se encontre, com maior gasto de tempo no cumprimento dessa tarefa.

A técnica empregada pelos indígenas para o tingimento não se diferencia entre panos e fios de algodão sintético trazidos da cidade e os fios de algodão nativo, podendo adotar-se a mesma técnica para ambos. No entanto, as fibras de algodão sintético caracterizam-se porque na sua composição a percentagem de algodão é

[36] BARBOSA, J. Comunidade Camantavishi. 2005

menor do que 100 %, cujo poder para fixar os corantes influenciam diretamente no acabamento.

Das observações e testes feitos com tecidos de algodão sintético, aquelas partes que são expostas diretamente ao sol ficam de cor vermelha mais escura, quase marrom, em comparação com aquelas que ficam na sombra. Ao mesmo tempo, quanto mais tempo ficarem em contato com a radiação solar, a cor se tornará mais intensa e a sua permanência no tecido será maior. Passado um tempo, seis meses segundo as mulheres, os vestidos (*Cushmas*) devem ser tingidos novamente, pois as cores não possuem a mesma tonalidade.

Preparação de corantes

As dimensões de casca aproveitável, apresentam em media 15 por 20 cm, e a espessura entre 1-2 cm. Segundo dados de ACPC (2004b) as dimensões variam entre 10 por 15cm de comprimento por 3 a 5 cm de espessura.

As cascas são cortadas em pedaços pequenos usando facas e dando golpes com um objeto pesado, no caso dos aldeãos de Camantavishi o uso de pedras grandes ajuda a desprender as fibras, e com isso os compostos químicos são dissolvidos mais facilmente.

Os pedaços de casca desfiados são colocados em uma panela com água até cobri-los completamente, deixando em cozimento por 30 minutos ou até observar uma coloração marrom escura. o decocto fica em repouso até a água esfriar completamente.

Os fios ou as peças de algodão são colocados dentro de uma panela, ficando submergidos pelo menos por de duas horas. Após as peças estarem coloridas totalmente são expostas ao sol para secar (Figura 2.8)

(B)

(A)

Figura 2.8 – (A) Preparação da casca de Potsotaroki para tingimento. (B) Secagem das peças ao sol
Foto: T.C Magro

Os fios tingidos são guardados nos Tsibos (caixas feitas de folhas de palmeira) para depois serem utilizadas na tecelagem.

A tecelagem é feita pelas mulheres casadas, as quais tecem as Cushmas tanto para os esposos e filhos quanto para os genros, caso a filha não possa fazer.

Assim como outros trabalhos, a tecelagem vem acompanhada pelo rito e o mito como tradição, constituindo uma característica cultural da população. No entanto, os resultados encontrados nas entrevistas demonstram que o processo de transmissão de ensinamentos se encontra enfraquecido. Na Figura 2.9 pode-se constatar que das 43 mulheres entrevistadas uma metade afirmou ensinar as técnicas de coleta e tingimento para as mulheres mais novas. A outra metade das mulheres declarou que essa passagem de informação não era necessária. Sendo a transmissão oral um dos meios pelo qual as tradições internas do grupo passam de uma geração a outra, esperava-se uma percentagem mais elevada.

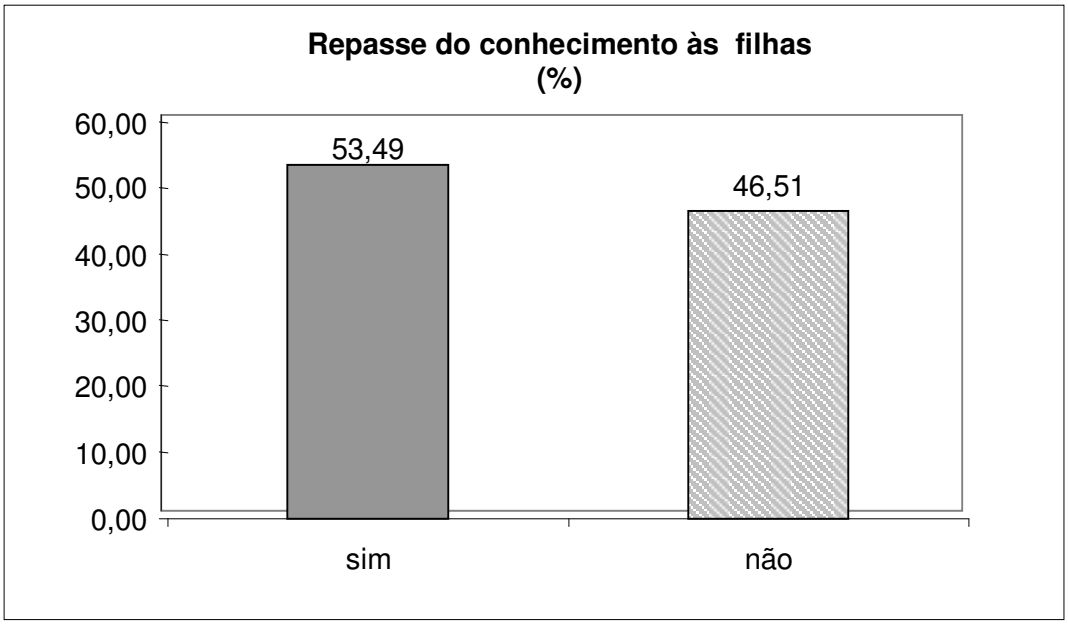

Figura 2.9 – Repasse de conhecimento sobre processos artesanais das mães para suas filhas

3.2.3.4Tecidos de algodão tingidos com *Trichilia pallida*

A fabricação de vestimenta tem por objetivo suprir às necessidades de proteção e conforto (ROJAS, 1994). Porém, mais do que uma necessidade fisiológica é uma necessidade fundamentada no costume, que guarda relação com os valores morais e estéticos do grupo. (ROJAS, 1994, VEBER, 1996).

A indumentária usada pelos Asháninka se caracteriza por usar como matéria prima o algodão e tinturas vegetais. As vestimentas e acessórios que usam o algodão tingido com Potsotaroki (*Trichilia pallida)* são variados em tamanhos, formas, e segundo o gênero do usuário. Cada tecido utiliza diferente quantidade de corante, destacando-se a Cushma como a vestimenta que usa maior concentração deste. Todo vestuário é feito pelas mulheres. Os produtos são:

- Kitsarentsi (Cushma): é uma túnica feita de algodão natural (*Gossypium barbadense)* ou sintético. Quando tecido pelas mulheres (em tecelagem) de algodão nativo, tem-se a possibilidade de realizar misturas entre diversas plantas para obter linhas coloridas (Figura 2.10). Segundo o gênero do possuidor, é diferenciado por desenhos geométricos feito com linhas de algodão preto e outras tingidas com diversas plantas e barros especiais. Como mencionam Soria e

Casanto (2002) no caso das mulheres a trama é feita em sentido horizontal e no caso dos homens no sentido vertical. Geralmente os tecidos de algodão caracterizam-se por estarem divididos em vários campos com motivos geométricos decorativos como losangos, hexágonos, pentágonos e expressões simbólicas de diferentes animais e frutos. Com respeito à aprendizagem desse tipo de tecelagem, existe também um mito associado à Lua e a aranha Ametyo.

As Cushmas tecidas são identificadas como “brancas”, cuja base é da cor do algodão e tem fios de algodão tingido para a decoração, e Cushmas “vermelhas”, aquelas que inicialmente foram brancas e com o tempo foram tingidas repetidamente com Potsotaroki (VEBER, 1996).

Atualmente grande parte das mulheres não usa mais Cushmas de algodão natural tecidas, sendo trocadas por Cushmas feitas por panos de algodão sintético (Tocuyo em espanhol). A diferença da Cushma Tradicional é que ela é feita de uma peça só, a qual é tingida por inteiro e sobre ela podem ser feitos desenhos decorativos com um barro preto especial. Esse barro é obtido de áreas alagáveis, que possuem aparentemente alguma concentração de enxofre. A aplicação desse barro, exige sua mistura com algum fixador natural, sendo observado a mescla desse com o liquido concentrado de *T. pallida* (CRUZADO, 2002).

- Tzarato: é um tipo de bolsa usado por homens e mulheres. No caso dos homens têm o “*huato”* ou alça para que possa ser levado no ombro durante a caça, pesca e para transportar as folhas de coca que usam durante o trabalho de campo, assim também como os Sheripiaris[37] durante suas sessões e rituais de cura. No caso das mulheres não apresentam alças e o Tzarato é usado para guardar pequenos objetos.

[37] Sheripiari é a denominação vernácula para os curandeiros

(B)

(A)

Figura 2.10- (A) Cushmas brancas com fios tingidos com diversas plantas. (B) Cushmas Tingidas com Potsotaroki. Foto: Cumberbich A.-ACPC

- Tzompirontsi: usado como carregador de bebê, pode ser colocado nas costas ou na parte frontal do corpo. Diz o mito que a anciã Ametyo tinha muitos netos e bisnetos que ela cuidava quando os pais saiam para pescar, Como ela não podia cuidar deles sozinha um dia pensou em fazer um tecido que permitia carregar uma criança quando ela começasse a chorar. Essa peça pode conter enfeites como ossos, penas, sementes e outros que servem para distrair as crianças, mas também esse tipo de assessório é utilizado com fins ritualísticos (ROJAS, 1999)

- Shintamashi: é uma faixa comprida de algodão que algumas vezes tem desenhos coloridos. Pode ser usada tanto por homens quanto por mulheres. A função principal é levar grandes pesos apoiados sobre a cabeça.

- Chovinarontsi: é um capuz usado pelos chefes, feito de algodão, podendo ter desenhos coloridos e levam enfeites de penas costurados nos cantos. Os enfeites podem ser de diferentes cores.

Para a confecção de vestimentas de algodão, usam-se inúmeros instrumentos feitos de madeira, sementes, coração de palmeiras, pele de animais, etc. A manipulação de todas as peças incluindo o produto final tem no seu manejo mitologias associadas a divindades representadas na natureza.

Segundo as experiências de Cruzado (2000) e Rojas (1999) na criação dos desenhos, as mulheres usam linhas de diversas cores, podendo ir desde o branco e o marrom claro natural do algodão nativo até diferentes cores como amarelo, dourado, vermelho, marrom avermelhado, roxo e preto, obtido das folhas de algumas herbáceas e cascas de árvores.

Ao respeito Rojas (1994) determina que dentro do conjunto dos meios de trabalho que interferem na produção desses produtos, apresentaram-se mudanças como das agulhas feitas da aleta dorsal de um peixe, por aquelas de aço produzidas industrialmente.

3.2.3.5 Mudanças no tingimento dos vestidos

Num mundo cada vez mais globalizado, em que as tendências mundiais exigem a massificação de preferências, as comunidades Indígenas que a princípio, aparentam estar mais afastadas dessa influência, podem ser na verdade ainda mais susceptíveis dependendo do grau da identidade cultural. Uma das características desse choque cultural é a descaracterização das vestimentas para satisfazer os turistas (BARROS, 1999). Como observado nessas comunidades, os utensílios que eram feitos com fins utilitários passaram ter valor econômico, dessa forma surgem mudanças nos padrões de uso das vestimentas e no manejo tradicional de espécies usadas como matérias primas. Como mencionam Veber (1996) e Rojas (1990) a vestimenta pode ter vários usos e significados, entre eles o de proteção dos efeitos do clima sobre o corpo humano, de proteção dos olhares de outros humanos e sobretudo como instrumento para a caracterização do gênero, da identidade social, do status e grau de

modernização de um determinado grupo. Portanto, escolheu-se a forma de uso da espécie *Trichilia pallida* como indicadora de impacto sobre uma das subcategorias da cultura material, isto é o uso de panos e vestimentas (VEBER,1996), em resposta a diversos fatores de influência.

Durante visita técnica feita a essa comunidade no ano 2002, para uma amostra de 30 mulheres a proporção que usava Cushma tingida com Potsotaroki correspondia a 60% – 70 %. Em 2006 das 30 mulheres entrevistadas no centro principal da comunidade, apenas 20% se encontrava usando a Cushma tingida. A maior parte das mulheres (80%) estava usando um vestido de algodão colorido artificialmente e sem desenhos étnicos. Portanto, houve uma diminuição de 40% no uso do corante nos 3 últimos anos (Figura 2.11). No Anexo Shima, as 13 mulheres entrevistadas se encontravam usando a Cushma marrom escuro, cor característica obtida depois de repetições de tingimento com Potsotaroki. Deve-se destacar que a faixa etária no centro principal varia entre 20-52 anos, com maior proporção de mulheres entre os 25- 35 anos. No anexo Shima a faixa etária varia entre 20-40 anos, sendo que 50% delas se encontra entre 30 e 40 anos.

(B)

(A)

Figura 2.11 – (A) fios tingidos com corantes artificiais para tecelagem. (B) Pouca quantidade de mulheres estava usando Cushmas tingidas com Potsotaroki durante as reuniões

3.2.3.6 Possíveis fatores geradores do impacto

Dos resultados das entrevistas pode-se inferir que ocorreu uma mudança na forma em que a espécie florestal está sendo usada na atualidade. No decorrer das entrevistas tentou-se identificar e posteriormente caracterizar os prováveis fatores responsáveis dessas mudanças:

A. Disponibilidade de recursos naturais

Quanto mais afastados se encontrem os indivíduos a serem aproveitados maior o tempo e a dificuldade para obter o produto final. A disponibilidade de um recurso pode ser medida no campo, usando meios técnicos reais, como nos inventários florestais (fatos objetivos) ou mediante a medição da percepção de distância que cada pessoa relata (fatos subjetivos). Para esse estudo levou-se em conta o referencial de tempo e espaço que tem um povo dessa natureza, o qual difere das concepções de um morador que tem acesso a meios de transporte tecnológicos e rápidos. Como se mostra na Tabela 2.4, no núcleo de Camantavishi a maioria relata que as árvores de *T. pallida* encontram-se relativamente perto do lugar onde moram, já os moradores de Shima (100%) indicaram que essa espécie é fácil de achar.

Tabela 2.4 – Percepção da acessibilidade de Trichilia pallida

Disponibilidade da espécie	Centro principal da Comunidade		Shima	
	Observações		Observações	
	Absoluta (n)	Relativa (%)	Absoluta (n)	Relativa (%)
Perto	28	68,29	13	100,00
Longe	13	31,71	-	-
Total de entrevistados (N)	41	100,00	13	100,00

N: 54

Durante as visitas guiadas em busca da espécie, as árvores em idade de serem aproveitadas foram geo-referenciadas, assim como sua regeneração. Com esses dados foi elaborado um mapa mostrando o roteiro de coleta que é seguido pelos moradores. O tempo transcorrido desde o centro da comunidade até achar o primeiro e último indivíduo foi aproximadamente 58 minutos e 5 horas respectivamente (Figura 2.12) . Foram localizados 13 árvores adultas e 3 indivíduos jovens.

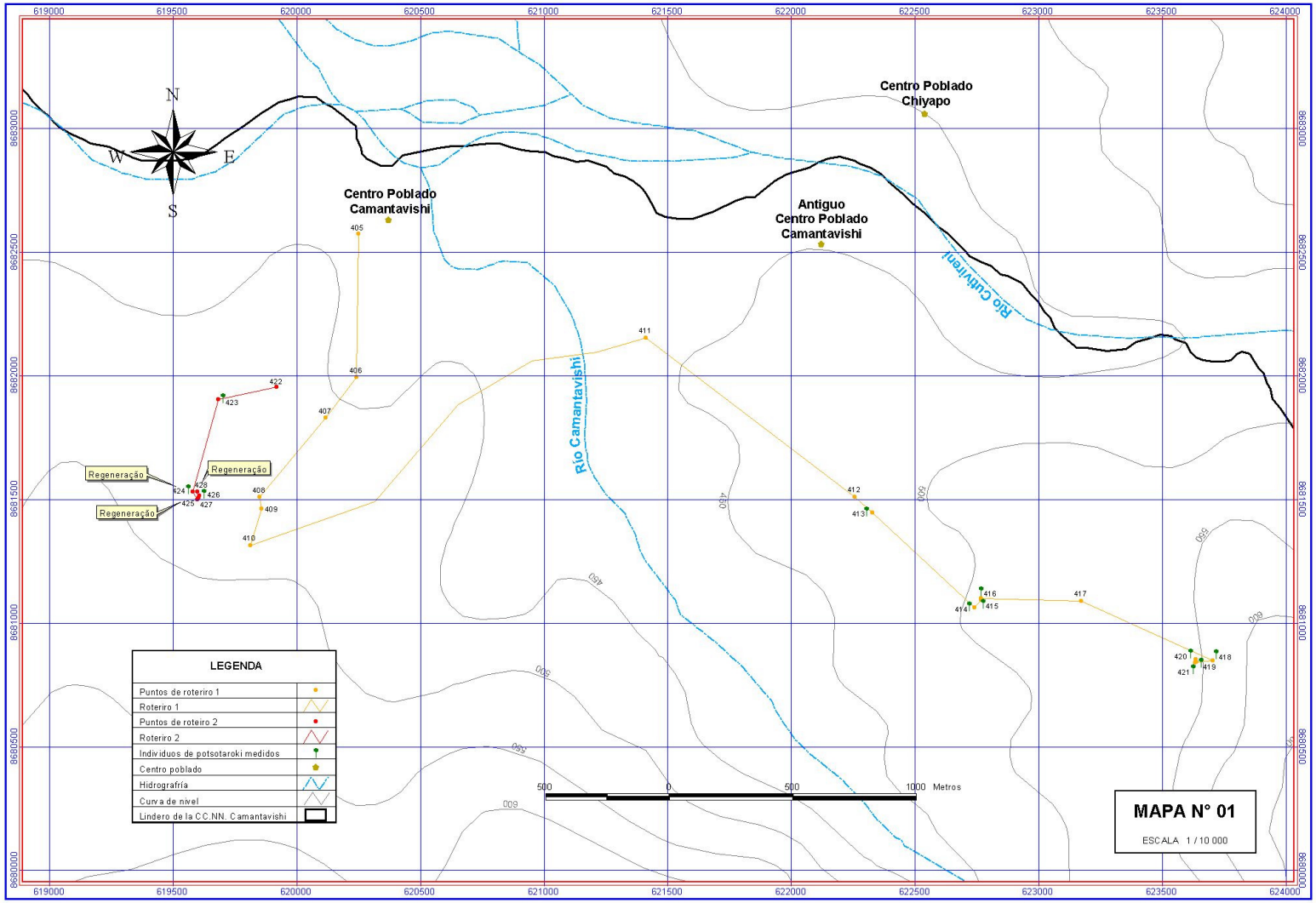

Figura 2.12- Roteiro indígena de coleta de casca de Potsotaroki

Os dados do inventário florestal feito no ano 2005 pela ONG ACPC e os roteiros seguidos pelos Indígenas para acharem o corante foram integrados (Figura 2.13). Do mapa de concentração de espécies, pode-se observar a magnitude que teriam que percorrer para localizar novos indivíduos assim como sua localização com respeito às áreas protegidas.

Os dados do inventário mostram que existe uma alta concentração de *T. pallida* nas partes mais escarpadas, acima de 700m de altitude. Essa forma de associação natural é uma característica da família das meliáceas A disponibilidade do recurso é alta em comparação com outras espécies inventariadas nas comunidades e nas áreas protegidas (ACPC-2005, KOMETTER, 2001) (Tabela 2. 5 e 2.6)

Tabela 2. 5- Disponibilidade de *Trichilia pallida* por Classe de diâmetro

Parametro	Classe de diâmetro (cm)			
	10-20	20-30	Total em 8000 H	Quantidade / H.
N. de árvores	4,00	7,00	3 450,98	0,43
AB (m^2)	0,07	0,34	128,72	0,02
Vc (m3)				

Tabela 2. 6 - Disponibilidade de Trichilia pallida por Classe de diâmetros

Parametro	Classe de diâmetro (cm)				
	30-40	40-50	50-60	Total em 8000 H	Quantidade / H.
N. de árvores	17,00	8,00	6,00	9725,49	1,22
AB (m^2)	1,54	1,22	1,25	1259,15	0,16
Vc (m^3)	1,29	8,58	10,87	9645,49	1,21

Fonte: ACPC, 2005

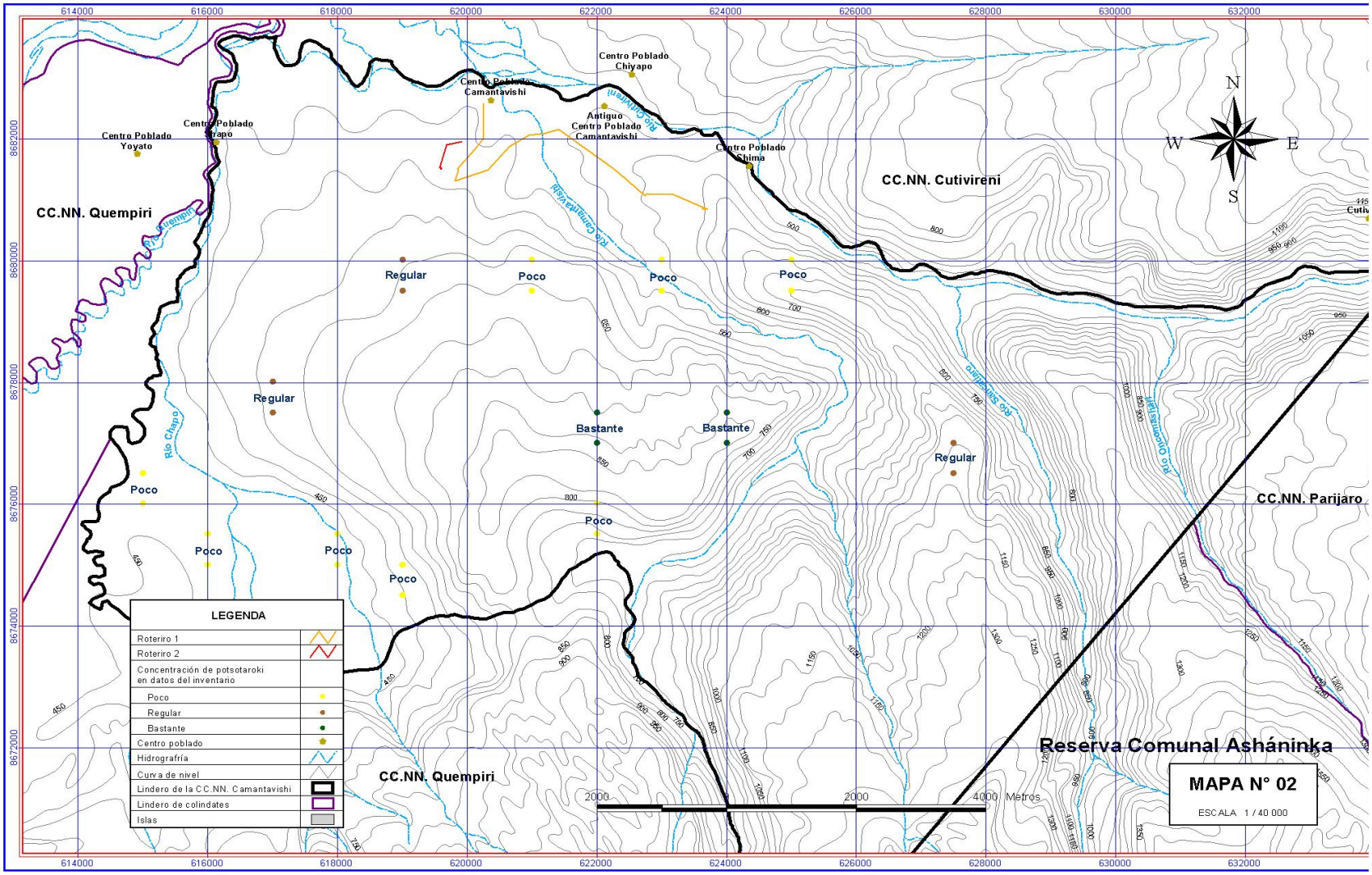

Figura 2.13- Mapa de concentração de indivíduos de Potsotaroki integrado com o roteiro tradicional de extração de casca

A totalidade dos moradores afirmou conhecer a planta "*Quichapiki*", identificada como *Pouteria sp.* (REYNEL, 1998) a qual apresenta propriedades similares às do *Potsotaroki*. Comparando a preferência de uso entre as duas espécies, a totalidade de entrevistados afirmou usar *T. pallida* para a confecção de sua própria indumentária, e em substituição uma alta porcentagem indicou que utilizava *Pouteria sp*. quando não tinham disponibilidade da primeira planta. No caso do seu uso para artesanato, a diferença é mais ressaltante, sendo que a maioria prefere usar *T. pallida* versus a porção não tão minoritária que utilizaria *Pouteria sp*. em falta da outra (Tabela 2.7).

Tabela 2. 7 - Forma de uso das espécies tingidoras

Finalidade de uso	Opção	Potsotaroki		Kichapiki	
		Forma de uso		Forma de uso	
		Absoluta (n)	Relativa (%)	Absoluta (n)	Relativa (%)
Para artesanato	Sim	42	77,78	25	46,30
	Não	12	22,22	29	53,70
Total (N)		54	100,00	54	100,00
Para uso próprio	Sim	54	100,00	38	70,37
	Não	-	-	16	29,63
Total (N)		54	100,00	54	100,00

N: 54

C. Visitação turística

O tipo de visitação turística nesta zona, corresponde principalmente ao turismo cientifico e étnico, se desenvolvendo em função das Cataratas de "Parijaro".

Quando questionados sobre a presença de turistas durante os últimos anos, uma maior proporção dos entrevistados indicou que o número se manteve igual, contra a mínima porção que afirmou que a quantidade tinha aumentado. (Figura 2.14).

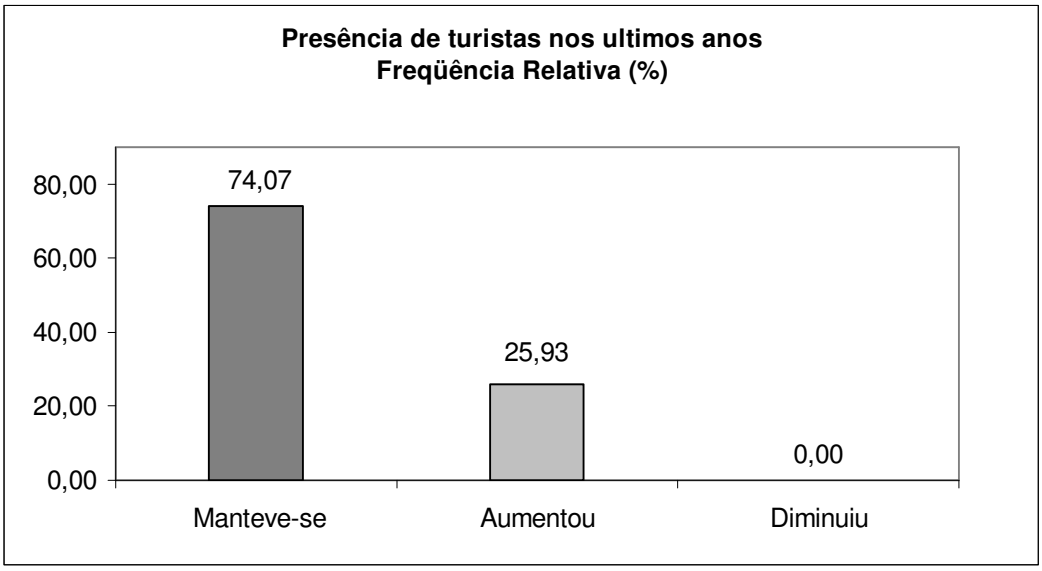

Figura 2.14 – Percepção sobre a quantidade de turistas que ingressaram na comunidade

Essas cifras poderiam ser comparadas com estatísticas que indiquem se efetivamente houve o ingresso de turistas na zona durante os últimos anos, mas dentro da comunidade não é de costume nem regulamentado o registro de pessoas alheias. O dado que se tem sobre a diversidade e número de pessoas que visitam essas zonas é referenciado pela transmissão oral das informações proporcionada pelos indígenas, que é valida para esse estudo.

De forma geral em toda a região, o turismo nacional se incrementa durante as festas da pátria, Natal e final de ano. Com relação ao turismo internacional, principalmente do hemisfério norte chega ao país principalmente durante as férias de verão, julho – setembro (ACPC, 2004b)

Durante o processo de re-categorização das áreas protegidas, desde 1997 até 2003; ano em que foi declarada a Reserva Comunal, diversas Instituições de pesquisa (públicas e privadas) realizaram visitas a todas as comunidades que se localizam na zona de amortecimento.

Respaldando as declarações sobre a presença de visitantes turísticos, 90% afirmaram que os principais compradores dos seus produtos artesanais são os intermediários, e somente 10% indicou que os compradores são os turistas que passam pela comunidade para ir até as Cataratas de Parijaro, ou aqueles que são trazidos pela ONG ACPC.

D. Contato com intermediários

Denominamos aqui intermediários a comerciantes particulares ou pertencentes a alguma organização, que agem como um elo entre a comunidade e o centro mercantil mais próximo, onde os produtos indígenas serão vendidos. Peralta (2001) acrescenta que o intermediário funciona como enlace entre o produtor e o distribuidor. Essa definição foi dada em função do objetivo de analisar a relação entre os intermediários e a percepção indígena da influencia desses sobre a forma de vida da população.

Os principais intermediários identificados pelos indígenas são: os comerciantes, as ONG's e Instituições Governamentais.

Como mostrado na Figura 2.15 como primeira opção de compra, os intermediários elegem os produtos de algodão, os produtos feitos com sementes são colocados como segunda opção e os produtos feitos de folhas de palmeiras se encontra como a primeira na terceira opção.

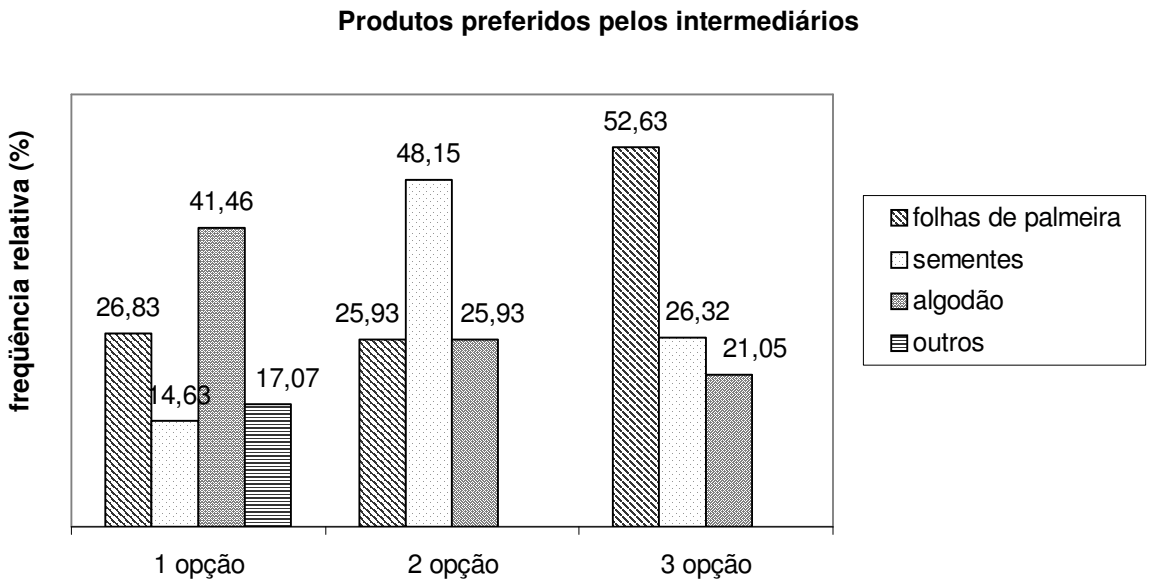

Figura 2.15 – Produtos feitos a partir de diversas matérias primas

Assim, dentre os produtos de algodão (Figura 2.16) os Tzaratos (bolsas) são os mais cotizados e oferecidos pelos indígenas. As Cushmas se encontram em terceira ordem de preferência. As bolsas são de fácil confecção, e pode-se inferir que sejam estocados em maior quantidade pelas famílias.

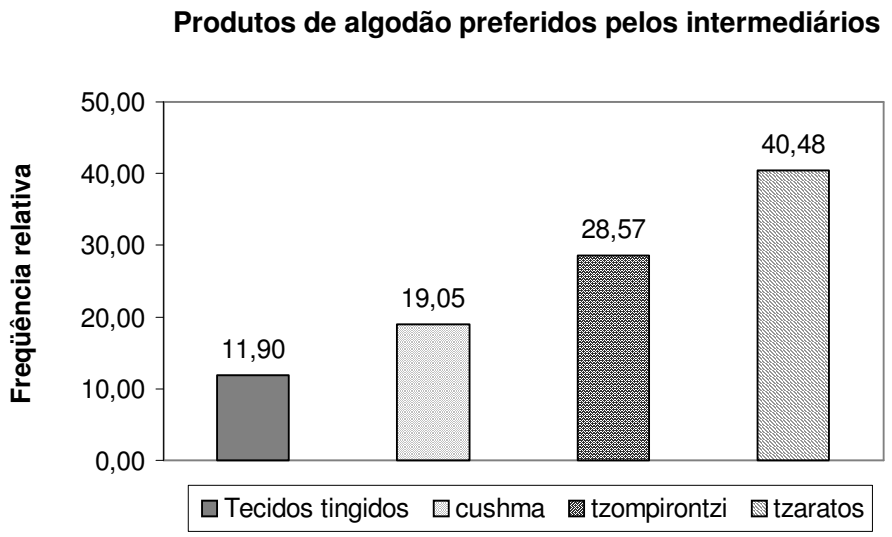

Figura 2.16– Produtos de algodão que usam Potsotaroki

Quando os comerciantes chegam nas comunidades, geralmente a cada 15 dias, levam múltiplos produtos de interesse para os indígenas como: leite, atum em conserva, lanternas, baterias, sabão, velas, fósforos, tecidos de algodão sintético, cerveja, bolachas, panelas, mantas, rádios, etc. (PERALTA, 2001), recebendo em troca diferentes produtos indígenas, como produtos agrícolas e artesanatos.

A pergunta sobre a percepção indígena sobre a influencia dos intermediários sobre a quantidade de casca utilizada, foi limitada à presença da ACPC durante os últimos anos (de 2000 até 2005). Essa ONG é a única entidade que manteve demanda contínua dos produtos indígenas através dos seus projetos. Como pode ser observada na Figura 2.17, dos 41 entrevistados no núcleo de Camantavishi a maior parte dos moradores declarou que não percebeu nenhum tipo de mudança com a chegada da ONG.

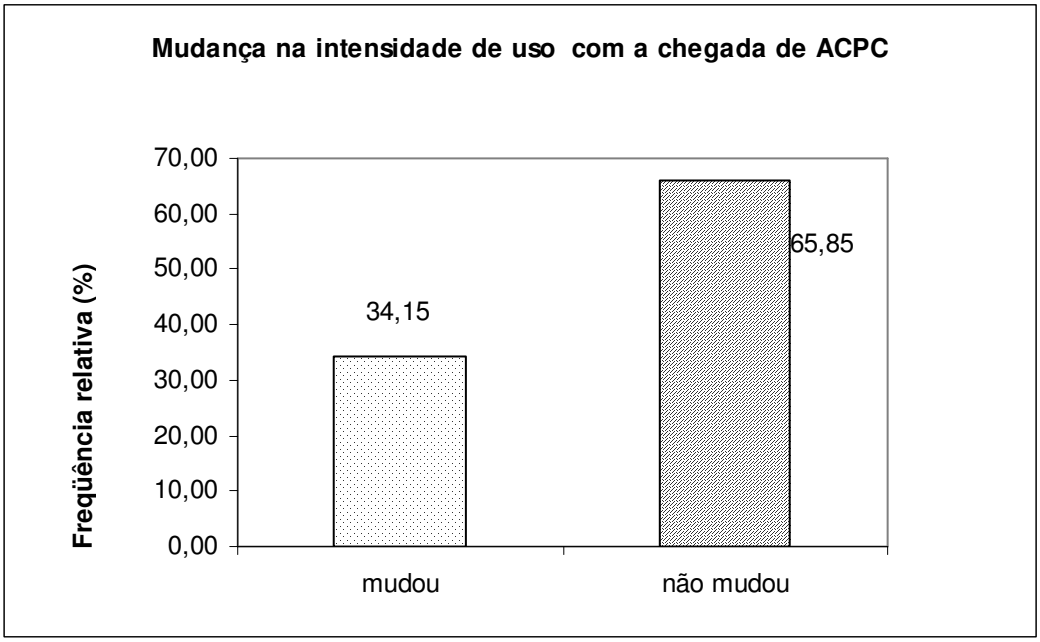

Figura 2.17 – Percepção da influência de ACPC na intensidade de uso de recursos

Não existem Instituições do governo de forma permanente em Camantavishi. O serviço de saúde está instalado na comunidade Cutivireni, localizado a uma hora de percurso em barco. Neste caso existe um “Promotor de saúde” natural dessa comunidade que foi capacitado para prover primeiros socorros nos casos mais simples. Quando ocorrem casos mais complicados os doentes são trasladados até a comunidade Cutivireni.

No plano educacional, os professores podem ser da própria comunidade ou de regiões próximas, mas eles devem se instalar obrigatoriamente na comunidade. Assim, aparentemente os representantes do governo parecem não ter uma forte influência sobre o dia a dia das comunidades indígenas.

4 DISCUSSÃO

Todos os fatores observados, se juntados parecem representar mais um risco do que uma vantagem para a manutenção das características culturais originais na comunidade Camantavishi. Se bem os traços culturais de uma determinada sociedade não se mantêm intactos, e sim se acomodam ao tempo em que se desenvolvem (ROJAS, 1994; SANCHES, 1997). Apresentam-se aqui algumas características que se não forem observadas e abordadas com atenção, podem desencadear mudanças radicais nos comportamentos tradicionais e com isso modificar a forma em que estes aproveitam seus recursos deixando de serem sustentáveis. Entre os resultados que merecem atenção encontram-se: 1) predominância da técnica de corte seletivo (100% em Shima e 58,5% na comunidade central), 2) transmissão de conhecimentos (53,49% repassa o conhecimento e 46,51% não), 3) preferência de espécies tingidoras para vestimenta (100% usa Trichilia mas 70,37% está disposta a usar a espécie *Pouteria sp.*).

Existe uma evidente diminuição no uso de Potsotaroki (*Trichilia pallida)* para o uso na vestimenta do dia a dia, conhecidas como Cushmas. Até o ano de 2003 uma alta percentagem das mulheres observadas (80%) estava usando Cushmas tingidas com Potsotaroki, e no ano 2006 somente 8 mulheres (20%) foram observadas com Cushmas tingidas. Em três anos a diminuição foi de 40% no uso de corantes naturais. Esse fenômeno não se observa somente nas comunidades peruanas. Esse fenômeno também é observado na população Indígena Tsimane's na Bolívia, onde o uso de corantes vegetais está desaparecendo progressivamente, devido à substituição dos fios naturais por fios de algodão coloridos artificialmente trazidos pelos comerciantes (REYES, 2001).

As Cushmas constituem além de um artigo de vestimenta uma característica da identidade cultural desse povo, portanto seu uso continuado representa a persistência dos valores comunitários na Etnia, em contraposição com esforços prolongados alienação (VEBER, 1996). Ainda, essa autora identificou durante sua pesquisa na região que é comum observar que a mudança no uso dessa vestimenta típica, vem acontecendo desde os representantes e chefes comunais, os quais usam no dia a dia

roupas de estilo ocidental, e usam as Cushmas principalmente durante encontros com pessoas alheios à etnia.

Os corantes podem ser aplicados tanto sobre os fios de algodão natural como nos fios sintéticos brancos. No entanto o observado foi que a substituição não é só dos panos de já prontos para serem usados, mas também dos fios de algodão com os quais é feito o tramado das Cushmas de algodão natural. Os tecidos de algodão sintético que são trazidos da cidade, têm a característica de serem tingidos também com corantes artificiais.

Deve-se destacar que a faixa etária no centro principal varia entre 20-52 anos, com maior proporção de mulheres entre os 25 - 35 anos. No anexo Shima a faixa etária varia entre 20-40 anos sendo que 50% se encontra entre 30 e 40 anos. Essa faixa etária, quando relacionada com o tipo de corte e uso de *Trichilia pallida*, pode indicar que existe uma maior tendência entre as mulheres novas a usarem técnicas de corte prejudiciais a espécie, assim como a substituição de tinturas naturais por tecidos já tingidos com corantes artificiais.

Como bem menciona Rojas (1994) quando uma sociedade adota certos comportamentos que pertencem à outra fronteira cultural, uma das razões que fundamentam essa mudança é a maior eficiência de um método sobre outro. O processo de tingimento com *Trichilia pallida*, é considerado longo e demorado (VEBER, 1996; ACPC, 2001), exigindo maior dedicação, e muitas vezes deixando de lado outras tarefas que também são importantes dentro do núcleo familiar.

Durante o processo de consulta para a formação das Áreas Protegidas, o turismo foi identificado pelos Indígenas como prejudicial para as comunidades, por razões tais: obtenção dos recursos naturais e informação sem permissão, utilização de guias próprios ao invés dos guias locais, e por ultimo, falta de valorização dos costumes Indígenas (ACPC, 2004). No entanto, a visitação turística pode trazer conseqüências sociais tanto positivas como negativas, mas que são mais difíceis de se identificar, pois em geral, não são perceptíveis em curto prazo (SOLDATELI, 2002).

A comunidade Camantavishi encontra-se exposta a muitos fatores de mudança, entre eles a visitação turística, a presença de ONG's, Instituições do governo e comerciantes intermediários. Pode-se dizer que estes, ao mesmo tempo agem

indiretamente como turistas pois levam produtos artesanais para serem vendidos na cidade. Dos dados apresentados, pode-se deduzir que o impacto que pode causar um visitante em condição de “turista direto” foi considerado mínimo, pois a quantidade de visitantes durante os últimos anos se manteve a mesma.

Nas entrevistas foi registrado que existe uma preferência pela espécie *Pouteria sp* para a confecção da vestimenta própria devido a facilidade para ser encontrada no campo. No entanto apesar desse fácil acesso, a cor fixada nos tecidos é de pouca duração. Assim, é necessário repetir o processo de tingimento várias vezes, resultando num maior gasto de tempo para essa atividade. No caso do artesanato feito para venda, os produtos passam por uma avaliação de qualidade do acabamento. Para isso as mulheres optam por usar *Trichilia pallida* que assegura maior durabilidade e tonalidade da cor fixada nos seus produtos.

No caso dos artesãos de Bali localizados na parte ocidental do Parque Nacional de Bali (Indonésia), diversas organizações do governo e privadas incentivaram a produção em massa e a conseqüente exportação de peças de madeira talhada devido ao aumento no turismo local (ROHADI; PERMADI; HIDAYAT, 2005). Esse incremento na demanda de artesanato fez com que se colocasse em risco a espécie florestal mais usada. De acordo com Magro (2003) as atividades turísticas são vistas como uma grande oportunidade para a sustentabilidade econômica das UCs brasileiras, e isso pode ser repetido em lugares onde a situação seja parecida. Apesar da *Trichilia pallida* aparentemente ter uma abundância natural em toda a região, se os planos de comércio propostos por ACPC (2004b) e o governo local forem cumpridos, existirá a necessidade de fazer planos de manejo, que assegurem técnicas de aproveitamento adequadas. Os dados registrados indicam que a técnica de corte total e derrubada são as mais usadas entre a população mais nova e portanto as que serão transmitidas para as próximas gerações.

O turista, quando chega na região de destino, não se despede de sua referência cultural para incorporar a referência autóctone. Quando viaja, o turista leva consigo todos os seus hábitos e comportamentos de consumo para a região de destino, independente de qual seja a destinação escolhida. Mesmo no caso do Turismo Cultural, onde o que suscita o deslocamento do turista (a viagem) é o interesse pela cultura do

outro (PIRES, 2004). Levando esses fatores em consideração, sociedades Indígenas, onde a valorização cultural é fraca, podem ser mais vulneráveis na aquisição de valores externos. Isto é explicado pela tendência em considerar os produtos e manifestações culturais alheios como novidades e com maior atrativo, ou simplesmente diferente do que os valores culturais próprios. Em Camantavishi uma clara preponderância á transculturação foi observada, em contato com pessoas que agem como turistas diretos e aqueles que podem ser considerados como turistas Indiretos (comerciantes, ONG's, colonos, pesquisadores, etc.)

Existe maior interesse pelos tecidos confeccionados para venda, do que por aqueles feitos para o uso diário. Apesar da produção artesanal ajudar na revalorização cultural, isso também pode se refletir em uma mudança de produção utilitária para produção comercial, a través da criação ou potencializarão da necessidade de ingressos econômicos aos quais as famílias estão se adaptando, características adquiridas das sociedades mercantilistas. Neste caso a venda de produtos indígenas para o setor turístico é entendida como o cumprimento de uma função social ou cultural, mas com claros objetivos econômicos (GREATHOUSE-AMADOR, 2005)

Devido a sua abundancia natural na região (KOMETTER, 2001), a espécie *Trichilia pallida* é comercializada principalmente por suas características desejáveis para construção civil, resultando em desperdício da casca. A extração de *T. pallida* é feita em florestas publicas e em terras comunais (que contam com plano de manejo). No entanto uma das principais ameaças dessa zona é a extração ilegal tanto nas comunidades como em alguns setores da Reserva Comunal. A noção de que isso é um problema se traduz no relato de um Indígena da Comunidade Coriteni (Rio Tambo): "na minha comunidade não tem mais madeira boa para aproveitar, por isso os madeireiros ilegais estão entrando na Reserva Comunal e alguns já entraram até o Parque Nacional" (Comunicação pessoal, 2004)[38]

[38] ELI SANCHEZ, Comunidade Coriteni, 2004

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Existe pouca informação documentada a respeito das propriedades corantes da espécie *Trichilia pallida*, sendo a bibliografia científica mais completa quando referente às suas propriedades inseticidas. No entanto, tomando como base as informações e registros sobre as experiências indígenas, se procedeu a documentar as técnicas de aproveitamento e formas de uso, devendo-se aprofundar posteriormente com maior detalhamento as propriedades químicas da casca.

A formação das Reservas Comunais em forma integrada com o Parque Nacional, recebeu destacada atenção por parte do Governo e de entidades privadas, devido ao fato de ser um dos primeiros casos Peruanos onde o trabalho coordenado deve ser estabelecido entre Indígenas, profissionais do governo e representantes da comunidade cientifica. Como bem menciona Poshen (2000) a população afeta a floresta tanto positiva quanto negativamente, sendo a contribuição humana indispensável para o manejo e a proteção das florestas intactas assim como na sua recuperação. Neste caso, um adequado uso e manejo dos recursos naturais nas partes baixas da cordilheira, ou seja na zona de amortecimento formada pelas comunidades, (entre essas Camantavishi) é de vital importância. A exploração descontrolada de qualquer recurso, como por exemplo *Trichilia pallida*, poderia comprometer o cumprimento dos objetivos relacionados com a conservação em harmonia com os usos tradicionais das Sociedades Indígenas.

A formação do Sistema de Áreas Protegidas em 2003, gerou maiores expectativas para um aumento da afluência de turismo, principalmente nas comunidades Indígenas, onde o tipo de Turismo Étnico ou Cultural e o Turismo cientifico possam ser desenvolvidos. Estima-se que o Turismo Cultural representa 30% das motivações de viagens (BRASIL, 2005). Como em muitos lugares, o turismo fornece benefícios econômicos e sociais às comunidades locais quando estas exploram seus recursos naturais de forma sustentável (SOEHARTONO[39]; NEWTOM, 2000; SANCHES, 1997; PINEDO-VASQUEZ 1990). Em Camantavishi, durante os últimos anos aparentemente não houve incremento no numero de turistas. No entanto a possibilidade continua existindo devendo ser considerado não só a alternativa

[39] Ver o texto *The Gaharu Trade in Indonesia: Is it Sustainable*?

econômica oferecida pelo turismo, mas também o detrimento das características culturais dos povos Asháninka.

No começo do estudo estabelecemos o suposto de que quando acabarem os indivíduos de *Trichilia pallida*, localizados perto da comunidade, existiria a possibilidade de que o aproveitamento seja re-orientado até as áreas protegidas, como o Parque Nacional Otishi . No entanto, a partir da análise dos mapas de concentração natural observa-se que existe ainda uma grande disponibilidade da espécie dentro do território comunal. Além destas razões, existem outros fatores que poderiam ter maior influência para o incremento no uso ou descarte dessa espécie como corante natural.

Dos dados obtidos não se pode concluir que o Turismo seja responsável pelas mudanças observadas no uso tradicional na espécie *Trichilia pallida*. Porém, os resultados mostram a existência de outros diversos fatores externos a cultura Asháninka que podem provocar mudanças ao interior da organização familiar e com isso causar mudanças nos hábitos tradicionais. Entre os fatores observados encontram-se os comerciantes, as ONG's e os representantes do Governo.

Como explica Cavero (2003) as atividades das mulheres Asháninka estavam orientadas basicamente ao lar e á chácara, mas na atualidade elas também atuam na produção de artesanato, gerando ingresso econômico, o que ajuda na revalorização do papel da mulher no interior da família e da comunidade, promovendo mais ingressos e a preservação da cultura. No entanto uma produção que não vise a conservação tanto da matéria prima quanto dos traços culturais, está destinado ao fracasso.

Foi reportado o uso de espécie Quichapiki (*Pouteria sp*), como alternativa ao uso de Potsotaroki (*Trichilia pallida)*. Essa espécie foi registrada também na comunidade Yoyato, sendo considerada abundante nas duas comunidades (ACPC, 2004b). Aconselha-se o aprofundamento nos estudo sobre ecologia e abundancia assim como a documentação das técnicas empregadas para o uso tradicional.

Referências

ABALOS, R. M. Productos forestales no madereros en América latina**.** In**:** PROYECTO INFORMACIÓN Y ANÁLISIS PARA EL MANEJO FORESTAL SOSTENIBLE: INTEGRANDO ESFUERZOS NACIONALES Y INTERNACIONALES EN 13 PAÍSES TROPICALES DE AMÉRICA LATINA, **FAO-Unión Europea**. Santiago de Chile. 2001. 206 p.

ACPC- ASOCIACIÓN CUTIVIRENI. **Diagnostico de las capacidades productivas en las Comunidades Asháninka del río Ene**. Lima, 2001. 32 p.

ACPC- ASOCIACIÓN CUTIVIRENI. **Premisas sobre los Recursos Naturales en el ámbito de las áreas protegidas, Parque Nacional Otishi e Reserva Comunal Asháninka**. Lima, 2002. 30 p.

ACPC- ASOCIACIÓN CUTIVIRENI. **Áreas Protegidas em Vilcabamba**. Disponível em: <http://www.geocities.com/acpcweb/anpvilc.htm> Acessado em: 14 de fev 2003

ACPC- ASOCIACIÓN CUTIVIRENI. **Memoria del Primer Taller Participativo para la Elaboración del Plan Maestro del Parque Nacional Otishi**. Satipo-Peru, 2004.

ACPC- Asociación Cutivireni. **Proyecto: Producción y comercialización de artesanías de Comunidades Asháninka del Río Ene**. Lima, 2004. 83 p.

ACPC- Asociación Cutivireni. **Inventario e Plan de Manejo forestal en la comunidad Indígena Camantavishi**. Lima, 2005. 50 p.

ALONSO, L.E.; ALONSO, A.; SCHULENBERG, T. S, DALLMER, F. **Biological and social assessment of the cordillera de Vilcabamba, Perú**. Washington: Smithsonian Institution. Rapid assessment program / Monitoring and assessment of biodiversity program. 2001, 298 p.

BARROS, P. M. De. **Modelo de planejamento para implementação e desenvolvimento do ecoturismo: Diagnóstico ecoturístico – estudo de caso**. 1999. 98 p. Dissertação (Mestrado em Ecoturismo). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 1999.

BRACK, A.E. **Tratado de Libre Comercio y Biodiversidad del Perú**. Lima: Base de Datos Universidad Nacional Agraria La Molina, 2004. 16 p.

CAVERO, G. M. **Salud y Derechos Sexuales y Reproductivos Percepciones, Problemas y Prioridades definidos por mujeres Asháninka del río Ene**. Disponível em: < http://www.geocities.com/acpcweb/salud.htm#> Acessado em fev. 2003.

CONSERVACION INTERNACIONAL-PERÚ. **Estrategia de comunicaciones corredor de Conservación Vilcabamba – Amboró. Sector Peruano**. Lima, 2002. 56 p.

CRUZADO, G. **Plan piloto para el aprovechamiento sustentable de subproductos del bosque con las comunidades Asháninka del río Ene**. Lima: ACPC/ COE, 2000. 20 p. (Relatório semestral)

CRUZADO, G. **Fortalecimiento de las capacidades locales para el control de actividades forestales**. Lima: ACPC; Programa Selva Tropical Humeda -UICN, 2003. 54 p. (Informe Técnico Final)

GACHATHI, F. N. The plants for life Database. In: The NTFP Database Workshop, 1995, Indonesia. **Non-timber forest product databases.** Indonesia: Cifor- Center for International Forestry Research - publicação especial, 1995. 94 p.

GREATHOUSE-AMADOR, L. Tourism and policy in preserving minority languages and culture: the Cuetzalan Experience. **Review of Policy Research,** Puebla, v. 22, n. 1. p.49-58, Jun 2005.

GUARATINI, C.C. I; ZANONI, M. V. B. Textile dyes. **Química Nova**, São Paulo, v. 23, n.1, p 71-78. Jan./Fev. 2000. disponível em: http://www.scielo.br . Acesso em: 10 mar . 2006.

HAGUETTE, T. M. O objeto das metodologias qualitativas. In: _____. Metodologias qualitativas na sociologia. Rio de Janeiro: Vozes, 1992. p. 55-92.

HORWICH, R. H.; MURRAY, D.; SAQUI, E. ; LYON, J.; GODFREY, D. O ecoturismo e o desenvolvimento da comunidade: a experiência de Belize. In; LINDBERG, K.; HAWKINS, D. E (Ed.). **Ecoturismo – um guia para planejamento e gestão**. São Paulo: SENAC, 2. ed. 1999. p. 257-284.

INSTITUTO DE RECURSOS NATURALES-INRENA. **Expediente técnico de Categorización de la zona reservada Vilcabamba. Parque Nacional Otishi**. Lima, 2002. 64 p.

ISA- INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. Disponível em <http://www.socioambiental.org/pib/epi/ashaninka/ashaninka.shtm>. Acesso em 20 jun. 2006.

KATAOKA, S. Y. **Indicadores da Qualidade da experiência do visitante no parque estadual da Ilha Anchieta.** 2004. 97 p. Dissertação (Mestrado em Recursos Florestais) Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, Universidade de São Paulo, Piracicaba, 2006

KOMETTER, R. **Expedientes técnicos para la recategorización de la Zona Reservada Apurimac**. Lima: Conservación Internacional-Perú, 2001. 123 p. (Documento producido por el proyecto GEF/ Banco Mundial-CI-Perú)

LINDBERG, K.; HUBER JR. R.M. Questões econômicas na gestão do ecoturismo**.** In: _____; HAWKINS, D. E (Ed). **Ecoturismo – um guia para planejamento e gestão.** 2. ed. São Paulo: SENAC, 1999. p. 143-195.

LAGE, B. H. G.; MILONE, P. C. Impactos socioeconômicos globais do turismo. **In**: ____. **Turismo teoria e prática**. São Paulo: Atlas, 2000. p. 117 -131.

MAGRO, T.C. Percepções do uso público em UCs de proteção integral**.** In: BAGER, A. , **Áreas protegidas**: (Ed) Conservação no âmbito do cone sul. Pelotas: Alex Bager, 2003. cap.6, p.87-98.

MARQUES, J. G. O Olhar (des) multiplicado. O papel do interdisciplinar e do qualitativo na pesquisa etnobiologica e etnoecologica. In: AMOROZO, M.; MING, L. C.; SILVA, S. P. **Métodos de coleta e análise de dados em etnobiologia, etnoecologia e disciplinas correlatas**. Rio Claro: UNESP /CNPQ, 2002. p.30-46.

MATHIAS, K. S.; DIAS- PINTO, D.; SOUZA, L. A de; MOSCHETA, I. S**.** Morfo-anatomia da plântula e do tirodendro de Trichilia catigua A. Juss., T. elegans A. Juss. e T. pallida Sw. (Meliaceae). **Acta Scientiarum Maringá**. v. 24, n. 2, p 601-610, 2002.

MENDES, M. Os habitantes Asháninka in**:** CUNHA, M. C da; ALMEIDA, B. M. de (Org.) **Enciclopédia da floresta. O alto Juruá:** praticas e conhecimentos das populações. São Paulo: Companhia das letras 2002. cap. I, p. 161-168.

MORELLATO, L. P. C. Phenology, sex ratio and spatial distribution among Dioecious Species of Trichilia (Meliaceae). **Plant Biology**. Rio Claro, v. 6, p 491-497, 2004,.

NEWING, H; WAHL, L.. Reservas comunales en el Perú. **Cultural Survival special edition on Indigenous Peoples and Protected Areas.** Canterbury: University Kent, 2004. 9 p.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO – OIT. C 69 **Convenio sobre Pueblos indígenas e tribales,** 1989. Disponível em: <http://www.ilo.org/ilolex/spanish/convdisp1.htm> Acesso em: fev. 2004

PAJARES, E. G; BREHAUT, I. L. **Entre el Mito y la Ciencia:** El Caso de los Grupos Étnicos Matsiguenka y Asháninka. El impacto de los conocimientos tradicionales de los pueblos indígenas amazónicos en la conservación de la diversidad biológica, Tendencias en el marco de la globalización. Lima: GEF BANCO MUNDIAL; CI-Perú, 2001. 265 p. Consultoría Asociada.

PATRÍCIO, P. C.; CERVI, A. C. O gênero *Trichilia* P. Browne (Meliácea) no Estado de Paraná, Brasil. **Acta Biologia Paraná,** v. 34, n. 1 /4, p 27-71, 2005

PERALTA, P. **Análisis de los circuitos económicos en Vilcabamba**. Lima: ACPC; CI-Perú, 2001. 150 p. (Informe de evaluación para la recategorización de las Áreas Protegidas)

PERALTA, P. **Socioeconomic Evaluation of indigenous communal carpentries in the Peruvian Amazon**. 2004, 100 p. Dissertação (M. S. em tropical conservation) – Natural Resources and Environment, University of Florida, Florida.

PINEDO-VASQUEZ, M.; ZARIM, D.; JIPP, P.; CHOTA-INUMA, J. Use- Values of tree Species in a communal Forest Reserve in Northeast Peru. **Conservation Biology**, v. 4, n 4, p .405-416, Dec. 1990.

PIRES, E. V. **Impactos Sócio-Culturais do Turismo sobre as Comunidades Receptoras: Uma Análise Conceitual**. Caderno Virtual de Turismo. v. 4, n 3. p. 1-8, 2004. Disponível em: < http://www.ivt-rj.net/caderno/>

POSEY, D. Etnobiologia: Teoria e pratica. In:REBOUSA, D. **Suma Etnologica Brasileira,** Petrópolis. v. 1, p. 15-28, 1986.

PROFESSORAMARA. BLOG DA PROFESSORA MARIA. **Uso de Corantes Naturais**. Disponível em: <http://professoramara.blogspot.com/>. Acesso em 10 set. 2006.

REYES, V. G. **Indigenous People, Ethnobotanical knowledge, and market economy. a case study of the tsimane' amerindians in lowland Bolivia.** 2001. 273p. Dissertation (Doctor of philosophy) - University of Florida, Florida, 2001.

REYNEL, C. Un vocabulario para describir y nombrar a los árboles en la lengua Campa-Asháninka. **Revista Forestal del Perú,** Lima, v. 12, n. 1/ 2. p. 15-25. 1998.

ROEL, A. A; VENDRAMIM, J. D; FRIGHETTO, R. T. S; et al. Efeito do extrato acetato de etila de Trichilia pallida Swartz (Meliaceae) no desenvolvimento e sobrevivência da lagarta-do-cartucho. **Bragantia.** Campinas, v.59, n.1, p.53-58, 2000.

ROHADI, D; PERMADI, P; HIDAYAT, S. Color, Sustainability and Market Sense in Bali. In: Cunningham, T., Belcher, B., and Campbell, B. **Carving Out a Future: Forests, Livelihoods and the International Woodcarving Trade**. London, 2005. p. 121-133.

ROMAN, Z. Relaciones Intertribales en el bajo Urubamba y el alto Ucayali. Lima: CIPA-Andrômeda , n. 5, p 89-115, 1983.

ROJAS, Z. E . **Pachakama, Inka, y el origen de las herramientas de acero. Dones divinos y remplazo tecnológico en un contexto de subordinación económica e intercambio desigual. El caso de los Campa Asháninka de la Selva Central**. 1990. 2 v. Tesis de licenciatura (Licenciado en Antropología) Pontificia Universidad Católica del Perú. 1990

ROJAS, Z. E . **Los Asháninka: un pueblo tras el bosque, Contribución a la etnología de los campa de la selva central peruana**. Lima: [s.n], 1994. 354 p.

ROJAS, Z. E. Origen y clasificación de las plantas cultivadas en el pensamiento mítico Asháninka. **Revista Antropológica**. Lima, n. 15, p. 255-288, 1997.

ROJAS, Z. E. Aspectos Técnicos y simbólicos del hilado y el tejido entre los Asháninka**.** **Revista Antropológica**. Lima, n. 17, p. 117-134, 1999.

ROJAS, Z. E. Las clasificaciones Asháninka de la Fauna del Piedemonte Central: Un caso de diferentes niveles de aproximación. **Instituto Francés de estudios Andinos**, [s.l], v. 32, n. 1, p. 185-212, 2003.

SANCHES, R. A. **Caiçaras e a estação ecológica de Jureia- Itatins litoral sul são Paulo. uma abordagem etnográfica e ecológica para o estudo da relação homem-meio ambiente**. 1997. 209 p. Dissertação (Mestrado em Ecologia)- Instituto de Biocenciencias, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

SANTIAGO, C.M.; PIMENTEL, D.; CRUZADO, G. M. **Impactos Sócio-Culturais sobre as comunidades Tradicionais**. Piracicaba: Depto. Ciências Florestais, LANP, 2004. 25p. (Relatório apresentado na Disciplina Manejo de Uso Publico em Áreas Naturais Protegidas)

SHIVA, M.P. A stride towards catering to the information needs of NTFP users. In: THE MFP DATABASE, 1995, India. **Seriates**…India: Centre of Minor Forest Products. p. 45-53.

SIMMONDS, M.S.J.; STEVENSON, P.C.; PORTER, E.A.; VEITCH, N.C. Insect Antifeedant Activity of Three New Tetranortriterpenoids from Trichilia pallida. **Journal Natural Products.** Chatam maritime, v. 64, n 8 . p. 1117 – 1120, 2001.

SITECURUPIRA –Corantes. Disponível em: <http://www.sitecurupira.com.br/corantes/ corantes_cores.htm>. Acesso em 15 set. 2006.

SOEHARTONO, T; NEWTON, A.C. Conservation and sustainable use of tropical trees in the genus *Aquilaria* II. The impact of Gaharu harvesting in Indonesia. **Biological Conservation,** v. 97, n. 1, p. 29-41, 2001. Disponivel em: www.elsevier.com/locate/biocon. Acesso em 8 nov. 2005.

SOLDATELI, M. **Base conceitual do Ecoturismo.** 2002. Apostila preparada como suporte teórico para a disciplina de Ecoturismo, curso de Turismo e Hotelaria- UNIVALI, São José dos Campos. 2002. Disponível em: ttp://www.sj.univali.br/prof/MarcioSoldateli/ DisciplinaEcoturismo/Apostila/Unidade 2 - Impactos do Turismo.doc.> Acesso em 10. out. 2004

SORIA, C. M; CASANTO, S. E; **Arte y cultura del monte: Asháninka del Perené.** Lima: Universidad Nacional Mayor de San Marcos. 2002. 98 p.

SOUZA, L. A; MOSCHETA, I; MOURÃO, K. S; SILVERIO, A. **Morphology and Anatomy of the Flowers of Trichilia catigua A. Juss., T. elegans A. Juss. and T. pallida Sw. (Meliácea)**. Universidade Estadual de Maringá, Curitiba, v. 44, n. 4, p. 383 - 394, dec.2001.

STYLES, B.T. The flower Biology of the meliaceae and its bearing on tree breeding Common wealth**. Silvae Genética.** Oxford, v. 21, n. 5, p. 175-182, sep. 1971.

TRIVINHOS, A. N. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987. 175 p.

VEBER, H. External inducement and non-westernization in the uses of the Ashéninka Cushma. **Journal of Material Culture.** Londom, v.1, p. 155-183, Jul 1996

VENÃNCIO, M. S; ROQUILINO, S. S; LOPEZ, S. A; ALVES, M,N.J. Distribuição de espécies arbóreas em um gradiente topográfico de floresta estacional Semidecidual em Viçosa, MG. **Scientia Forestalis**. Piracicaba, n. 64, p. 172-181, 2003.

VIERTLER, R. Métodos Antropológicos como ferramenta para estudos em Etnobiologia e Etnoecologia. In: AMOROZO, M.; MING, L. C.; SILVA, S. P. **Métodos de coleta e análise de dados em Etnobiologia, Etnoecologia e disciplinas correlatas**. Rio Claro: UNESP /CNPQ, 2002. p. 11-29.

WHEELER, D A; ISMAN, M. B; SANCHEZ-VINDAS, P. E; ARNASON, J. T. Screening of Costa Rican Trichilia species for biological activity against the larvae of Spodoptera litura (Lepidoptera: Noctuidae) **Biochemical Systematics and Ecology**. v. 29, n. 4, p. 347-358, april 2001Disponível em: <**http://www.sciencedirect.com/science/journal/03051978**>. Acessado em: 10 mar. 2006.

Wilkipedia. Pigmentos. Disponível em: < http://pt.wikipedia.org/wiki/Pigmento> Acessado em:10 set. 2006.

XIE, Y.S.; ISMAN, M.B.; GUNNING, P.; MACKINNON, S.; ARNASON, J.T.; TAYLOR D. R.; SANCHEZ, P.; HASBUN, C.; TOWERS, G.H.N. Biological activity of extracts of Trichilia species and the limonoid hirtin against lepidopteran larvae. **Biochemical Systematics and Ecology**. v. 22, n. 2, p. 129-136, 1994. Disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science/journal/03051978>. Acessado em: 5 mar. 2006.